

TEXTOS
CHIMAERA



TEXTOS CHIMAERA

DIRECÇÃO

Adelaide Meira Serras

Mário Avelar

EDITOR EMÉRITO

João Almeida Flor

VOLUME 12

TÍTULO

O EMBAIXADOR,
UMA COMÉDIA EM QUATRO ACTOS

de John Oliver Hobbes

(Pearl Richards Craigie)

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS:

M. Lúcia Diogo Ayres d'Abreu

REVISÃO

Adelaide Meira Serras

Ana Daniela Coelho

Angélica Varandas

EDIÇÃO

Centro de Estudos Anglísticos

da Universidade de Lisboa

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

TIRAGEM 150 exemplares

ISBN: 978-972-8886-30-1

ISBN (E-book): 978-972-8886-31-8

DEPÓSITO LEGAL 487138/21

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projectos UIDB/00114/2020 e UIDP/00114/2020

O EMBAIXADOR,
UMA COMÉDIA EM QUATRO ACTOS
de John Oliver Hobbes
(Pearl Richards Craigie)

Tradução, Introdução e Notas
M. Lúcia Diogo Ayres d'Abreu

Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa
2021



John Oliver Hobbes (Pearl Mary Teresa Craigie (née Richards))

Fotografia de George Charles Beresford

Impressão em platina em tons sépia, circa 1903

6 in. x 4 3/8 in. (152 mm x 111 mm)

© National Portrait Gallery

ÍNDICE

I – Introdução	11
II – Quem foi John Oliver Hobbes? (Biografia e obra de Pearl Richards Craigie)	13
III – Sobre a peça de teatro <i>The Ambassador. A Comedy in Four Acts</i> (<i>O Embaixador, uma comédia em quatro actos</i>)	27
IV – Traduzir para ver, traduzir para ler (Sobre a estratégia tradutória adoptada na tradução)	33
V – Bibliografia	37
VI – Tradução da peça de teatro <i>The Ambassador. A Comedy in Four Acts</i> por John Oliver Hobbes	39

I – Introdução

A peça de teatro *The Ambassador*, subintitulada *a comedy in four Acts* e subscrita por John Oliver Hobbes é a comédia que, dentro da vasta obra dramática deste autor, obteve um extraordinário sucesso, tanto a nível das audiências como da crítica. Esta peça foi estreada em Londres, no St James Theatre, em 1898, e manteve-se em palco durante mais de um ano. Foi também representada nas principais cidades inglesas da província, na Escócia, no País de Gales e na Irlanda assim como nos Estados Unidos da América e foi também encenada em Madrid, no Teatro Royal.

John Oliver Hobbes é o pseudónimo mais usado pela escritora Pearl Mary-Teresa Richards Craigie, nascida nos Estados Unidos da América, mas pertencente ao sistema literário inglês dos finais do século XIX, i.e. do Vitorianismo tardio, e também dos inícios do século XX, visto que a autora viveu toda a sua vida em Inglaterra e aí escreveu a maior parte da sua obra literária.

Pearl Richards Craigie foi uma romancista, novelista, ensaísta, conferencista, jornalista, crítica literária e de arte e dramaturga inglesa que não só tem uma produção literária muito abundante como obteve sempre grande êxito entre a crítica e o leitorado britânicos até à sua inesperada morte, em 1906.

John Oliver Hobbes comparava-se a Oscar Wilde, tendo declarado esta arrogante e presunçosa afirmação: “He [Oscar Wilde] took some of *my* epigrams. [...]. Without vanity I may say that I am the one writer in England who could sign a Wilde comedy and pass unchallenged” (MAISON, *John Oliver Hobbes, Her life and work* 39, it. no original).

Esta tradução com aparato crítico de *The Ambassador, a comedy in four Acts*, foi efectuada com o máximo rigor de critérios científicos. A escritora Pearl Craigie, que usou o pseudónimo John Oliver Hobbes na maior parte da sua obra literária, está, hoje em dia, quase esquecida nos cânones dos

sistemas literários da Europa, principalmente no do sistema literário português; por isso, o capítulo sobre a sua biografia e a sua extensa obra, que compreende uma edição por ano desde o seu primeiro romance, é bastante desenvolvido e pormenorizado. No que diz respeito aos outros capítulos do aparato crítico, seguiu-se a seguinte metodologia; depois de feito um levantamento das obras deste autor publicadas e/ou representadas em Portugal a fim de se saber se existia algum guião teatral e/ou alguma edição em suporte de papel ou alguma tradução desta peça dramática hobbesiana em Portugal, procurou-se saber por quem e onde tinha(m) sido publicada(s) a(s) 1ª(s) edição/edições desta peça teatral, assim como a(s) da tragédia do mesmo autor, intitulada *A Repentance*, que, a partir de certo momento, serviu de *curtain-raiser* à comédia que é o texto de partida desta tradução. Depois de se tratar da estrutura desta comédia hobbesiana no terceiro capítulo introdutório, refere-se a estratégia tradutória optada na tradução intersemiótica e intermedial de uma obra dramática cuja finalidade será a sua leitura e não a sua transposição para uma produção em palco, que é o objectivo primordial de uma peça de teatro.

Na pesquisa realizada quanto às obras deste/a autor/a existentes e/ou representadas em Portugal, só se localizou o romance hobbesiano intitulado *Robert Orange*, considerado o seu principal romance e que se encontra na Biblioteca João Paulo II da Universidade Católica Portuguesa. No que respeita às obras dramáticas hobbesianas não há registo de qualquer representação das peças de teatro deste/a dramaturgo/a na Biblioteca do Teatro Nacional D. Maria II, nem na Biblioteca Nacional, nem na bibliografia do grupo de teatro da Faculdade de Letras de Lisboa, nem sequer no levantamento bibliográfico das traduções existentes em Portugal de Gonçalves Rodrigues, *A Tradução em Portugal* (1992).

II – Quem foi John Oliver Hobbes? (Biografia e obra de Pearl Richards Craigie)

A escritora Pearl Richards Craigie, que morreu inesperadamente com apenas 38 anos, em Londres, a 13 de Agosto de 1906 (seis anos após o falecimento de Oscar Wilde), granjeou um enorme sucesso literário na década de 90 do século XIX, ou seja, na última fase do Vitorianismo tardio, e também nos inícios do século XX. Todavia, hoje em dia, é uma autora quase completamente desconhecida, tanto do público inglês como do resto da Europa.



John Oliver Hobbes (Pearl Mary Teresa Craigie (née Richards))

Fotografia Lafayette,
publicada por J. Beagles & Co
Impressão de postal em brometo, 1900s
5 1/2 in. x 3 1/2 in.
(140 mm x 88 mm)
© National Portrait Gallery

Pearl Richards Craigie, a filha mais velha do negociante John Morgan Richards, viveu toda a sua vida em Inglaterra, no seio de uma sociedade aristocrática, política, intelectual (tanto literária como artística) e, segundo as palavras do pastor americano Wellton, apesar de ela nunca ter renegado a sua origem americana, foi sempre considerada uma escritora que pertenceu à literatura inglesa (HARDING, *Air-Bird in the Water* 23).

Pearl Richards nasceu a 3 de Novembro de 1867, em Chelsea, perto de Boston, Massachusetts, nos Estados Unidos da América. Em Fevereiro de 1868, Pearl, com três meses de idade, acompanhada pela sua mãe Laura Hortense Arnold Richards, chega a Londres a fim de ambas se juntarem ao pai e marido, o bem-sucedido homem de negócios John Morgan Richards, cujo êxito económico se devera à inovação dos métodos de propaganda comercial, à introdução em Inglaterra dos cigarros americanos e, principalmente, à de novos produtos farmacêuticos patenteados, como, por exemplo, as tão afamadas e tão sarcasticamente referidas por George Moore *Carter's Little Liver Pills*.

Os ascendentes de Pearl Richards pertenciam à classe média alta americana, tinham recebido uma instrução muito completa, professavam confissões não-conformistas e haviam sido árduos trabalhadores. A sua mãe, Laura Hortense, era a terceira filha do capitão Seth Harris Arnold e neta, pelo lado materno, de Peter Spearwater, um famoso pregador presbiteriano americano que também foi membro do parlamento canadiano em Halifax. O avô paterno de Pearl era o pastor presbiteriano, Dr. James Richards, educado no *Auburn Theological Seminary*, onde o pai dele fora professor de Teologia. A avó paterna, que morre muito jovem, teve uma austera educação puritana. O pai de Pearl, John Morgan Richards, com quem ela sempre teve uma relação de grande afinidade afectiva e intelectual, nasceu em Nova Iorque em 1844, numa família economicamente pouco estável. O pastor presbiteriano Dr. James Richards, pai de dois rapazes – James e John Morgan – e de duas filhas, teve vários postos de trabalho como pregador em diferentes lugares e também foi Professor no *College of Planter* no Mississippi, obrigando assim a família a mudar de morada diversas vezes e, por causa do seu débil estado físico, acabou por desistir de a sustentar. John, o segundo filho, vem, por isso, a ser educado pelos avós maternos em Nova Iorque e, mais tarde, vive separado da família, em várias quintas onde aprende os trabalhos do campo e, ao mesmo tempo, à noite, ouve a leitura de obras literárias, adquirindo

desta forma o seu gosto pela literatura. John Morgan Richards, além de vir a publicar uma biografia da filha – *The Life of John Oliver Hobbes told in her correspondence with numerous friends* (1911) – não só escreverá uma História da Medicina (*The Chronology of Medicine* (1880) como ainda as obras *Almost Fairyland – personal notes concerning the Isle of Wight* (1914) e *John Bull and Jonathan: Reminiscences of sixty years of an American's life in England and in the United States* (1906). Virá ainda a ser proprietário da revista *Academy*, onde Pearl colaborará com vários ensaios; ele, aliás, também comprará a parte literária do jornal *The Times*.

Em Londres, a família Richards frequentava uma igreja não-conformista, ou seja, não-Anglicana. Em 1879, John e Laura Richards tornaram-se membros da congregação não conformista recentemente constituída na Igreja *City Temple* dirigida pelo fanático e carismático Dr. J. Parker. Segundo a biografia de Pearl, escrita pelo seu pai, John Morgan Richards, a filha frequentava regularmente os serviços desta igreja não-Anglicana e estudava atentamente a Bíblia. Contudo, a 5 de Julho de 1892, numa cerimónia na Igreja de St James na *Spanish Place*, Pearl, então com vinte e quatro anos, converte-se à religião Católica Romana, passando a usar o nome de Pearl Mary-Teresa Richards Craigie e, mais tarde, queixar-se-á desta denominação não conformista ao seu director espiritual jesuíta, Monsenhor Brown, declarando: “I am revolted by the Nonconformist spirit, which is heartless, tyrannical, and basely selfish. I loathed it as a child – and I considered that it has been the main cause of all my unhappiness” (HARDING, *Air Bird in the Water*, 42).

A conversão de Pearl ao Catolicismo nunca foi bem aceite pelos pais, principalmente pela mãe. Aliás, as relações da escritora com a excêntrica mãe dela, a qual dizia ter comunicações directas com Deus e com os profetas do Antigo Testamento e que cantava hinos religiosos, em voz alta e acompanhada por um harmónio, nos jardins da casa de Verão da família em Ventnor na Ilha de Wight, foram sempre extremamente conflituosas, não só devido às divergentes opiniões religiosas como ao próprio feitio extravagante de Laura Hortense. Também os amigos de Pearl sempre julgaram esta mudança de fé religiosa ser mais um capricho do que uma verdadeira convicção da escritora. Esta ideia foi sempre contrariada por ela que constantemente afirmou ser católica por fé, por opção consciente, ser adepta do Cardeal Newman e a sua conversão ter sido baseada em estudos teológicos com vários padres jesuítas e

também na leitura das biografias e das obras de Santo Inácio de Loyolla e de Santa Teresa de Ávila.

Pearl Richards Craigie teve vários mentores espirituais, todos jesuítas, com os quais manteve relações de amizade e uma assídua correspondência epistolar. Entre os conselheiros espirituais contam-se o Reverendo Monseñor William Francis Brown, futuro bispo de Pella, que não só passará vários períodos de férias com a família Richards na Ilha de Wight como se tornará um amigo íntimo da escritora, vindo a ser um dos críticos de algumas das suas obras. Esta amizade entre ambos irá sofrer um certo afastamento, sugerido pelo próprio Padre Brown numa carta que Pearl recebe aquando da sua estadia em Nova Iorque, para pôr fim aos mexericos de uma governanta e de vários padres que ligavam maliciosamente os nomes de ambos e a intimidade entre eles. O padre Brown não será o único mentor espiritual de Pearl. Entre eles contam-se o Padre Gavin, desde 1896 até ao fim da vida, o Padre Tyrell e o Padre Seddon nos dois últimos anos de vida da romancista. O Padre Gavin, quando escreve sobre a forma como Pearl vive a sua fé católica, confirma as afirmações dela quanto à sua conversão e caracteriza-a como uma mulher muito caridosa que não propagandeava os seus actos, que assistia à Missa todos os domingos, que aceitava os Sacramentos católicos da confissão e da comunhão e rezava o terço, e que tinha uma enorme capacidade de perceber as características e os comportamentos de um ser humano, sendo uma genial escritora epigramática (RICHARDS, *The Life of John Oliver Hobbes*, 345 e segs). Também Lord Curzon sublinhará a honestidade da fé católica da escritora, sugerindo a seguinte justificação para a mudança de crença:

She had the religious sense in a highly degree. At a time of much trouble [1892] she sought refuge in the communion of the Roman Catholic faith. It supplied her with a philosophy of conduct and a rationale of existence. She found an inspiration in its ideals and a solace in its authority. (HARDING, 78, v. *Life* 364-5).

Em Londres, a família Richards vive primeiro em casas alugadas, sendo a primeira em Tavistock. Segundo a biografia de John Richards, porque esta casa era muito fria e Pearl uma criança muito viva com autorização para percorrer toda a casa, o pai decide que ela deverá usar trajes masculinos que a protegessem melhor de qualquer doença. Mais tarde, Pearl dirá que

se vestia dia sim, dia não, com vestes ora femininas, ora masculinas, porque Laura Hortense teria querido imitar uma senhora francesa vizinha que fazia o mesmo à sua própria filha. Este hábito de Laura Hortense relembra a atitude da poetisa *Speranza*, mãe de Oscar Wilde, que o vestia com roupas femininas.

A instrução de Pearl foi muito cuidada e dispendiosa. Aos dezassete anos de idade, quando acabou os primeiros estudos, ela era o que então se chamava uma mulher prendada. A instrução primária de Pearl Richards iniciava-se em casa, primeiro dada pelos próprios pais, pois a família era nessa época muito unida e com pouca convivência social, uma vez que ainda não se relacionava nem com ingleses, nem com a colônia americana que, aliás, ainda nem sequer estava formada.

Antes dos cinco anos de idade já Pearl lia e escrevia com facilidade. Aos nove anos, escreveu não só várias pequenas histórias que o Dr. Parker publicou no seu jornal *The Fountain* em 1877 (“Lost Dog” e “How Mark Selby won his public House”), como também curtas peças de teatro, que ela encenava no seu teatrinho de brincar. O Dr. Parker, um grande amigo da família e o primeiro mentor literário da pequena Pearl, descreveu a futura autora como uma escritora espirituosa, com enorme virtuosismo verbal (*wit*), satírica e epigramática (RICHARDS, *The Life of John Oliver Hobbes* 8). Em Inglaterra, Pearl frequentará escolas internas e privadas e irá completar os seus estudos em França, onde não só aprende a falar e escrever a língua francesa fluentemente como terá aulas de piano, tornando-se uma exímia pianista que virá a acompanhar em concertos públicos a pianista Jennie Churchill, a mãe do futuro Primeiro-Ministro Winston Churchill e amiga da mãe de Pearl. Em Julho de 1898, tocam em conjunto com Mlle Maria Janotha, outra amiga da mãe de Pearl e pianista da corte britânica, no Queen’s Hall, o Concerto para três pianos em Ré menor de Bach. Imagens deste concerto aparecem fotografadas no jornal *The Sketch* (HARDING, *Air Bird in the Water*, 247).

A prosperidade económica de John Richards permite-lhe mudar para uma casa própria em Lancaster Gate, próximo de Hyde Park, e contratar governantas inglesas que ficarão encarregadas do ensino de Pearl. Nesta altura, Pearl já tem três irmãos e uma irmã, Dorothy, doze anos mais nova do que ela. O aumento da família não permite aos pais continuarem com

a tarefa da instrução dos filhos. Nesta fase da vida da futura escritora, os amigos e companheiros dela são todos ingleses.

Em 1886, depois de aos dezoito anos ter sido apresentada na corte, visto que o estatuto social e económico de John Morgan Richards já o permitia, Pearl Richards casa, aos dezanove anos, com o banqueiro e aristocrata Reginald Walpole Craigie, um jovem rico, vaidoso, bêbado e mulherengo, que, além disso, sofre de uma doença venérea. Este casamento, do qual nasce um único filho, o futuro Coronel John Churchill Craigie, termina em 1895, num doloroso e escabroso divórcio que afecta muito a frágil saúde de Pearl Craigie e cujas sessões em Tribunal são de tal forma escandalosas que o diário *The Times* (de 4 de Julho de 1895) se recusa a transpô-las para o jornal (MAISON, *John Oliver Hobbes* 17).

Já depois de casada, Pearl Richards Craigie inscreve-se em Estudos Clássicos e em Filosofia no *University College* de Londres que acabara de abrir as portas a mulheres. É aluna dos Professores W. P. Ker em Língua e Literatura Inglesa e do Dr. Alfred Goodwin em Estudos Clássicos. Além das relações de amizade entre Pearl e este professor, vinte anos mais velho que ela, o Dr. Alfred Goodwin passa a ser o seu confidente e companheiro durante a gravidez e também o seu principal mentor literário, a quem a jovem escritora dedica o seu segundo romance *The Sinner's Comedy*, publicado em 1892. Pearl serve-se da personalidade de Goodwin para a caracterização de algumas das suas personagens. O professor morre nesse mesmo ano, provocando um imenso desgosto a Pearl. A principal causa do divórcio de Pearl é a violência de Reginald Walpole Craigie (adultério, encerramento forçado em casa, ameaças de violência doméstica, chegando a apontar uma pistola à mulher e ao filho). Contudo, também a amizade entre a escritora e Goodwin será uma das pretensas causas do divórcio de Pearl, pois o ciumento Walpole Craigie acusa-a de infidelidade, chegando a declarar que o seu próprio filho não era dele mas sim de Goodwin. Pearl, que já antes tinha abandonado o lar, levando o filho consigo, para ir viver definitivamente em casa dos pais, ganha o processo e obtém a custódia absoluta do filho, não pedindo qualquer quantia para a alimentação deste, da qual fica encarregado John Morgan Richards.

Em 1891, Pearl Craigie finaliza o seu primeiro romance, cuja publicação foi recusada pela editora MacMillan, uma vez que só publicaria a obra se fosse mudado o título e feitas ainda outras alterações, o que a autora, de

24 anos, rejeita. Nesta data, segundo a própria descrição do então editor *avant-garde* T. Fisher Unwin, uma jovem e bonita rapariga de cabelos escuros e olhos negros entra nos escritórios dele para lhe propor a publicação de um manuscrito, redigido com letras violetas sobre papel amarelo. Por influência do seu leitor Edward Garnett, Unwin decide publicar na colecção *Pseudonym Library*, recentemente criada, o primeiro romance de Pearl Craigie, intitulado *Some Emotions And A Moral*, que vai ter um imenso sucesso. Apesar de ter preferido que o livro saísse do prelo com o seu próprio nome, a escritora aceita a decisão e escolhe como pseudónimo John Oliver Hobbes, que passará a usar durante toda a sua vida literária e cuja escolha justificará da seguinte maneira: “John because is my father’s and my son’s name, Oliver because of the warring Cromwell, Hobbes because it is homely” (HARDING: *Air Bird in the Water* 57; Maison, 1976, 7) e acrescentará: “Hobbes was the ugliest name I could think of” (*ibidem*) tendo ainda admitido que o nome Hobbes “[it] was after the rationalist philosopher Thomas Hobbes” (*ibidem*). Tal será o êxito deste primeiro romance que o título se tornará uma frase feita entre o leitorado inglês.

John Oliver Hobbes não é, porém, o único pseudónimo literário da romancista, ensaísta, conferencista, jornalista – foi Presidente da Associação das Jornalistas Femininas durante dois anos – e dramaturga Pearl Richards Craigie. Antes deste pseudónimo, Pearl, que contribuíra para o jornal cómico *Fun* e para a revista *Life* com algumas críticas, tanto de drama como de arte, assina os esboços humorísticos intitulados “The Note-book of a Diner-Out”, publicados precisamente na Revista *Life*, com o pseudónimo “Diogenes Pessimus” (HARDING, *Air-bird in the Water*, 54). Embora completamente abandonado, este primeiro pseudónimo não deixa de ser importante e revelador, não só por implicar a pertença ao género masculino, como pelo seu significado que pressagia o carácter pessimista e cínico da obra tardia de John Oliver Hobbes.

Após os golpes sofridos com o divórcio e a morte de Alfred Goodwin, Pearl acompanha o pai numa viagem aos E.U.A. Aqui, depois de várias recusas de editores americanos que a consideram ainda demasiadamente pouco conhecida e só publicada pela popular colecção *Pseudonym Library*, Pearl consegue que a editora Cassells publique, com as condições desejadas, *The Sinner’s Comedy*, romance que vem a lume simultaneamente em Inglaterra e em Nova Iorque sob o pseudónimo de John Oliver Hobbes.

O terceiro romance da autora – *A Study in Temptations* (1893) – será dedicado ao pintor Walter Spindler, cujo amor por Pearl, mas não correspondido por ela, durará toda a vida deste seu vizinho na Ilha de Wight, o qual pintará vários retratos de Pearl e decorará o castelo que a escritora compra naquela ilha, Lawrence Lodge, hoje chamado Craigie Lodge.

A inteligente frivolidade que caracteriza os enredos dos romances, das novelas e das peças dramáticas hobbesianas é divulgada nos seguintes pequenos versos que circulavam no mundo literário de então:

John Oliver Hobbes, with your spasms and throbs,
How does your novel grow?
With cynical sneers at young Love and his tears,
And epigrams all in a row.
(*apud* MAISON, *The Book Byer*, April 1894, 127;
MAISON, 13)

Durante toda a sua vida literária, a romancista publicará uma longa lista de romances, novelas, ensaios e também algumas *short stories*, mantendo um ritmo de produção de um romance por ano: *Some Emotions and a Moral* (1891), *The Sinner's Comedy* (1892), *A Study in Temptations* (1893), *A Bundle of Life* (1893), *The Gods, some Mortals and Lord Wickenham* (1895), *The School for Saints; part of the History of the Right Hon. Robert Orange, MP* (1897), *Robert Orange: being a continuation of the History of Robert Orange, MP and a sequel to the School for Saints* (1900), *Love and the Soul Hunters* (1902), *The Vineyard* (1904), *The Dream and the Business* (1906).

Em 1894, a escritora demonstra o seu interesse pela escrita de peças de teatro. Nesta data torna-se amiga da actriz Ellen Terry e começa a romântica, dramática e conflituosa relação com George Moore.

Desde muito nova, a escritora sempre se interessara por autores franceses como Balzac, Flaubert, etc, sendo muito influenciada por eles e conhecendo igualmente bem as novas tendências do teatro francês. Aliás, Pearl é frequentadora assídua tanto do teatro francês contemporâneo como do inglês e desde muito nova quis ser dramaturga.

Em colaboração, o escritor anglo-irlandês George Moore e John Oliver Hobbes escrevem *The Fool's Hour*. Desta peça, apenas se conhece um fragmento, o 1º acto, impresso no famoso periódico *The Yellow Book* em 1894,

nunca tendo sido encenada. Segundo Harding, já neste fragmento, Hobbes apresenta semelhanças com as peças wildianas, tanto na caracterização das personagens como nos diálogos (HARDING, *Air-bird in the Water*, 124). Também a comédia em 1 acto *Journey's End in Lover's Meeting*, só com três personagens, inspirada numa comédia francesa de Caraque¹ (*ibidem*:121 e 129) foi escrita em colaboração com Moore. Esta peça a que Hobbes chama “a proverb”² foi primeiro encenada no teatro de Daly, em Londres, com Ellen Terry no papel da personagem feminina. A actriz, entusiasmada com a peça, compra os direitos de autor. Em 1895, a peça é apresentada como *curtain-raiser* antecedendo *The Corsican Brothers*, uma adaptação dramática de Dion Boucicault do romance epónimo de A. Dumas (pai), no *Lyceum Theatre* (HARDING *Airbird in the Water*, 129).

As relações conflituosas com Moore fazem interromper a colaboração entre ambos e Pearl deixará também de contribuir para a revista *The Yellow Book*. No entanto, numa reconciliação tardia, os dois escritores voltam a escrever dramas em conjunto, entre eles, *The Coming of Gabriella*, que é atribuída só a Moore, porque Craigie não reclamou a sua co-autoria, e *The Three Lovers* (1906), peça que ficou inacabada. (HARDING, *Air-bird in the Water* 404, 422 e 465). Também neste verão de 1906, Hobbes elabora, agora com Edward Rose, a peça teatral *A Time to Love*. O facto de Moore se ter apaixonado pela dramaturga sem que esta corresponda aos desejos sexuais do autor é a causa do interregno da colaboração e da amizade entre ambos que só virá mais tarde a reatar-se, depois de uma visita de Pearl Craigie a Bayreuth e, principalmente, a fim de colaborarem em *Journey's End in Lover's Meeting*.

Além de ter pensado numa dramatização do seu romance *A Bundle of Life*, John Oliver Hobbes ainda escreve para a cena em colaboração com Murray Carson, em 1902, *The Bishop's Move: a comedy in three Acts*, que será apresentada no Garrick Theatre.

¹ Caraque¹ refere-se, na verdade, ao escritor e dramaturgo francês, Clément Caraguel, autor de uma comédia intitulada *Le Bougeoir* (1852)

² “Proverb” refere-se, segundo H. W. Longfellow, ao conceito de Provérbio Dramático, uma espécie de comédia que se praticava nos salões franceses do século XVIII. Um provérbio está inserido na acção da peça, sendo revelado no seu desenlace. Daí provém o nome de “Proverbe” aplicado a este subgénero de comédia (cf. LONGFELLOW, *Proverbes Dramatiques* 5).

A peça de teatro considerada mais importante na obra dramática de John Oliver Hobbes é *The Ambassador, a Comedy in Four Acts* que alcançou um extraordinário êxito. A seguir à encenação desta comédia, dirigida por George Alexander, que também a protagonizou, pensou em apresentar *The Wisdom of the Wise*, no St. James Theatre com Irving e de novo ele próprio no elenco. Contudo, apesar de se ter esperado igualar o sucesso que *The Ambassador* havia obtido, a peça foi extremamente mal recebida pelo público, enfurecendo Pearl Craigie, que quase pensa em desistir de ser dramaturga, o que não vem a acontecer. Pearl escreve aos dois críticos que tinham aplaudido a peça – E. F. Spencer e I. N. Ford – dizendo-lhes que considerava esta última comédia como uma experiência e um desenvolvimento da *The Ambassador*, escrita ao estilo de Molière, nada mais sendo *The Wisdom of the Wise* que uma comédia leve francesa para servir de entretenimento. Idêntica opinião sobre o objectivo do teatro será novamente manifestada no prefácio redigido para a peça *The Ambassador*. Aliás, a seguir ao êxito obtido com esta comédia, John Oliver Hobbes escreve quase simultaneamente a tragédia *A Repentance*, a tragédia em verso *Osborn and Ursyne* e a comédia *The Wisdom of the Wise*.

A Repentance serviu de *curtain-raiser* a *The Ambassador* quando as bilheteiras começaram a diminuir as vendas para esta última obra e George Alexander pede a John Oliver Hobbes uma pequena peça em um acto para acompanhar a comédia. Hobbes apresenta imediatamente a tragédia na qual já há quatro meses andava a pensar e que trata do movimento Carlista em Espanha, matéria que já havia abordado no romance *The School for Saints*. Tendo a ideia agradado a Alexander, Pearl recomenda que a música para a peça seja composta por Sir Hubert Parry, famoso compositor de hinos religiosos e peças sinfónicas. A estreia de *A Repentance* deu-se no St James Theatre no dia 28 de Fevereiro de 1899, com Alexander, Irving e Julie Opp nos principais papéis. A acção da tragédia situa-se em Espanha e decorre em 1835. O acolhimento da peça foi relativo, com críticas contraditórias na imprensa e com o espanto e a incompreensão do público quanto ao enredo. Como afirmado pela autora em várias cartas, aquilo que lhe tinha interessado tinha sido o desenvolvimento psicológico das personagens envolvidas na questão carlista e não a verdade histórica do assunto, o qual ela afirma estar correcto e ser verdadeiro. No entanto, a brevidade do espectáculo impedia não só esse mesmo desenvolvimento na caracterização como a devida compreensão do tema por parte de um público medianamente informado. Todavia, alguns

críticos consideraram que Pearl tinha conseguido uma boa caracterização das personagens. Por sugestão de Alexander, a peça foi impressa e vendida no próprio teatro com o título “Book of Words” (HARDING, *Air-bird in the water*, 225).

Em 1903, John Oliver Hobbes continua a sua carreira como dramaturga e tem em mãos *The Flute of Pan*, depois adaptada a romance por ela própria. Esta peça é primeiro apresentada em Manchester e só posteriormente em Londres. O enredo da peça e do romance trata de um emaranhado caso amoroso cuja acção se desenrola num pequeno e imaginário país do continente europeu. Esta peça é nitidamente uma sátira e uma comédia de sociedade com laivos de um musical ou de uma ópera cómica (RICHARDS, *The Life* 249; HARDING, *Air Bird in the Water* 385) do género da opereta *Viúva Alegre* de Franz Lehar.

Além da sua vida literária, onde se incluem os ensaios (“George Sand”, “George Eliot”, etc.) e as várias conferências tanto na América como em Inglaterra (“Dante and Boticelli”, “Dante and Plato”, etc) e apesar de em muitas ocasiões ter períodos de isolamento que a levam a um retiro total durante horas e, por vezes, dias assim como a tomar drogas, Pearl Craigie tem também uma intensa vida social. Entre os políticos amigos de Pearl Craigie encontram-se o Vice-rei da Índia, Lord George Curzon, e a mulher, Mary Curzon. George Curzon foi um dos homens com quem a mãe de Pearl tinha pretendido que ela cassasse a seguir ao divórcio dela e depois de viuvez dele. Todavia, Pearl foi sempre extremamente amiga de Mary. Aquando da nomeação de George como Vice-rei da Índia, Pearl faz parte dos imensos convidados presentes nessa espectacular festa do *Durbar Day* em Delhi, na Índia, onde irá várias vezes; os relatos destas estadias resultam na obra epistolar intitulada *Imperial India, Letters from the East* (1903).

Embora a sua escrita tenha sido extremamente influenciada pela sua adesão à Igreja de Roma e ela seja considerada uma escritora católica, tendo mantido a sua fé até ao fim da vida, o romancista católico William Kenneth Riede (Irmão Randal, C. F. X.), que, todavia, a aprecia apologeticamente, não deixa de notar nas obras da escritora uma certa vagueza nas afirmações dos princípios da filosofia do catolicismo: “together with a lingering effect of Protestant thought” (HARDING, *Air- Bird in the Water* 486, n.28).

Em 1924, catorze anos depois da morte da romancista e dramaturga, o editor Thomas Fisher Unwin reeditou o primeiro romance de John Oliver

Hobbes, que tinha tido um extraordinário êxito na primeira edição; mas a reedição não teve qualquer sucesso. No entanto, em 1907, John Richards tinha publicado uma breve biografia da autora com a correspondência entre ela e várias personalidades epocais como, por exemplo, o vice-rei da Índia, Lord George Curzon, e a mulher dele, Mary Curzon, John Churchill e a mulher, o pintor William Spindler, o director teatral e actor George Alexander e o actor Henry Irving, a actriz Ellen Terry, e também com vários escritores, entre eles, Alfred Pinero, Edward Gosse e George Moore. Esta correspondência mostra o ambiente em que Hobbes circulava e o seu elevado estatuto social assim como o extraordinário êxito que obteve entre todo o seu leitorado inglês.

Em 1911, o ex-vice-rei da Índia, Lord Curzon, inaugura uma placa oferecida ao *University College* de Londres em homenagem à romancista, dramaturga, jornalista, conferencista e crítica literária católica Pearl Mary Teresa Richards Craigie. Neste mesmo ano, o jornalista católico Henry Longman Stuart, na sua obra *Fenella*, recorda apologeticamente a escritora na caracterização da sua personagem Althea Rees.

Em 1907, a romancista americana Gertrude Altherton retrata depreciativamente Pearl Craigie na personagem Julia Keye do seu romance *Ancestors* e, em 1921, George Moore, na sua obra *Memoirs of My Dead Lyfe* (1906), volta a recordar, também depreciativamente, a romancista inglesa na personagem Agate, caracterizando-a como uma escritora rica “com sexo na cabeça”, que apanha um pontapé no fundo das costas dado pelo noivo em pleno Hyde Park: “[...] Agate, a wealthy writer with sex on the brain, who gets kicked by her enraged lover.” (MAISON, *John Oliver Hobbes* 68) George Moore, em *The Single Strictness*, volta a ter Pearl Craigie como modelo para a caracterização pouco elogiosa da personagem Henrietta Marr, aliás, como já o fizera com “Mildred Lawson”, uma dos três protagonistas de *Celibates* (1895) (*ibidem*; PIERSE, *George Moore: Artistic Visions* 154).

Em contraponto com as referidas menções depreciativas sobre a autora, em 1959, Graham Green, numa carta escrita ao *The Spectator*, declara de forma inequívoca a sua admiração tanto pela personalidade como pela escrita de Pearl Richards Craigie (MAISON, *John Oliver Hobbes* 75, n.15).

Depois da apreciação positiva de Graham Green, entre a década de 60 do século XX até hoje, alguns autores ainda voltaram a referir-se elogiosamente a John Oliver Hobbes (Pearl Craigie), apesar do leitorado e dos editores o

terem votado ao esquecimento e as suas obras, até há bem pouco tempo, terem estado esgotadas e não reimpressas. Esses escritores foram Oliver Edwards num curto ensaio intitulado “Mrs Hobbes” que aparece publicado na secção “Talking of Books” do *The Times* londrino em Dezembro de 1966; Vineta Colby, em 1970, numa parte do seu livro *The Singular Anomaly: Women novelists of the Nineteenth Century*, intitulada “The Wrong Paradise” e, em 1969, também Margaret Maison, além do volume já referido, publica no *The Listener*, um pequeno artigo que fora uma curta conferência na BBC – “The Brilliant Mrs Craigie”. Em 1979, também Stanley Weinraub se refere à autora/autor Craigie/Hobbes quando publica o livro de bolso *The London Yankees* (HARDING, *Air Bird in the Water* 11).

III – Sobre a peça de teatro
The Ambassador, a Comedy in Four Acts
(*O Embaixador, uma Comédia em Quatro Actos*)
por John Oliver Hobbes

A comédia *The Ambassador, a Comedy in four Acts*, encenada pelo actor-director George Alexander, que também a protagonizou, estreou-se no teatro St James Theatre do West End londrino, a 2 de Junho de 1898.

John Morgan Richards, na biografia da filha – *The Life of John Oliver Hobbes Told In Her Correspondence With Numerous Friends* – quando se refere a esta obra dramática hobbesiana, diz que foi impressa em forma de livro, sem, todavia, mencionar o seu editor. Desde o primeiro romance da escritora, *Some Emotions and a Moral*, T. Fisher Unwin foi sempre o editor londrino das obras de John Oliver Hobbes.

A primeira edição londrina desta peça teatral aparece em 1898 também publicada por T. Fisher Unwin, apresentada em dois formatos: encadernada e em brochado, ambos com 152 páginas. A capa do primeiro formato é de cor acastanhada; a edição brochada é acinzentada. A capa de ambos os formatos tem desenhos de flores em estilo Arte Nova. Também existe uma primeira edição americana publicada na mesma data – 1898 – por Frederick A. Stokes Company Ltd. A capa desta edição aparece com desenho de Will Bradley (1868-1962). Esta capa é em pano mosqueado em vermelho carmesim completamente cheia com um painel pictórico com flores em púrpura escuro e sombras de rosa, com um candelabro, armaduras brasonadas, uma face e letras em branco – tudo dentro de uma bordadura recta e grossa e com a assinatura de “B”, i.e., Will Bradley. O motivo pictórico é repetido a preto e branco no dorso do volume. Ambas as edições têm um prefácio da autora quanto à sua opinião sobre o drama (*lato sensu*). O texto de partida para esta tradução é a 2.^a edição da publicação americana do texto original.

A peça de teatro *The Ambassador, a Comedy in Four Acts* (O Embaixador, uma Comédia em Quatro Actos) começou a ser pensada e escrita por Pearl Richards Craigie em 1896, tendo sido terminada no ano seguinte. A comédia foi levada à cena em Londres e nas principais cidades inglesas, na Escócia, no País de Gales, na Irlanda e nos Estados Unidos da América e também em Madrid em 1898, tendo sido extremamente bem acolhida, tanto pelo público como pela imprensa.

Pearl Craigie tinha pensado que a comédia iria ser encenada pelo actor-director Sir Henry Irving no teatro *Lyceum*. Porém, este actor tinha então cinquenta e nove anos de idade, estava muito doente e prestes a abandonar a direcção do teatro. Por isso, a peça, apesar de ter sido dada a ler ao director Charles Windham e a Miss Mary Moore, os quais, numa primeira fase, ainda tinham considerado encená-la no teatro Criterion, mas que acabaram por a recusar, foi então apresentada ao inovador e *avant-garde* actor-director-encenador do St. James Theatre, George Alexander, que ousara, em 1892, ter posto em cena *Lady Windermere's Fan* de Oscar Wilde e *The Second Mrs Tanqueray* de Alfred Pinero. George Alexander aceitou esta obra dramática de Hobbes com a condição de ela ser primeiro produzida na província na *tournée* de Outono e só na época seguinte em Londres, em três matinées semanais, sendo ele próprio, George Alexander, a representar o papel do protagonista.

Todavia, porque a peça que se encontrava então em palco no St James – *The Conquerors* – tinha redundado num verdadeiro fracasso, George Alexander resolveu retirá-la de cena e começar os ensaios de *The Ambassador* para, de imediato, apresentar esta comédia aos espectadores do West End londrino.

Pearl Craigie, que se encontrava em Malvern, a descansar, mas também a trabalhar no seu romance *Robert Orange*, vem no dia seguinte à recepção do telegrama que a chamava a Londres e, acompanhada da sua secretária Zoë Procter, estará presente em todos os ensaios de *The Ambassador*, que, em parte, também dirige.

Pearl assistiu à representação na noite de estreia num camarote com Moo-Doo, o seu filho e futuro Coronel John Churchill Craigie, então com sete anos de idade. No fim, o dramaturgo John Oliver Hobbes foi chamado ao palco pelo público que apreciara e aclamara exuberantemente a peça. Quando apareceu em cena uma rapariga morena, jovem e bonita, vestida de cetim branco, o público perguntou onde estava “John” e volta a exi-

gir a presença do autor. Subitamente, alguém se apercebeu da realidade e então quando a dramaturga reapareceu depois de novos apelos pelo autor, o público passou a aplaudir e a gritar “Pretty John”. Nesta primeira noite também esteve presente, num camarote ao lado do da autora, o Embaixador americano Coronel John Hay.

O pai de Pearl recorda, na sua biografia e na correspondência da filha com amigos que aí transcreve, a satisfação da autora ao receber as inúmeras cartas elogiosas de amigos e do público em geral, assim como ao ler as críticas extraordinariamente positivas da imprensa. A biógrafa de John Oliver Hobbes, Margaret Maison, classificou esta peça de teatro com os adjectivos “*graceful, elegant, witty and Wilde-ish*”.

The Ambassador e o ambiente em que se desenvolve a acção da comédia lembram *Lady Windermere’s Fan*, podendo talvez dizer-se que é uma mistura desta comédia wildiana e de *An Ideal Husband* do mesmo autor, embora na peça de Hobbes, que é uma comédia de sociedade, não haja nem crítica política nem social. Pelo contrário, a comédia é quase uma cópia lisonjeira da sociedade aristocrática inglesa epocal do *fin de siècle*, apesar de Oliver Hobbes, por vezes, a retratar ironicamente.

O enredo de *The Ambassador* trata dos arranjos matrimoniais entre uma rapariga pobre, de bons sentimentos, Juliet, que, depois de desfazer o seu noivado com o rico, pesado e indigesto aristocrata Secretário de Estado britânico em Berlim, Lord William Beauvedere, que ela não ama, acaba por se apaixonar e ficar noiva do Embaixador inglês em Madrid, Lord St. Orbyn, o *dandy* da comédia. Paralelamente, também trata do gesto magnânimo e moralizador de Juliet, que se sujeita a perder a sua boa reputação e este seu possível casamento com St. Orbyn, ao ir a casa do jogador e malvisto Major Lascelles, a fim de salvar da vergonha e do opróbrio Vivian Beauvedere. Meio irmão mais novo de Lord William Beauvedere, Vivian, um rapaz novo, inconsciente, cabeça no ar e jogador, roubara a própria mãe, falsificando-lhe a assinatura num cheque de montante avultado, para pagar uma dívida de jogo.

A acção passa-se nos Campos Elísios em Paris. A comédia termina com um final feliz: Lascelles entregando o cheque a Juliet que o dá a Vivian; Lord St. Orbyn, o *witty dandy*, ou o poeta solteirão epigramático e relativamente cínico, apesar de se envolver na intriga imaginada pela Princesa Vendramini que o quer afastar de um possível casamento com Lady Beauvedere, apaixo-

na-se pela jovem Juliet e esta por ele, perdendo então Lord St. Orbyn o seu dandismo; e o fastidioso enteado Beauvedere acaba por ficar noivo da sua amiga de infância Gwendolene Marleaze.

Adrienne Scullion considera que a caracterização, principalmente a das personagens da acção secundária, não tem qualquer desenvolvimento psicológico (SCULLION, *Female Playwrights of the Nineteenth Century* lxxxii) No entanto, como se verá, nesta comédia, a sociedade nela descrita é bem conhecida da dramaturga e os diálogos *witty* entre Sr Orbyn e a Princesa Vendramini e aqueles entre o protagonista e Lascelles mostram bem o estilo epigramático característico de John Oliver Hobbes.

Nesta comédia é ainda de notar a escolha hobbesiana dos nomes das personagens; principalmente, a do sobrenome Beauvedere, cuja tradução será “belo de se ver”. A crítica Davis Harding usa o apelido da viúva a quem St. Orbyn tinha cortejado a seguir à prematura viuvez dela e a quem Geraldine Beauvedere não deixara de amar, como sendo na peça “Beauvedere”, ou seja, “verdadeiramente bela”, considerando-o um trocadilho com “Malvere” (HARDING, *Air-bird in the water, the life and works* 1996, 209). Qualquer destas formas poderá caracterizar a personagem em casa de quem se passa a acção principal. A escolha do nome da governanta Spearing também parece querer caracterizar a personagem. É também óbvia a sátira feita pelo pessoal de Lady Beauvedere à situação que envolve a aristocracia da comédia e, através desta, à sociedade aristocrática epocal. Com o estilo de linguagem usada por esta criadagem também se introduz na peça uma certa comicidade e um certo humor, os quais são reforçados nas conversas e nos comportamentos das personagens reunidas na casa do Major Lascelles. Todas estas características desta obra dramática hobbesiana remetem o leitor para a comédia da Restauração e para o estilo *witty*, que é considerado ter sido reposto no modo dramático do *fin-de-siècle* oitocentista por Oscar Wilde.

Pearl Craigie antecede a peça impressa com um prefácio onde expõe a opinião dela quanto à estrutura de uma comédia: neste texto, a dramaturga considera que a caracterização das personagens deve ter algum exagero, não aceita o plausível e defende que o teatro é um local de entretenimento onde, portanto, as peças que aí são apresentadas só devem ter essa função. Para esta autora, o objectivo do género dramático da comédia é meramente divertir, ser lúdico. Embora Craigie nunca tenha apoiado os movimentos feministas da época, a caracterização em *The Ambassador* parece, pelo menos em parte,

favorecer as personagens femininas e criticar a frivolidade e inconstância das masculinas. No entanto, nesta comédia existe alguma crítica a toda a sociedade aristocrática coeva.

Parte das críticas contemporâneas a esta comédia dá bem a noção do estilo de peça de teatro que está em causa:

This [the play] is an almost photographic reproduction of society [...] the stage was an idealised and improved reflection of the stalls. [...] the likeness, however, was a flattering one. Fine ladies in real life are just as fond of scandal and detraction [...] only they have not, as a rule, the brilliant wit of the authoress. Nor is *The Ambassador* a mere display of verbal “fireworks”. There is an agreeable abundance of squibs and Catherine-wheels [...]. The dialogue is certainly “sparkling”, but we would give all the epigrams in *The Ambassador* for the delicate grace of the love-scenes between Lord St. Orbyn and Juliet Gainsborough and the humour of the character of Bill [D.GASTÃO] Beauvedere.[...]. The play is one of the brightest and most agreeable ‘entertainments of the stage’ which we have seen for some time and it is to have a very long run at the St James’s. (*The Ambassador, Era*, 4 June 1898,13).

No jornal *The Speaker*:

A very dainty and [...] ‘distinguished’ thing this comedy by ‘John Oliver Hobbes’. It has more grace than strength; its characters have more ‘manners’ than substance; [...] it is a sentimental comedy which hovers around the edge of drama [...] But here and there one has a scene which only a woman could have written – a scene which gives a glimpse into the little tragi-comedies of women’s lives. (11, June, 1898, 729-30)

E no jornal *The Athenaeum*:

[...] John Oliver Hobbes [...] has written a nice, presentable sympathetic entertainment, to which, according to the phrase of the day ‘a girl must take her mother’ and has supplied it with dialogue at once

epigrammatic, appropriate, and unforced. There is, moreover, a vein of good humoured cynicism. [...] In its expiring years the nineteenth century is aiming, apparently, at rivalling the elegance and distinction of the eighteenth, with perhaps a little less unblushing effrontery and a more scientific use of the fan. From this point of view *The Ambassador* is excellent. It has, however, neither dramatic logic nor sequence...[...] We have not however the least disposition to censure. (4 June 1898:767-8)

Adrienne Scullion reconhece nesta peça o *wit* de Hobbes, mas com certa reserva: “[it] falls far short of the remarkable linguistic dexterity and social-political astuteness of Wilde” (SCULLION, *Female Playwrights*, lxxxi). Porém, Harding afirma:

[...] in merely reading it [*The Ambassador*] one can sense its liveliness [...], share in the skillfully maintained suspense and enjoy the play's wit and wordly wisdom. If performed today, it would surely please audiences who relish the plays of Wilde, Shaw and Coward. (HARDING, *Air-bird in Water*, 209)

IV – Traduzir para ver, traduzir para ler (Sobre a estratégia tradutória adoptada na tradução)

Objectivo primordial desta tradução interssemiótica para a cultura e língua portuguesas da comédia hobbesiana oitocentista *The Ambassador* é a sua publicação em suporte de papel e digital e a sua leitura, a fim de dar a conhecer esta peça teatral inglesa ao público português e não a transposição do drama (*lato sensu*) para uma produção em palco do texto de chegada.

É usual dizer-se que a leitura de um texto dramático é um acto frustrado e incompleto. Uma peça de teatro é elaborada para ser vista. A própria palavra teatro, na sua etimologia, implica um acto visual, a ideia de ver, e a representação de um drama implica para o público receptor um visionamento e também uma audição da sua parte. No entanto, nas réplicas e nas didascálias do drama está implícita a encenação em palco com todos os seus adereços e figurinos, a representação e a dicção dos actores, o som, a cenografia, etc. O leitor pode ser suficientemente imaginativo para, durante a leitura, substituir e criar mentalmente a actuação performativa em cena, mas não tem, efectivamente, a totalidade do espectáculo ao vivo.

Por outro lado, a tradução é uma contradição em termos. Nenhuma língua é isomórfica, logo a passagem de um texto de partida para outro texto de chegada de uma cultura diferente da primeira obriga a que o texto alvo nunca possa ser exactamente igual ao texto fonte. Isto é muito evidente em textos, como é o caso da comédia *The Ambassador*, em que existem frases idiomáticas, calão, jogos de palavras e, principalmente, um estilo de linguagem epigramático e *witty*.

Schleiermacher dizia que só havia duas formas de traduzir: ou levar o leitor ao autor ou levar o autor ao leitor (*Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir* 61). Isto é, ou fazer uma transposição o mais literal possível, dando ao

leitor receptor a mesma sensação que o leitor da língua de partida sentiu ao ler esse texto, ou, pelo contrário, aproximar a passagem do texto de partida da língua e da cultura de chegada, a fim de facilitar a inteligibilidade do texto estrangeiro ao leitorado receptor. Schleiermacher sublinhava, contudo, que a verdadeira forma, a mais correcta, seria a primeira hipótese – levar o leitor ao autor – visto ser esta a estratégia que menos atraía o texto de partida e o autor deste (JUSTO, “Posfácio”, *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir* 165).

A estratégia tradutória adoptada na transposição desta comédia inglesa hobbesiana para a língua portuguesa foi aquela designada por estrangeirizante, com a finalidade de aproximar o texto alvo do texto fonte tanto quanto possível. Assim, foram ressaltados os aspectos gramaticais e culturais da língua alvo, neste caso, a lusa, assim como a inteligibilidade do texto que é o produto final da passagem de um texto de uma língua e de uma cultura estrangeira para outra diferente, neste caso a portuguesa.

Este objectivo de uma tradução estrangeirizante teve por base duas razões fundamentais:

1. Tanto o texto como o/a autor/a são completamente desconhecidos do público português e, por isso, dá-se ao leitorado português, na leitura desta peça teatral, a mesma sensação que o leitor inglês teria tido ao ler uma obra deste/a escritor/a;
2. Uma vez que a transposição tem como finalidade imediata a leitura da comédia e não a sua tradução intermedial, ou seja, a encenação dela em palco, podia-se, assim, obrigar/convidar o receptor a uma leitura pausada, que não atraísse o texto de partida, o que não poderia acontecer com a brevidade e a efemeridade do espectáculo em cena.

Desta forma, quis-se dar a conhecer, o mais verdadeiramente possível, o estilo do texto de partida, o do seu autor e o espírito da cultura inglesa oitocentista, que o texto fonte pretende fotografar, se, por um lado, de uma forma elogiosa, por outro, também satírica.

Assim, seguiu-se a seguinte metodologia:

1. Mantiveram-se os nomes das personagens, assim como os títulos delas na língua de origem.

Substituiu-se só o diminutivo de Lord William Beauvedere – “Bill” por Gastão – a fim de não se perder na língua portuguesa a ambiguidade e o trocadilho subjacente usados no texto fonte com o uso desse diminutivo inglês do nome próprio William. Contudo, ao substituir-se o signo “Bill” por “Gastão”, devido ao facto de, na língua inglesa, este léxico ser um monossílabo, não se pode deixar de perder parte da sonoridade associada a este aspecto gramatical da língua de partida. Todavia, tentou-se manter o significado dúbio, ambíguo, duplo, cómico, *witty* e caracterizante da personagem do significante inglês na língua portuguesa. Assim, optou-se pelo nome “Gastão”, atendendo a que o nome utilizado é conotado com uma ideia de pomposidade e de estatuto social elevado e que este termo também pode ter o significado de um gastador, o que imediatamente conecta o léxico com a ideia de conta e de cheque bancário, que são alguns dos significados do significante inglês *bill*, dando assim a ideia da riqueza e da imponente obesidade de Lord William Beauvedere, assim como do carácter fastidioso que o configura;

2. retiraram-se os pontos finais que se seguem aos nomes das personagens no texto inglês, por não ser costume fazê-lo numa peça teatral portuguesa;
3. conservaram-se todas as expressões usadas no texto de partida em francês nesta mesma língua no texto de chegada português, a fim de respeitar o estilo do autor e manter-se no texto alvo a igualdade com o texto fonte;
4. quanto às expressões idiomáticas, ao calão e aos trocadilhos, tentou-se traduzir sempre que possível para o equivalente na língua de chegada portuguesa, preferindo-se uma tradução literal e inteligível na língua de chegada sempre que não houvesse nesta qualquer provérbio ou expressão gíria equivalente;
5. embora se tenha querido adoptar a estratégia estrangeirizante desta tradução, devido à correcta construção sintáctica de certas frases portuguesas fizeram-se alguns aditamentos; a título de exemplo, é de referir a adequação gramatical das “question tags” inglesas para o remate enfático das perguntas curtas em português;
6. no que respeita às formas de tratamento, adoptou-se o uso do tratamento na terceira pessoa do singular na maioria das réplicas das

personagens pertencentes à classe aristocrática ou daquelas que, não tendo títulos de nobreza, são, pelo menos, convidados desta, por ser mais consentâneo com as actuais formas de tratamento portuguesas. Adoptaram-se, porém, algumas excepções, como, por exemplo, nos diálogos entre Lady Beauvedere e St. Orbyn, ou entre ela e a amiga Lady Basler devido à existência de uma certa intimidade entre essas personagens.

7. na terminologia da movimentação dos actores/atrizes em palco, embora no texto de partida se use a terminologia cénica, usou-se na tradução, a terminologia académica, por ser esta a mais usual na Academia e a tradução ser para leitura em suporte de papel e digital e não para uma produção em palco.

V. Bibliografia

Primária

HOBBS, John Oliver (1898). *The Ambassador. A Comedy in Four Acts*. New York; Frederick A. Stokes Company, 2nd ed.

Secundária

———. *The Corsican Brothers – Dion Boucicault Collections*. University of Kent. <https://www.kent.ac.uk/library/specialcollections/theatre/boucicault/plays/corsican.html>. Visto em 06-04-2021.

HARDING, Mildred Davis (1996). *Air-Bird in the Water, the Life and Works of Pearl Craigie (John Oliver Hobbes)*. London: Fairleigh Dickinson University Press.

LONGFELLOW, H.W. (1830). *Proverbes Dramatiques*. Portland: Samuel Colman; Brunswick: Griffin's Press.

MAISON, Margaret, (1986). *John Oliver Hobbes, Her life and work*. London: The Eighteen-Nineties Society.

PIERSE, Mary, ed. (2006). *George Moore: Artistic Vision and Literary Worlds*. Newcastle: Cambridge Scholars Press.

RICHARDS, John Morgan (1911). *The Life of John Oliver Hobbes told in Her Correspondence with numerous Friends with a biographical Sketch by her father and an Introduction by The Right Rev. Bishop Welldon, Dean of Manchester*. London: John Murray Albemarle Street.

RODRIGUES, A. Gonçalves (1992). *A Tradução em Portugal*. Lisboa: Casa da Moeda.

- SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir* [Ueber die Verschiedenen Methoden des Uebersetzens]. Edição Bilingue. Apresentação, Tradução, Notas e Posfácio de José M. Miranda Justo. Porto: Elementos Sudoeste.
- SCULLION, Adrienne, ed. (1996). *Female Playwrights of the Nineteenth Century*. London: J. M. Dent.
- TUCKER, Hervert, F., ed. (2002). *A Companion to Victorian Literature & Culture*. UK: Oxford, Blackwell Publishers.

VI – Tradução da peça de teatro
The Ambassador. A Comedy in Four Acts
por John Oliver Hobbes

O Embaixador, uma Comédia em Quatro Actos
por John Oliver Hobbes
(Pearl Richards Craigie)

Prefácio

Uma vez, encontrei um discurso em prosa – prosa tão subtilmente equilibrada, harmoniosa e interessante que, no papel, parecia uma canção. Mas nenhum actor ou actriz, embora eles falassem com a voz dos anjos, poderia torná-la, no palco, nem sequer tolerável. Era demasiado longa num compasso, demasiado curta noutra; arrastava-se, saltitava, irritava os ouvidos e paralisava o cérebro; uma vulgar arenga teria sido mais animada. Uma coluna de dicionário recitada não poderia ser tão enfadonha. Contudo, o discurso é, não obstante, uma bela matéria: é, no entanto, interessante na substância, tem imaginação, é encantador. O que é que então lhe faltava? Emoção no tom e, da parte do escritor, consideração pela voz falada. O diálogo no palco pode ter, ou não, muitas qualidades, mas tem de ser emocionante. Ele baseia-se primordialmente no sentimento. Virtuoso verbal (*wit*), filosofia, verdades morais, linguagem poética – tudo isto não vale de nada, a não ser que haja sentimento de uma espécie óbvia e vulgar. Grandes paixões e o “grandioso” estão, por outro lado, para lá da representação espectacular. O amor é provavelmente a única grande paixão que um público de homens e mulheres comuns pode suportar por mais de um acto e para uma questão trágica. Grandes exhibições de ambição, ciúme, avareza, vingança, orgulho, medo e semelhantes, só agradam a alguns espíritos. Quantas mais emoções transmitidas ou sugeridas, melhor, sem qualquer dúvida, contudo, nenhuma delas, com a solitária excepção já nomeada, deve ser suscitada indevidamente para a depressão dos outros. O teatro é um lugar de relaxamento. O amor é provavelmente a única grande paixão que um público de homens e mulheres comuns suporta. Quando a maioria dos que procuram o prazer acha uma peça entediante, isso constitui um fracasso fora de questão. Quando a maioria acha a peça agradável, ao seu gosto, ela cumpriu, para todos os efeitos,

uma condição vital da sua existência como peça. É pelo menos um entretenimento. O comum, muito injuriado e popular melodrama tem esta característica infalível – a de manter, face a todas as objecções estéticas, a vossa atenção animada.

Numa comédia, a vida tem de ser apresentada de uma forma deliberadamente artificial, quer dizer, apresentada sob condições estritamente artificiais. Por exemplo, a ninguém que esteja a ver um retrato se pede que o confunda com um modelo de cera ou uma personagem real. Ao admirar uma paisagem de doze polegadas,¹ nós não acusamos o artista porque somos incapazes de galopar, na realidade, sobre os seus campos, ou colher os lilases no seu jardim. Não o examinamos, nem para uma ilusão, nem para uma imitação – mas por uma ideia, uma ilustração ou uma afirmação. A escrita de uma peça de teatro ou a escrita de um romance pode ser comparada em mais do que um sentido à arte da pintura de paisagem. Ver o pôr-do-sol uma vez não é suficiente, ver uma vez a maré subir não é suficiente, ter-se levantado uma vez no campo para observar o amanhecer do dia não é suficiente. Tem de se ser tão íntimo com a Natureza que não se consiga – mesmo que se tente – apresentá-la, ou qualquer aspecto dela, convencionalmente. Não se sabe nada a não ser que se conheça a sua infinita variedade. Descreva humildemente aquilo que vê e não pode errar. Descreva aquilo que os outros têm sido ensinados a ver e nunca conseguirá, em nenhuma circunstância, estar certo. O instinto de um minucioso estudante da vida é sempre rejeitar o plausível. É por esta pronta aceitação do plausível que os seres humanos são tantas vezes, e desnecessariamente, desiludidos. Nenhuma de duas criaturas é precisamente ou mesma, nem dentro de qualquer grau real de aproximação: cada alma tem a sua própria individualidade. Pode haver escolas de pessoas tal como há escolas de pensamento, mas Tipos – o típico diplomata do palco, a típica rapariga jovem, a típica viúva, o típico estrangeiro do palco, o Tipo, de facto, de qualquer espécie não se encontra na criação do Deus Todo Poderoso ou na sociedade do homem. Eles não são nada no mundo e não há especulação nos seus olhos. Deixem-me pedir que as pessoas em *The Ambassador* [*O Embaixador*] sejam julgadas pelas suas acções e não pelas

¹ Uma polegada corresponde a 2,54 cm pelo que a autora se refere a uma obra paisagística de 30,48 cm.

apressadas avaliações feitas sobre elas, ou por elas próprias, ou pelas outras personagens da comédia.

A minha permanente gratidão e amizade são devidas ao Sr. George Alexander pela distinta arte que conferiu à sua representação do papel principal, pelo apoio, pelo interesse, e pela bondade que demonstrou tão generosamente desde a primeira leitura da peça, às muitas ansiedades dos ensaios, até à ainda maior ansiedade da sua primeira produção.

Personagens da Peça

LORD ST. ORBYN, Embaixador britânico em Madrid
D. GASTÃO BEAUVEDERE, Segundo Adido na Embaixada britânica em Berlim
VIVIAN BEAUVEDERE, o seu meio-irmão
MAJOR HUGO LASCELLES
SIR CHARLES DE LORMES, G.S.C.I
LORD LAVENSTHORPE
LADY BEAUVEDERE, a madrasta de D. GASTÃO Beauvedere
JULIET GAINSBOROUGH, uma órfã
ALICE GAINSBOROUGH, a irmã, uma freira
LADY GWENDOLENE MARLEAZE
A Princesa VENDRAMINI
A Duquesa de HAMPSHIRE
LADY BASLER
LADY ULLWEATHER
LADY VANRINGHAM
MRS DASNEY
MRS WHITCOMB J. TAYLORSON
Miss KATIE
Miss YOLANDE
Miss MAMIE } TAYLORSON, as filhas, a estudarem na Grande Ópera em Paris
MRS SPEARING, a governanta de Lady Beauvedere
TOMKINS, uma criada
ROTTER
JENKINS, lacaios
DUVAL, o mordomo de Lascelles
TOTO
LORD REGGIE

ACTO I

Na residência de Lady Beauvedere nos Campos Elíseos, Paris. Decorrem quatro dias.

ACTO II

A estufa em casa de Lady Beauvedere. Quinta-feira de manhã.

ACTO III

Na residência do Major Lascelles nos Campos Elíseos. A mesma manhã.

ACTO IV

No jardim de Lady Beauvedere. A mesma manhã.

O EMBAIXADOR

O Primeiro Acto

CENA: *em casa de Lady Beauvedere nos Campos Elísios, Paris*

TEMPO: *Cerca das duas e meia da tarde. Uma sala luxuosamente mobilada, estilo Luís XVI, aqui e ali uma peça de mobiliário moderno. Uma grande quantidade de rosas, mesas cobertas de livros, fotografias, jarras, objectos de arte. Cartões na mesa.*

D. Uma namorada. Uma foto no piano. Jornais em cima C. Um busto de mármore de D. GASTÃO BEAUVEDERE entre as duas janelas (ao lado). Uma grande estufa ao fundo. Um piano, sofá, escrevaninha e cadeiras. Quando a cortina sobe, JULIET GAINSBOROUGH, uma bonita rapariga com cerca de dezoito anos, bem vestida mas sem grande aparato e ALICE GAINSBOROUGH, uma Freira, claramente uns anos mais velha que ela, estão a conversar uma com a outra seriamente no sofá.

ALICE (*com ansiedade*)

Queridíssima Juliet, ainda não me contaste porque aceitaste D. GASTÃO.

JULIET (*Que está a abrir cartas e a atirá-las para o lado*)

Porquê? Porque eu queria estar casada e usar um vestido de noite de veludo preto com um longo colar de diamantes... “Austera simplicidade”, como a Mrs Dasney diria, “e vinte mil libras balouçando do meu pescoço”!

ALICE (*angustiada*)

Imagine-se casar por uma tal razão!

JULIET

Muitas raparigas o fazem!

ALICE

Mas tu não farias!

JULIET

Oh, bem! Eu espero fazer o Gastão¹ feliz... (*Levantando-se e indo para junto do busto*)... Alice, pensas que ele se parece com um “Gastão”. (*Aponta para o busto*) Ele devia ser um polissílabo! (*Depois de uma pausa*) Sim, eu quero fazê-lo feliz. (*Durante toda esta cena, ela está obviamente a lutar contra o desespero e aparentando cinismo*)

ALICE

E a tua própria felicidade?

JULIET

Isso virá. Estou-lhe tão grata!

ALICE

O que é que ele fez?

JULIET

Ele deu-me o seu amor, o seu nome, a sua carreira, o seu lar, a sua fortuna...

ALICE

E porque não o devia ele dar?

JULIET

Olha para mim! Sou uma rapariga sem um vintém, sem influência, sem um único parente ilustre!

¹ Traduziu-se o nome “Bill” por “Gastão” de modo a manter a correlação entre um nome próprio e as actividades financeiras.

ALICE

O Avôzinho é um duque.

JULIET

Mas ele só é um duque porque um dos nossos antepassados no século XI lutou por Deus e pelo seu Rei! Ninguém quer saber desse tipo de coisas agora. O Avôzinho não é nem rico, nem novo, odeia a política, nem para rato de laboratório serve, não é um oportunista nem recebe uma sinecura?² É só um velho gentil-homem do campo, espalhafatoso, com uma grande família e algumas rendas. Não é ninguém!

ALICE

Oh Juliet! como tu mudaste desde que debutaste.

JULIET (*reprimindo um soluço*)

Não querida, eu não mudei. Mas, da janela do Convento, nós costumávamos olhar o mar. E o mar – não importa quão encapelado ele possa estar – reflecte sempre o céu.

Agora, eu deixei a escola... Eu estou a olhar para a *terra* e isso... (*Atravessa para R. C.*)

ALICE

E então?

JULIET

Isso até agora parece reflectir...o outro lugar! (*Cobre a face com as mãos*)
Oh, estou desiludida!

ALICE

Ah, não! (*Levanta-se*) Desilusões todas vêm de dentro... do fracasso de uma esperança querida e secreta. O *mundo* não faz promessas; nós só sonhamos que ele as faz; e quando acordamos, choramos!... Lady Beauvedere é amável para contigo? (*Põe cartas no piano*)

² *A guinea-pig* – um mero rato de laboratório, mas também uma pessoa que recebe uma sinecura e que é supostamente um director de uma companhia, mas que já não exerce o cargo.

JULIET

Toda amabilidades. Deu-me este vestidinho; a criada dela arranja-me o cabelo, o génio mais recente dela está a pintar o meu retrato, as suas amigas mais queridas serão em breve minhas. Mas...

ALICE

O quê?

JULIET

No fundo da sua alma, ela não me suporta.

ALICE (*mudando-se para junto de Juliet*)

Juliet!

JULIET

Ela pensa que sou mercenária – eu não sou. Ela pensa que sou frívola – eu não sou. Ela pensa que sou vaidosa, sem coração, egoísta – eu não sou... Eu não sou! (*Ela desfaz-se em lágrimas*)

ALICE (*sentando-se*)

Ela não pode ser tão injusta! Pondera – ela convidou-te para aqui para este belo lugar.

JULIET

Não é dela. Tudo pertence ao Gastão. É por isso que me sinto uma intrusa. Eu estou a pô-la fora do seu próprio lar. Como se eu o quisesse! Eu antes queria ser um pardal isolado no cimo de um telhado do que levar a vida destas mulheres do mundo!

ALICE

Estás assim tão infeliz?

JULIET

Não vês que eu estou totalmente desesperada?

ALICE

Juliet, tu...tu ama-lo?

JULIET

Não! Não! Não! Eu não o amo. Mas o que hei-de eu fazer? Ele tem sido tão bom para mim. Eu tenho que o amar com o tempo... Contudo, isso não é tudo... Há mais.

ALICE

Que mais?

JULIET

Há uma rapariga... que o ama mesmo.

ALICE

Quem é essa?

JULIET

Gwen Marleaze. Acabo justamente de fazer esta descoberta. Ela não é bondosa: ela é orgulhosa, desconfiada e fria. É cruel, mundana, mas... ama-o. Ela venderia a alma por ele. Ela está a sofrer... Está a partir o coração dela... Está a morrer, creio, de amor.

ALICE

Pobre rapariga!

JULIET

E então o que... se há-de fazer?

ALICE (*levantando-se*)

Minha querida, o noivado tem de ser quebrado. Provocará infelicidade... Lancinante infelicidade. Tu arrepender-te-ás dele... Oh, e com que angústia! Que coração desolado!

JULIET

Claro! Quem alguma vez ouviu falar de um arrependimento agradável, fácil, prazenteiro!

ALICE

Onde está D. Gastão agora?

JULIET

Em Berlim.

ALICE

Então escreve-lhe. Escreve-lhe agora, e deixa-me pôr a carta no Correio. Diz-lhe que na tua tentativa de o fazer feliz, tu já fizeste duas pessoas infelizes. E a terceira será ele próprio! Diz-lhe que é impossível e mais uma vez impossível e ainda outra vez impossível!

JULIET (*com um grito de alívio*)

Oh, Alice, isso é justamente o que eu tenho estado a escrever-lhe.

ALICE

Tu não estás a falar a sério?

JULIET (*tirando uma carta da algibeira*)

Vê, eu escrevi-lhe isto esta manhã (*dá a carta a ALICE*). Eu não me atrevia a contar-te ao princípio até eu saber o que pensavas (*com emoção*). Eu sentia-me um tal fardo em casa e sabia que era meu dever sentir-me grata pela bondade de D.GASTÃO! Mas eu não posso casar-me com ele – não posso!

[*Entra JENKINS*]

JENKINS

A carruagem está à porta, menina.

[*Sai JENKINS*]

JULIET

Vou imediatamente. (*Tira a carta a ALICE*) Podemos pôr isto no Correio quando passarmos (*olhando para o calendário*). Hoje é Sábado. Há tempo – ele recebê-la-á (*lacrando e selando a carta*) antes de deixar Berlim terça-feira de manhã para o baile.

ALICE

Que baile?

JULIET

O baile no aniversário de Lady Beauvedere (*levanta-se*). Ela tem só trinta e cinco, não é muito, e depois ela é bela.

ALICE

Talvez ela case outra vez.

JULIET

Ouvi dizer que gosta muito de Lord St. Orbyn.

ALICE

Como é que sabem?

JULIET

Porque a Mrs Dasney diz que ele diz sempre às pessoas quando o nome dela é mencionado, que não é um homem casadoiro! Mas vem, vamos chegar tarde.

ALICE

Podemos pôr a carta no Correio juntas, e então... (*meio a sorrir e olhando à volta da sala*)... lembra-te, isso quer dizer que renuncias a tudo isto – a todos os diamantes e a todo o veludo preto.

JULIET (*apaixonadamente*)

Eu não ficaria com uma cidade inteira de tais casas nem pelo mais pequeno dos sonhos que trouxe comigo e perdi aqui!

ALICE (*dirigindo-se a JULIET*)

Os sonhos voltarão todos outra vez!

JULIET

Achas que sim?

ALICE

Eu sei que sim. Vem!

[Saem, quando entra MRS SPEARING, a governanta, seguida de RORTER e TOMKINS, com uma quantidade de jarras de flores numa salva]

MRS SPEARING (*para RORTER*)

Põe as margaridas naquela mesa. (*Aponta para a mesa ao C.*) Põe isso na consola da lareira (RORTER *põe as margaridas na mesa ao C. e as outras flores na consola da lareira*) – as papoulas no piano (TOMKINS *põe as papoulas no piano*) e os lírios na escrevaninha. (*Em pé C. D. para RORTER*) Olha para aquela cadeira!

RORTER

Estou a olhar.

MRS SPEARING

O que se passa com ela?

RORTER (*depois de uma pausa*)

Um de nós deve estar vesgo!

MRS SPEARING

Ó Rorter! Vai à libertaria e traz para cima a “História da Ásia” de Sir Charles de Lorme – é dia da visita dele.

[*Sai RORTER*]

(*para TOMKINS*)

Quê! Bendita seja a minha alma! (*Procurando na escrevaninha uma fotografia*) Onde está a fotografia de Lord St. Orbyn? E ele a ser esperado cá em baixo a qualquer momento? Está cá um arranjo!

TOMKINS (*olhando para o piano*)

‘qui ‘tá ele – ‘trás’ da jarra.

MRS SPEARING (*agarrando a fotografia*)

Ora’qui ‘tá um homem com que eu podia simpatizar. Frio, altivo, tu-ficas-no-teu-lugar-que-eu-fico-no-meu. É este o estilo! Isto é homem p’ra fazer qualquer uma feliz.

(*entrega-a a TOMKINS*) Não a ponhas na escrevaninha! Isso é o mais à vista e indelicado! O piano é o lugar certo! Onde estão elas, as cartas? Ah, ‘qui ‘tão elas. Sua Senhora gosta às maravilhas de um jogo de Paciência ultimamente. É tão sossegante quando se está sentado com a espada, por assim dizer, sobre a cabeça! (*olha à volta da sala*)... E, oh, meu Deus! Tomkins!

TOMKINS

Sim, Mrs Spearing?

MRS SPEARING

Quem esteve aqui e limpou metade do mármore do busto do D.GASTÃO?

TOMKINS

É Lady Gwendolene. Entrou quando eu estava a alimpá-lo capaz de partir o coreção dela!

MRS SPEARING

Pobre jovem Senhora.

TOMKINS (*pondo as coisas direitas no piano*)

E D.Gastão realmente portou-se assim tão sem coreção co’ela, Mrs Spearing?

[*reentra RORTER com um livro e o “The Upper Ten”*³]

RORTER (*que evidentemente estava a escutar à porta*)

Uma coisa vergonhosa!

MRS SPEARING (*tirando-lhe o livro e pondo-o na mesa*)

Cuidado com a língua! Que sabes tu disso?

³ *The Upper Ten Thousand* – um jornal de mexericos e boatos de sociedade acerca da classe alta da sociedade inglesa oitocentista com um registo de 19.999 aristocratas.

RORTER

Pode lê-lo você mesma no “*The Upper Ten*” (TOMKINS olha para o jornal por cima do ombro de RORTER). ‘Qui ‘tá a coluna “coisas que nós bem gostaríamos de saber” (Lê) “Que acontecerá a uma certa filha de um par agora que um certo Baronete ficou noivo de uma menina Não-Sei-Quantas sem um vintém?” Eu chamo a isto acertar em cheio.

MRS SPEARING

Eu não leria uma coisa tão baixa. (*Aproximando-se deles*) Deixa-me ver isso com os meus próprios olhos. Fora – vocês os dois!

[Saem RORTER e TOMKINS]

MRS SPEARING (*sentando-se*)

“Um casamento muito falado não está a ser bem acolhido nos quadrantes certos. Parece uma ocasião para meio luto.” Haja descaramento e *radicalismo*! “Lady Beauvedere está a receber felicitações pelo noivado do seu enteado com Miss Juliet Gainsborough!” Ah, pobrezinha, está na verdade! [*Entra VIVIAN Beauvedere, um rapaz precoce, de aparência delicada, cerca de dezoito anos, vindo da estufa*]

VIVIAN

Oh, Speary, estou tão deprimido! (*Abre o piano*)

MRS SPEARING (*levantando-se*)

Por piedade, menino Vivie, não vá apaixonar-se também e fazer-nos a todos infelizes!

VIVIAN (*examinando músicas*)

Não há perigo. Vejo por demais as mulheres e os seus joguinhos. Sempre é uma vantagem, afinal de contas, ser-se demasiado débil para ir para a escola ou para Oxford. (*Começa a tocar uma valsa.*)

MRS SPEARING

Eu bem espero que essa linda melodia vá animar a pobre de Sua Senhoria (*sai limpando os olhos*).

(Enquanto VIVIAN toca, entra LADY BEAUVEDERE, uma mulher muito elegante, de aspecto jovem, cerca de trinta e cinco anos, seguida de LADY GWENDOLENE, uma rapariga cerca de vinte e dois, muito concentrada, silenciosa e lânguida)

LADY BEAUVEDERE

(Atravessando para VIVIAN e colocando as mãos dela no ombro dele)

Querido rapaz. O meu espírito está cheio de dolorosos pensamentos, contudo, quando tu tocas, eu sou capaz de os esquecer a todos. És o meu conforto. Nunca, nunca me desapontes. Eu não o conseguiria aguentar. *(Limpa os olhos)*

VIVIAN

(Levantando-se do piano e arranjando-lhe as almofadas no sofá onde LADY BEAUVEDERE está agora sentada.)

Porque diz isso? Isso quase que implica uma dúvida. Devia sentir mais confiança em mim.

GWENDOLENE

(Que se sentou na namoradeira pesarosamente)

Desapontamentos – como o destino e o amor – não aguentarão que se fale demasiado sobre eles.

VIVIAN *(andando por ali)*

Oh, eu estou tão deprimido. Eu bem queria que vocês voltassem a sorrir outra vez exactamente como costumavam antes do noivado do Gastão.

(Lady Gwendolene reprime um soluço, levanta-se repentinamente, e deixa a sala)

LADY BEAUVEDERE *(seguindo-a)*

Pobre doce rapariga! Os seus olhos estavam cheios de lágrimas. Notaste como ficou pálida no exacto momento em que se fez menção ao nome do Gastão? E, contudo, o teu irmão pode rejeitar um coração como este por amor de uma serpentezinha com penas de pomba.

VIVIAN

Oh, diabos levem tudo isso! Um tipo não se pode casar com todas as raparigas que empalidecem sempre que o nome dele é mencionado. Simplesmente não haveria um fim para isso.

[*Entra JENKINS trazendo uma salva com cartas*]

Ah, o Correio! (JENKINS *põe as cartas na escrevaninha*)

LADY BEAUVEDERE

(*Para VIVIAN*) Um momento. (*Para JENKINS*) Lord St. Orbyn ainda está no quarto dele, Jenkins?

JENKINS

Sim, Vossa Senhoria. Sua Senhoria ainda se está a vestir, Vossa Senhoria. O criado de Sua Senhoria fez-me crer que Sua Senhoria não estará cá em baixo antes de um par de horas.

LADY BEAUVEDERE

É tudo.

[*Sai JENKINS*]

VIVIAN (*voltando as cartas*)

Que monte! (*Senta-se*)

LADY BEAUVEDERE (*cobrando os olhos dela com o lenço*)

Lê-mas; a minha cabeça está demasiado má.

VIVIAN (*abrindo as cartas e lendo*)

Os Savignys aceitam... os de Traceys estão de luto... Lady Agnes e as suas raparigas magricelas. Soames espera arranjar tempo... Que burro! (*Abre uma carta que contém um cheque: olha para LADY BEAUVEDERE e sossegadamente coloca o cheque na algibeira*)... (*Depois de uma pausa*) Mamã.

LADY BEAUVEDERE (*com os seus olhos ainda tapados*)

Sim, querido.

VIVIAN

Posso mandar um cartão ao Hugo Lascelles?

LADY BEAUVEDERE (*com energia*)

Não! Já te disse que me recuso a conhecê-lo – um jogador – um horrível desventurado que vive das perdas dos outros homens!

VIVIAN

Que ridículo! Todos nós o fazemos – mais ou menos! Ele é o tipo mais generoso que alguma vez organizou uma mesa de bacarat.

LADY BEAUVEDERE

Bacarat!

VIVIAN

Bem não pode esperar que eu me sente a jogar loto com a velha Spearie no quarto da governanta com a minha idade!

LADY BEAUVEDERE

O Major Lascelles é tão chocante que consegue até dizer coisas espirituosas acerca do seu próprio mau carácter.

VIVIAN

A senhora pensa de St. Orbyn o melhor de todo o mundo, contudo St. Orbyn é um dos maiores amigos dele.

LADY BEAUVEDERE

Lord St. Orbyn tem um alto cargo oficial e tem de conhecer muitas pessoas estranhas – por várias razões. Frequentava-se as festas de um embaixador como se vai à igreja – tem de se estar ombro a ombro com toda a espécie de gente e ser delicado, de uma certa maneira, com elas todas.

VIVIAN

Mas...

LADY BEAUVEDERE

Nem mais uma palavra... [*Entra JENKINS*]

JENKINS

Lady Basler. [*Entra LADY BASLER, vestida à moda. Sai JENKINS*]

LADY BASLER

(atravessando a sala e sentando-se no sofá perto de LADY BEAUVEDERE que só faz uma fraca tentativa para se levantar. Ela faz de inválida durante toda a seguinte cena) Caríssima Geraldine! Não te mexas. Como estás? Estou morta por ouvir acerca do noivado.

LADY BEAUVEDERE

Oh, esse noivado!

LADY BASLER

Claro, o Gastão é de longe demasiado jovem – e imagina *tu* uma possível avó! Querida Geraldine, que provação!

LADY BEAUVEDERE

Em primeiro lugar, querida, uma avó madrasta – não é exactamente como se ele fosse o meu próprio filho, e depois eu própria casei muito jovem.

LADY BASLER

Mas eu quero saber...

[*Entra JENKINS*]

JENKINS

Mrs Dasney.

[*MRS DASNEY, num vestido muito trabalhado, entra aos tropeções. Sai JENKINS*]

MRS DASNEY

Que sorte! Eu estava com medo que não estivesse em casa. Eu estive num funeral tão fino esta mesma manhã. Mal tive tempo de voltar a casa e mudar para isto. Estava lá toda a gente. (*VIVIAN coloca a cadeira do piano para MRS DASNEY*)

LADY BEAUVEDERE

De quem era o funeral?

MRS DASNEY (*numa voz abafada*)

Da pobre Milly. (*Senta-se*) Tenho tanta pena que o tenha perdido. Você teria desfrutado... quero dizer, teria estado tão *interessada*. Agora, tem a

sua *própria* agitação. Imagine-se este maroto ficar noivo! Ouvi dizer que Miss Gainsborough é *demasiado* bonita. Que misericórdia, querida, ela não ser de terceira categoria!

LADY BASLER

Mulheres de terceira categoria tentam sempre ser de segunda categoria!

MRS DASNEY

E o que é pior que uma segunda categoria *manquéé*? (*LADY BASLER fica arrasada*) Eu suponho que quando o Gastão casar você terá de desistir disto tudo? (*olhando à volta da sala*)

LADY BEAUVEDERE

Claro e ir para a minha casa de viúva em Wiltshire, no meio das capas... fúcias⁴.

LADY BASLER

Temo estar um tanto fora desta conversa. Vou mudar-me. (*Levanta-se e vai até D.*)

MRS DASNEY (*Ocupando o lugar dela*)

Muito, muito obrigada. O que eu quero saber...
[*Entra JENKINS*]

JENKINS

Lady Varingham.

[*Entra LADY VARINGHAM; bonita, magra, sem iniciativa. Sai JENKINS*]

⁴ Trocadilho com a palavra “moonraker” que tanto pode referir-se às flores capa fúcia (*phycelius capensis*), como aos contrabandistas de Wiltshire. Um episódio anedótico tornara-se popular através do poema paródico de Edward Slow (1841-1925), autor de muitos poemas em dialecto do Wiltshire, e publicado em 1881: os contrabandistas de bebidas alcoólicas, em risco de serem apanhados, declararam andarem pelo lago para apanharem um queijo que tinha caído à água e que seria, afinal, o reflexo da lua. Os representantes da autoridade deixaram-nos ir em liberdade por os acharem tolos, mas foram eles os enganados. Jogou-se com as potencialidades do provérbio português “quem tem capa sempre escapa”.

LADY VARINGHAM

Oh... estava à espera... que estivesse sozinha... quer dizer... não se levante...

LADY BEAUVEDERE (*apontando para a cadeira junto ao sofá*)

Querida Harriet, por favor, sente-se nesta cadeira. Que amabilidade a sua.

LADY VARINGHAM (*sentando-se*)

Está terrivelmente incomodada?

LADY BEAUVEDERE (*de modo casual*)

Oh, não. Claro, o querido Gastão é muito novo, mas eu própria casei muito nova...

LADY VARINGHAM

Se eles se amam um ao outro que importa isso? A coisa mais importante é a rapariga. Ela é boa rapariga?

LADY BEAUVEDERE

Oh, encantadora!

LADY BASLER

Onde está a foto dela, G.?

VIVIAN

O Gastão levou-as todas com ele para Berlim.

LADY BASLER

Que ternura a dele! Mas eu tenho bastante pena que a pobre rapariga não seja feia.

LADY BEAUVEDERE

Porquê?

LADY BASLER

Porque uma mulher feia pode desafiar os três mais cruéis inimigos do seu sexo – o Tempo, a Dor – e a Inconstância dos Homens.

MRS DASNEY

Esqueceu-se do quarto – o pior do lote.

LADY VARINGHAM

Qual é?

MRS DASNEY

O ciúme das rivais!

[*Entra* JENKINS] JENKINS (*anunciando*)

Sir Charles de Lorme.

[*Entra* SIR CHARLES DE LORME. *Sai* JENKINS]

LADY BEAUVEDERE

(*Levantando-se e apertando a mão a SIR CHARLES*)

Querido Sir Charles, é demasiado gentil.

(*MRS DASNEY muda-se para o sofá até estar à D. de LADY VARINGHAM; LADY BASLER senta-se à E. da mesa D; VIVIAN num banco em baixo desta mesa*)

SIR CHARLES (*lugubrememente*)

Eu venho visitá-la para apresentar as minhas felicitações.

LADY BEAUVEDERE

Muito, muito obrigada. Estamos todos tão felizes com o caso. Claro, o Gastão é um pouco jovem, mas eu própria casei muito jovem e tudo parece tão idílico!

SIR CHARLES (*aliviado*)

Ora realmente. Estou encantado, simplesmente encantado. Que consolação que estejam felizes acerca disto. (*LADY BEAUVEDERE senta-se no sofá onde MRS DASNEY esteve sentada antes*)

MRS DASNEY

Ela não é rica, mas é *bastante* encantadora e ele gosta muito dela.

LADY VARINGHAM (*com sentimento*)

E se os jovens se amam um ao outro, que *interessa isso?*

SIR CHARLES

Parece um casamento ideal em todos os aspectos. (*Senta-se*) Miss Gainsborough é igual ao Gastão em berço, é-lhe superior na beleza, mais jovem que ele em idade. Um casamento ideal!

LADY VARINGHAM

Quem os juntou, querida?

LADY BEAUVEDERE

A Duquesa de Hampshire.

MRS DASNEY

Ela tem tanta falta de tacto.

LADY BASLER

De forma nenhuma. Eu creio que ela o faz de propósito. Ela tem a mania de casar as órfãs pobres. Eu muitas vezes desejo que as minhas filhas fossem órfãs. Elas arranjar-se-iam muito melhor.

MRS DASNEY

Eu creio que os homens gostam de órfãs... não há sogra. Mas eu tenho de ir andando. Adeus, querida. (*Atravessa, a sala, pára, então volta-se para SIR CHARLES, C*) Oh, Sir Charles deixe-me deixá-lo ficar algures.

SIR CHARLES (*um pouco embaraçado, mas não desagradado*)

Isso é muito simpático da sua parte, mas...

MRS DASNEY

Não, eu insisto! Sabe que eu *nunca* o vejo. (*SIR CHARLES tenta não parecer admirado com esta observação*) Precisa de uma lufada no Bois. E nós podemos ver a florescência em flor. Realmente! A minha vida é um tal redemoinho que eu sou uma estranha – uma perfeita estranha – aos reais prazeres da existência (*Põe uma mão no braço dele como se para mantê-lo quieto.*)

LADY BASLER

Mas faz tanta coisa, não faz?

LADY BEAUVEDERE (*sorrindo, para salvar a situação*)

E faz tudo tão lindamente!

MRS DASNEY (*apressadamente*)

O meu marido é muito hospitaleiro; claro, entretenimento por amor ao entretenimento é a mais dispendiosa forma de morte, e talvez – (*hesitando*)

LADY BASLER

Baixa?

LADY BEAUVEDERE (*levantando-se e dirigindo-se a MRS DASNEY*)

Venha almoçar no sábado, por favor.

MRS DASNEY

Tenho imensa pena – não posso. De manhã tenho a Comissão dos Massacres Arminianos e à tarde tenho de decidir qual o meu fato para o Baile de Fantasia de Glossop e almoço com... deixe-me pensar – com *quem* almoço eu?

LADY BEAUVEDERE

Que maçada! Venha Domingo.

MRS DASNEY

Encantada.

LADY BEAUVEDERE

Traga o seu marido.

MRS DASNEY

Oh, não, convide-o quando não me convidar a mim, somos tão enfadonhos os dois juntos. Adeus.

LADY BEAUVEDERE (*para SIR CHARLES*)

Janta connosco no Domingo?

SIR CHARLES

Com prazer.

MRS DASNEY

Sir Charles.

SIR CHARLES

Encantado. [*Segue MRS DASNEY para fora da sala*]

LADY VARINGHAM

Eu também tenho de ir. Adeus. Mas lamento vê-la com tão mau parecer. Mas se os jovens se *amam* um ao outro, o que é que *isso* importa? Dará tudo certo; não se preocupe. (*Avançando e dirigindo-se a LADY BASLER*) Adeus Edith. Tenho a certeza de que todas nós casámos por amor. Mesmo Dolly Dasney casou por amor e não há problemas connosco... somos suficientemente felizes. Adeus.

[*Sai, seguida de VIVIAN*]

LADY BASLER (*seguindo-a com o olhar*)

Pobre Harriet! Ela é uma querida, mas tão maçadora; e essa mulher medonha, a Dasney! Como ela anda à caça de Sir Charles de Lorme! Eu chamo-lhe uma tal casca-grossa.

LADY BEAUVEDERE (*atravessando para a mesa*)

Mas ela pode fazer qualquer coisa “andar”... isso é um descanso. Toda a gente a conhece – toda a Sociedade...

LADY BASLER (*zombando um pouco*)

Representada pela Duquesa de Hampshire.

LADY BEAUVEDERE

Toda a Conveniência?

LADY BASLER

Representada por si própria.

LADY BEAUVEDERE (*sorrindo um pouco*)

E toda a Inconveniência?

LADY BASLER

Minha querida! Agora embaraçaste-me. (*Depois de uma pausa*) Bem, o querido St. Orbyn já chegou?

LADY BEAUVEDERE

Sim, chegou ontem à noite. Eu ainda não o vi. Era tão tarde.

LADY BASLER

Que pena que é, querida, St. Orbyn não ser um homem casadoiro. Que conforto teria sido para ti... agora que o Gastão está a assentar na vida.

LADY BEAUVEDERE

Oh, minha querida! St. Orbyn e eu, sendo tão amigos como nós somos, a ideia de casar com ele pareceria quase... quase um dó.

LADY BASLER

Mesmo assim ele teria casado contigo há dezasseis anos atrás!

LADY BEAUVEDERE

Como podes dizer isso – quando sabes que o meu coração estava enterado com o querido Basil?

LADY BASLER

Isso, minha querida, foi um caso de enterro prematuro!

LADY BEAUVEDERE

O que *queres* dizer?

LADY BASLER

Exactamente aquilo que digo. St. Orbyn estava a morrer para casar contigo há dezasseis anos atrás, quando eras uma viúva de dezanove!

LADY BEAUVEDERE

Sim... eu era muito nova.

LADY BASLER

E agora, claro, querida Gerry, és ainda nova – de certa maneira – mas aposto que St. Orbyn te mantém como amiga porque és divertida e casa com alguma patetinha – porque ela é tão fresca. É o mundo. São os homens. Olha o caso do Monty. Como é que o Monty me tratou?

LADY BEAUVEDERE

Isso é um certo tipo de homens. St. Orbyn é bem diferente.

LADY BASLER

Eles são todos diferentes, querida (*levanta-se e atravessa na direcção de LADY BEAUVEDERE*) até que chegue a uma questão de casamento e então são todos iguais! Mas eu tenho de ir andando. Adeus, minha rica! Não venhas. Eu encontrarei o Vivie nas escadas.

(*LADY BASLER sai. LADY BEAUVEDERE muda-se para o piano e olha a fotografia de St. Orbyn, então senta-se e canta*)

“Le doux printemps a bu dans le creux de sa main
Le premier pleur qu’au bois laissa tomber l’aurore;
Vous aimerez demain, vous qui n’aimiez encore,
Et vous qui n’aimiez plus, vous aimerez demain!”⁵

ST. ORBYN

(*Ouvindo lá fora*) Lady Beauvedere está na sala de estar? (*LADY BEAUVEDERE levanta-se e atravessa para D.*) Eu vou ter com ela imediatamente. Que rosas deliciosas! Posso roubar uma?

LADY GWENDOLENE (*aparecendo à porta*)

Faça o obséquio. (*Desaparece outra vez*)

(*ST. ORBYN entra pela estufa. Ele é um homem distinto, de aparência bastante sofisticada, de cerca de quarenta e dois anos*)

⁵ A doce Primavera bebeu da concha da sua mão
A primeira lágrima que no bosque a aurora deixou cair;
Vós amareis amanhã, Vós que ainda não amáveis
Vós que já não amáveis, Vós amareis amanhã.
(Tradução minha)

ST. ORBYN

Minha querida Geraldine que prazer! (*Beija-lhe a mão*) Achei tão sensato não ter ficado à minha espera ontem à noite. O meu comboio chegou à hora mais inconveniente. Ah, livrar-me do meu trabalho e vir aqui para ti – a encantadora – a irresistível! Sinto-me um rapaz na minha felicidade – um rapaz!

LADY BEAUVEDERE (*sentando-se*)

Querido Bertie, estou muito feliz por te ver. Pensar que já passou um ano inteiro desde o nosso último encontro!

ST. ORBYN (*frivolamente*)

O que é um ano? Uma caçadazinha, uns tirinhos, um pezinho de dança, um jantarinho, umas corridinhas, uma perdazinha, uma maldiçãozinha, um bocejozinho, um namoricozinho e – um arrependimentozinho! Ora, um ano não é mais do que um dia bem organizado!

LADY BEAUVEDERE

Sabes guardar um segredo?

ST. ORBYN

Dê-me vários e então, graças a Deus! um ajudar-me-á a guardar os outros.

LADY BEAUVEDERE

Bem, deixa-me contar-te isto: os dias parecem longos – só quando eu não te vejo nem oiço falar nada de ti.

ST. ORBYN

Que coisas encantadoras tu dizes!

LADY BEAUVEDERE

Iss' é porque tenho prática.

ST. ORBYN

Como assim?

LADY BEAUVEDERE

Eu acabo de ter uma quantidade de visitas de mulheres. Dentro de um minuto cantarei “God save the Queen”. (*Levantando-se*)

ST. ORBYN

Que disposição essa!

LADY BEAUVEDERE (*voltando a sentar-se*)

Oh, não sabes que todos os jantares, todos os almoços, todas a visitas onde as mulheres se encontram é um campo de Waterloo?

ST. ORBYN

Porquê?

LADY BEAUVEDERE

Napoleão e Wellington resolveram a batalha deles de uma vez para sempre, mas as mulheres...

ST. ORBYN

Então...?

LADY BEAUVEDERE

Waterloo começa, para uma mulher, desde o momento em que ela desaponta a sua mãe por não ter sido um rapaz e acaba – apenas quando o seu melhor amigo deixa cair uma coroa no seu caixão. (*Limpa os olhos dela*)

ST. ORBYN (*aproximando-se dela*)

Queridíssima G., o que se passa?

LADY BEAUVEDERE

Edith Basler é uma gata e contudo foi a minha dama de honor, mas todas elas são horríveis!

ST. ORBYN (*olhando para ela intensamente*)

Sobre quê?

LADY BEAUVEDERE

Sobre o noivado do Gastão.

ST. ORBYN

Mas eu ouvi dizer que a Miss Gainsborough é uma rapariga deliciosa.

LADY BEAUVEDERE

Ah, alguma mulher te contou isso.

ST. ORBYN

Várias mulheres mo contaram. Algumas delas também têm as suas próprias filhas.

LADY BEAUVEDERE

Gente rancorosa.

ST. ORBYN

Bem, Miss Gainsborough não é uma criatura encantadora?

LADY BEAUVEDERE

Sim, mas elas não precisam de andar por aí *a contar* a toda a gente como se eu fosse a única a não pensar assim.

ST. ORBYN

Tanto quanto eu me apercebo tu estás realmente na melhor das disposições quanto ao caso.

LADY BEAUVEDERE

Bem, eu gosto dela – de certa maneira – mas querido Bertie, ela tem defeitos...

ST. ORBYN

Defeitos! Eu *adoro* defeitos. Nunca encontro demasiados em qualquer criatura. E tenho a certeza que um homem sem defeitos, até agora, nunca agradou às mulheres!

LADY BEAUVEDERE

Ah agora estamos a chegar ao ponto. Essa é a minha preocupação.

ST. ORBYN

O quê?

LADY BEAUVEDERE

Gastão é demasiado bom e um querido em todos os sentidos...

ST. ORBYN

Enquanto que a pequena Gainsborough tem talvez uma falha ou duas...

LADY BEAUVEDERE (*avidamente*)

Ah, então ouviste falar de algumas...

ST. ORBYN

De forma nenhuma. Uma mera suposição da minha parte. Eu oiço elogios dela em todos os lados. Realmente G., devias estar encantada.

LADY BEAUVEDERE

Eu estou... eu estou...

ST. ORBYN

A rapariga é bonita, o pai era um soldado distinto, a mãe morreu antes de poder ser notada...

LADY BEAUVEDERE

Ah, então ouviste...

ST. ORBYN

O quê?

LADY BEAUVEDERE

A história sobre a mãe. Não podes enganar-me. Ouviste a história...

ST. ORBYN

Não tenho nada a contar-te, mas tu tens tudo a contar-me *a mim*.

LADY BEAUVEDERE

Podia contar-te muita coisa. O meu coração está demasiado cheio para continuar.

ST. ORBYN

Sou um velho amigo – podes chorar à minha frente. Além disso, eu sempre achei que uma mulher fica muito mais bonita por chorar.

LADY BEAUVEDERE (*distraidamente*)

A mãe da Juliet foi uma louca, todos o dizem.

ST. ORBYN

Não – não. Só há um louco em toda a criação – e isso é – um homem solteiro! (*LADY BEAUVEDERE lança-lhe um rápido olhar*) Porque é que eu me mantenho solteiro? Talvez eu ame demasiadas mulheres demasiado bem, ou possivelmente demasiadas demasiado pouco!

LADY BEAUVEDERE

Quem me dera que falasses a sério.

ST. ORBYN

Acredita-me eu nunca fui mais sério.

LADY BEAUVEDERE

Eu sinto uma forte tentação de te contar toda a história desde o princípio ao fim...

ST. ORBYN

Não vejo qualquer razão para que devas resistir a essa tentação.

LADY BEAUVEDERE

Achar-me-ias uma malvada.

ST. ORBYN

Nunca.

LADY BEAUVEDERE

Sim, acharias.

ST. ORBYN

Pensa como quiseres.

LADY BEAUVEDERE

Estás tão provocador hoje que... me esqueço de metade das coisas de que queria falar.

ST. ORBYN

Então conta-me como é que o Gastão fala da sua prometida.

LADY BEAUVEDERE

Ele fala dela como todos os jovens estando para casar falam das suas *fiancées*. Julgar-se-ia que ele ganhou um anjo de rapariga.

ST. ORBYN

Bem e não ganhou ele?

LADY BEAUVEDERE

Claro que não. Ele está enamorado. Juliet não é a mulher para um jovem no serviço público. O Gastão precisa de alguma rapariga feia, séria, que se dedique unicamente aos interesses dele.

ST. ORBYN

Uma, de facto, que *agradasse* às mulheres por maçar os homens!

LADY BEAUVEDERE

Bem isso não é uma má espécie de mulher para um sujeito com uma carreira à frente dele.

ST. ORBYN

Os poderes da Europa estão a começar a estar fartos dessas dedicadas mulheres que pensam que o governo pode ser dissolvido por convidarem as pessoas certas para um jantar ou as pessoas erradas para uma aglomeração!

LADY BEAUVEDERE

Sei que estás a pensar em Sarah Hampshire.

ST. ORBYN

Não, não estou. Mas de qualquer forma há uma tremenda procura de *simplórias* – velha escola – musselinas brancas – uma rosa atrás da orelha – um bocado de fita de veludo preto à volta do pescoço – bonito pescoço – sem passado, sem futuro. Céus, a nossa terra! Benditas sejam!

LADY BEAUVEDERE

Eu bem gostava de te ver com uma mulher dessas!

ST. ORBYN

Como eu a adoraria!

LADY BEAUVEDERE

Sabes que gostas de mulheres espirituosas.

ST. ORBYN

Eu amo-as, as qu'ridas. Mas não para casar. Ora, eu próprio sou espirituoso, ou costumava ser! Imagina isto: dois espirituosos com um único epigrama – duas anedotas que passam por uma só. Santo Deus. (*Levanta-se e atravessa a sala*) Falemos do Gastão!

LADY BEAUVEDERE (*levantando-se*)

Eu quero que ele seja feliz...

ST. ORBYN (*secamente*)

Absolutamente.

LADY BEAUVEDERE

O meu medo é – que a Juliet não ame o pobre rapaz.

ST. ORBYN

Ah, isso é cínico!

LADY BEAUVEDERE

Eu pergunto-te Bertie, uma rapariga bonita, jovem, adorável interessar-se-ia naturalmente pelo pobre, querido Gastão? (*Aponta para o busto*)

ST. ORBYN

Considera-se isso uma boa parecença? Eu não o tenho visto ultimamente.

LADY BEAUVEDERE

Se fosse o Vivian eu podia perceber, mas... o Gastão não é... cativante, de facto ele é pesado! (*Atravessa para D e volta-se para ele com um ar sentimental*) Gwen Marleaze tem-no amado sempre desde que brincavam juntos em crianças.

ST. ORBYN (*aproximando-se dela*)

Não há nada como a força do hábito nestas coisas! Eu conheci um homem que odiava a mulher dele quando ele casou com ela e depois de vinte e cinco anos de brigas ele não a substituiria por Vénus! É uma história verdadeira!

LADY BEAUVEDERE (*sentando-se num banco*)

Mas pensas que a querida Gwen é suficientemente interessante para discutir com ela?

ST. ORBYN

Não... eu não lhe chamaria uma mulher lutadora de primeira classe – e lutar atrai, de facto, o velho espírito Viking do Anglo-Saxão! (*Sentando-se*)

LADY BEAUVEDERE

Iss' é tudo muito bonito, mas não me tranquiliza acerca da Juliet.

ST. ORBYN

Estás arrelhiada porque eu não a ataquei. Lembra-te, eu ainda não pus os olhos em cima da pobrezinha.

LADY BEAUVEDERE

Ela é muito profunda – absolutamente impenetrável.

ST. ORBYN

No entanto, não posso condenar uma rapariga que nunca encontrei, porque a mãe dela – que eu nunca conheci – quase fugiu com um homem – que eu nunca vi!

LADY BEAUVEDERE

Quase fugiu! Ora, toda a gente sabe que se ela não tivesse sido atirada do cavalo dela e morta naquela mesma manhã – a caminho de se encontrar com ele...

ST. ORBYN

Eu nunca vou a autópsias por consciência!

[*Entra GWENDOLENE. ST ORBYN levanta-se e atravessa a sala; LADY BEAUVEDERE aproxima-se de ST. ORBYN*]

GWENDOLENE

Querida Lady Beauvedere, o doutor está cá. (*Avança para um sofá*)

ST. ORBYN

Vai imediatamente, Geraldine. Não me deixes reter-te. Eu tenho uma ou duas cartas a escrever.

LADY BEAUVEDERE (*preparando um lugar na mesa*)

Escreve-as aqui – na minha mesa.

ST. ORBYN

Eu tenho como regra nunca escrever cartas na secretária de outra pessoa.

LADY BEAUVEDERE

Que fantasia! Imagine-se. Porque não?

ST. ORBYN

Bem, uma vez, quando eu era mais novo e mais experimentado do que agora sou, eu estava no campo com Lord Glevering quando ele era Ministro dos Negócios Estrangeiros.

LADY BEAUVEDERE

Querido Lord Glevering.

ST. ORBYN

Sentei-me na mesa dele a convite dele próprio e escrevi as minhas cartas. Aconteceu, no entanto, por acaso, que sem me aperceber do meu erro, arrumei alguns papéis privados que, acidentalmente, estavam em cima da secretária. Ele procurou-os de alto a baixo, os criados foram questionados, os convidados estavam perplexos. Quatro dias depois eu encontrei-os na minha própria pasta.

(GWENDOLENE durante todo este discurso desce para a sala com o jornal "The Upper Ten" e senta-se no sofá)

LADY BEAUVEDERE

Que estranho!

ST. ORBYN

Engenhosamente, devolvi-os com a minha *explicação*. Até ao dia de hoje não sei o que os documentos eram, mas estou razoavelmente convencido que também até hoje Sua Excelência pensa que eu fiz uma coisa muito correcta de uma maneira demasiadamente impudente.

LADY BEAUVEDERE

Depois disto tenho de insistir que uses a minha mesa.

ST. ORBYN

Bem se insistes tenho de obedecer, mas – mas eu tenho um pressentimento – um forte pressentimento que a história se repete.

(Ele atravessa para a porta para a abrir para LADY BEAUVEDERE que sai. Ele volta para a escrevaninha, sem se aperceber de GWENDOLENE que está a ler o jornal)

GWENDOLENE *(lendo alto para ela mesma)*

“Está arranjado um casamento que dentro em pouco se realizará entre D. Gastão Beauvedere, Baronete, e Juliet, a filha mais nova do falecido Coronel Gainsborough e da falecida Lady Georgina Gainsborough. Todos os amigos se juntam para desejar ao jovem diplomata e à sua linda jovem

noiva”... (*Ela rebenta em lágrimas*) Oh eu não posso desejar-lhes felicidade – não posso!

ST. ORBYN (*largando a pena*)

Que é aquilo? Ela está a chorar? (*Avança para ela*) Minha querida filha, chora muitas vezes?

GWENDOLENE (*obviamente perturbada*)

Oh, não... desculpe... não é nada... realmente, nada.

ST. ORBYN

Eu sabia que não era nada. Eu disse para comigo – porque havia ela de chorar? Uma encantadora jovem rapariga com bonitos olhos, amigos dedicados, e (*apontando para um alfinete que ela usa*) e até a lua – montada em diamantes.

GWENDOLENE

Foi um presente do Gastão – na minha maioridade... eu uso-o sempre.

ST. ORBYN

Ele deve sentir-se lisonjeado.

GWENDOLENE

Não penso que o note.

ST. ORBYN

Deixe de o usar por alguns dias... e experimente o velhaco – eu conheço estes cachorrinhos.

GWENDOLENE

Tenho a certeza de que não iria notar. Ele está tão absorvido em Miss Gainsborough. Já a conheceu?

ST. ORBYN

Ainda não tive esse prazer. Quando é que ela volta do seu passeio de carro?

GWENDOLENE

Ela saiu com a irmã dela.

ST. ORBYN

Ela tem uma irmã?

GWENDOLENE

Oh, sim, a irmã dela, uma freira. É tão engraçado pensar que a própria irmã da Juliet tivesse escolhido uma vida de piedade, de tratamento dos doentes.

ST. ORBYN

Porquê engraçado?

GWENDOLENE

A Juliet é tão diferente.

ST. ORBYN

E não é também um bom bocado mais nova?

GWENDOLENE

É verdade, e talvez a irmã mais velha quisesse abrir o caminho para a Juliet. Eu ouvi dizer que o Coronel Gainsborough não tinha meios para dar um dote a ambas as filhas; já era suficientemente pequeno, sabe-o Deus, só para uma. Por isso a Alice, sendo a mais feia das duas, tornou-se freira. Mas as pessoas dizem tais coisas horríveis, não dizem?

ST. ORBYN

Dizem.

GWENDOLENE

Mas eu estou a interromper as suas cartas...

ST. ORBYN

De foram nenhuma, mas eu pedi ao Vivian para vir ao meu quarto para ter uma pequena conversa... Lembre-se do meu conselho acerca do alfinete e *quando o cachorrinho voltar... não o use.*

GWENDOLENE

Não me esquecerei.

(ST. ORBYN sai pela estufa. GWENDOLENE aproxima-se do busto e está a olhar para ele quando JULIET entra e sem se aperceber de GWENDOLENE corre através da sala, abre a janela e acena com o lenço dela, rindo alto)

JULIET *(falando da janela para alguém lá fora)*

Ah, você é o primeiro, afinal de contas! Mas é como devia ser. Muito obrigada. Estou bem. Estou tão grata... Disparate... Que verdadeiro absurdo... Como *pode!*

GWENDOLENE

Juliet!

JULIET

É muito divertido. Encontrei o Major Lascelles precisamente quando estava a sair da carruagem. Parece que ele mora ali à frente... aquela é a janela dele... *(acenando outra vez)*

GWENDOLENE

O Major Lascelles, esse homem medonho!

JULIET

Que quer dizer? Ele não é medonho. Ele é encantador. É um dos melhores amigos do papá. Eu conheço-o de toda a minha vida e sou-lhe dedicada. *(Acena outra vez, beija a mão dela, e fecha a janela. As duas raparigas olham uma para a outra desafiadoramente. GWENDOLENE está de pé junto da escrevaninha. Na sua agitação deita ao chão um baralho de cartas. Elas caem todas.)*

JULIET *(saltando para a frente)*

Não lhes toque. Eu leio-lhe a fortuna. *(Ela inclina-se e volta-as)* Vejo boas notícias.

GWENDOLENE *(amargamente)*

Para mim?

JULIET

Uma grande surpresa.

GWENDOLENE

Uma triste?...

JULIET

Não... uma estranha. E olhe... há esperança.

GWENDOLENE

Onde?

JULIET

Dos pobres dois de espadas!

GWENDOLENE

Essa é a carta mais enganadora do baralho.

JULIET

De qualquer maneira, ela traz esperança. Oh, Gwen, vejo um casamento.

GWENDOLENE

É o seu.

JULIET

Não, não é o meu.

GWENDOLENE

De quem é o casamento então? (*fingindo não querer saber*) Que disparate!

JULIET

Creio... que tem de ser o seu.

GWENDOLENE (*mecanicamente*)

Que disparate.

JULIET

E o homem é magro... alto...

GWENDOLENE

OH! (*finge indiferença*)

JULIET

E bem-parecido... bastante solene...

GWENDOLENE

Que carta é essa?

JULIET

Oh isso não está nas cartas.

GWENDOLENE

Está a inventar.

JULIET

Não estou. O cabelo dele é preto; os olhos são escuros, o nariz é estreito, o queixo é firme; ele sabe todas as palavras compridas em todas as línguas!

GWENDOLENE

Isto é absurdo. Eu não conheço nenhum homem como esse...

JULIET

Casa-se sempre com a pessoa mais improvável. Agora tenho de ir... mas, Gwen...

GWENDOLENE

O quê?

JULIET (*segreda ao ouvido dela*)

Vê-lo-á talvez no baile. (*Apanha o guarda sol dela e sai a correr*)

GWENDOLENE

(*Seguindo JULIET para cima, pára; então com um repentino sentimento para o busto*) Oh, ouviste isto? ou se ouviste, importas-te? (*Lança com violência as cartas ao busto de D. GASTÃO*) Queres saber?

(*Enquanto ela atira as cartas, entra JENKINS para anunciar a PRINCESA VENDRAMINI. Ele hesita um momento. Entra a PRINCESA VENDRAMINI, uma pessoa elegante, mundana, de porte altivo, mas bem-educada;*

mais emotiva do que afectada, vestida no auge da moda. Fala com um leve sotaque italiano, pronunciando cada sílaba com cuidado.)

JENKINS (*anunciando*)

Madame a Princesa Vendramini.

(GWENDOLENE muda para baixo C. E, desviando o olhar. JENKINS tira os livros da mesa C. e põe a toalha de mesa. RORTER entra com a bandeja do chá que põe na mesa. Ambos os homens levam a mesa um pouco mais para baixo. Depois saem)

VENDRAMINI

Mon ange!

GWENDOLENE (*voltando-se para a PRINCESA*)

Oh, é a Senhora, Princesa? (*avança em lágrimas*)

VENDRAMINI (*beijando-a em ambas as faces*)

Que pálida! Assustei-a?

GWENDOLENE (*rindo historicamente*)

Eu estava a perder a calma. Acontece-me às vezes...

VENDRAMINI

Incrível!

GWENDOLENE

Sou apenas humana!

VENDRAMINI

Então para quê discutir com a Natureza? Nós vivemos para amar, sofrer e morrer!

GWENDOLENE (*com paixão*)

Eu penso que vou morrer dentro em breve, porque eu não posso morrer!

VENDRAMINI (*acenando a mão indefinidamente para o busto*)

Porque não se afasta destas associações?

GWENDOLENE

Eu *vou* – no dia seguinte ao baile. Eu tenho de o ver uma vez mais – uma vez mais, pelo menos.

VENDRAMINI

Então quando o encontrar – mostre o seu génio. Reprenda-o, ameace-o, faça troça dele, ria-se dele – exaspere-o!

GWENDOLENE

Isso não é o conselho de Lord St. Orbyn.

VENDRAMINI (*mordendo o lábio dela*)

Ah, então ele já chegou?

GWENDOLENE

Sim e eu creio que ele gosta mais de Lady Beauvedere do que as pessoas pensam. Eu não me admiraria, afinal de contas...

VENDRAMINI (*agitada*)

Digo-lhe, isso está fora de questão. Ele não pode casar com Geraldine... seria – oh, a palavra – dê-me a palavra.

GWENDOLENE

Loucura?

VENDRAMINI

Não. Sentimentalismo! Ele pode casar por ódio, por dinheiro, por poder, por independência, por desespero, mas nunca, nunca por sentimentalismo. Eu tenho de pôr fim a isto. (*Levanta-se e anda pela sala*)

GWENDOLENE

Como pode?

VENDRAMINI (*agitada*)

Temos de o distrair. Antes qualquer mulher do que Geraldine – *qualquer* mulher.

GWENDOLENE

Mas porquê?

VENDRAMINI (*voltando para o C.*)

Porque ambas o conhecemos há o mesmo número de anos!

GWENDOLENE (*suavemente*)

Querida Princesa!

VENDRAMINI

Tenho ciúmes.

GWENDOLENE

Tenho tanta pena.

VENDRAMINI

Eu podia *aguentar* isso, mas ela não tem a bondade, o tacto, o *savoir faire* e o *savoir vivre* para mostrar o mais pequeno ciúme de mim. É insultuoso.

GWENDOLENE

Isso é a parte mais dura!

VENDRAMINI

Naturalmente. Ah se eu a pudesse ver ciumenta. Não há ninguém? St. Orbyn é caprichoso, fastidioso a um ponto – que passa todos os cálculos.

GWENDOLENE

Não há aqui ninguém novo ou interessante – excepto a Juliet.

VENDRAMINI (*aproximando-se de Gwendolene*)

Claro. Mas claro. *Juliet*. Uma inspiração! (*Cai num devaneio*)

GWENDOLENE (*assustada*)

Não vai fazer nada... nada?

VENDRAMINI

Mon ange, deixe tudo comigo. (*Atravessa para E e pára*) Não verta mais lágrimas e vá.

(GWENDOLENE hesita) Vá. *(Bate com o pé no chão)*

[*Sai GWENDOLENE*]

(A PRINCESA ri-se desdenhosamente, depois levanta-se, escutando como se fosse por passos. *Avança sorrindo ao mesmo tempo que a porta se abre e ST. ORBYN entra*)

ST. ORBYN

Minha querida princesa! Sei agora que as preces são ouvidas.

VENDRAMINI

Porquê?

ST. ORBYN

Não está em Paris quando eu estou em Paris?

VENDRAMINI

Ambos viemos, temo, com a mesma missão!

ST. ORBYN

Espantosa criatura. Está a arranjar outra guerra?

VENDRAMINI

De certa maneira – sim. Eu vim para oferecer as minhas congratulações pelo noivado de um amigo!

ST. ORBYN

Oh esse casamento! *(Ela abana cabeça)* O que é que pensa?

VENDRAMINI

Mon Dieu! *(Vai até à mesa e deita o chá)*

ST. ORBYN

Ah eu temia que você tivesse esse ponto de vista. Mas eu gosto de um homem que faz de si mesmo um parvo por causa de uma mulher. *(Aproxima-se da mesa de chá)*

VENDRAMINI

Como se deve odiar a si próprio.

ST. ORBYN

Porquê?

VENDRAMINI

Porque só deixa as mulheres fazerem-se elas próprias de parvas *por si!*

ST. ORBYN

Ah não, esses dias acabaram queridíssima Princesa. Cometi os meus erros, mas agora nesses assuntos sou uma criança (*estende-lhe o chá*) – qualquer um me pode enganar, mesmo a Senhora. Tente!

VENDRAMINI

Ah, não. Amei-o uma vez, mas nunca mais. Deu-me três rugas e nenhum homem na terra vale nem sequer uma.

ST. ORBYN (*irritado*)

Bem, para namoriscar com génio, tem de se ser ou demasiado novo para pensar ou demasiado sensato para se confiar em si mesmo para pensar.

VENDRAMINI

Eu hesito entre as duas condições. Ainda não estou velha e ainda não completamente sensata. (*Senta-se numa cadeira ao lado do piano a beber chá*)

ST. ORBYN

Espantosa criatura, as mulheres nunca devem ser velhas ou sensatas. Elas nasceram para fazer os homens felizes e as outras ciumentas.

VENDRAMINI

(*Dando-lhe a chávena de chá dela que ele coloca na mesa de chá*) Não. Elas nasceram para confiar – e para serem enganadas! Nunca me consideras seriamente?

ST. ORBYN

Não posso.

VENDRAMINI

Porque não?

ST. ORBYN (*pondo a chávena dele na mesa*)

Porque me entristeces e eu só sou sério...

VENDRAMINI (*ardentemente*)

Quando?

ST. ORBYN

Quando estou a brincar.

VENDRAMINI (*agastada e levantando-se*)

Oh você só me vê nos meus estados de espírito mais leves, ouvindo escândalos, falando sem sentido, sorrindo ironicamente aos desapontamentos de um, suspirando pelo sucesso daquela, delicada com homens que detesto, distante para outros de que não me atrevo a – gostar! (*Dirigindo-se a ele*)

ST. ORBYN

Quem é o homem afortunado que despertou o seu recato?

VENDRAMINI

Cruel... mas estamos a esquecer os nossos pobres amigos.

ST. ORBYN

Uma amabilidade não premeditada da minha parte, asseguro-lhe!

VENDRAMINI

Sabe, tenho um planozinho com o qual os podemos ajudar.

ST. ORBYN

Tão sem escrúpulos como sempre.

VENDRAMINI

Oiça. Esta rapariga – Juliet Gainsborough – é jovem, impressionável, ambiciosa. Não o magoaria distrair a atenção dela e ela – não mais sensata que o resto do sexo dela – ficaria ofuscada.

ST. ORBYN

Acto I, ela fica ofuscada – e agora Acto II?

VENDRAMINI

Esperando por um melhor casamento, ela desmancha o noivado com o querido Gastão.

ST. ORBYN

Acto III?

VENDRAMINI

Bem você seria como o sensato cavaleiro no poema –
“Adeus para sempre Meu Amor
E *adieu* para sempre!”

ST. ORBYN

Oh, eu não tinha ânimo para o fazer!

VENDRAMINI

Ânimo não é necessário. Você não tem feito outra coisa na vida.

ST. ORBYN (*interrompendo-a*)

Está a desafiar-me? – está a pôr-me à prova?

VENDRAMINI

Nunca o julgaria tão retrógrado numa intrigazinha.

ST. ORBYN (*atraído pela ideia*)

Co'os Diabos! Fá-lo-ei.

VENDRAMINI

Mas o quê?

ST. ORBYN

Se a rapariga não é mundana, sairá da aventura com todo o sucesso! Agora que penso nisso, posso mesmo prestar-lhe um favor provando-lhe, a si,

que ela está sinceramente, profundamente, completamente apaixonada por aquele prodigioso maçador, o seu inestimável Prometido!

VENDRAMINI

Mas se, por outro lado, ela é mundana – como eu penso.

ST. ORBYN

Nesse caso ambos saberemos como dizer um ao outro *Adeus*. Apertar-lhe-ei a mão. Dir-lhe-ei “Pela última vez”... ela olhará para mim. Será suficientemente esperta para sorrir. Eu serei suficientemente esperto para suspirar. Ela controlará um soluço, eu controlarei um esgar. Eu desejar-lhe-ei – sinceramente – toda a felicidade. Ela desejará – sinceramente – que eu vá para o diabo! E aí, queridíssima Senhora – o assunto terminará.

VENDRAMINI

Oh a malvadez dos homens!

ST. ORBYN

Oh a perfídia das mulheres!

VENDRAMINI

Albert.

ST. ORBYN

Sim, Rosamund?

VENDRAMINI

O vento eriçou-me o cabelo? (*ST. ORBYN aproxima-se mais e examina o rosto dela e o penteado muito cuidadosamente, mas sem emoção*) Bem?

ST. ORBYN (*seriamente*)

Penso que está tudo bem. (*Afasta-se dela*)

VENDRAMINI

Mudei muito desde que era uma rapariga?

ST. ORBYN

Nem um bocadinho.

VENDRAMINI

Não acha que eu estou um bom pedaço mais pálida?

ST. ORBYN

Eu odeio uma tez avermelhada. A sua foi sempre delicada.

VENDRAMINI (*depois de uma pausa*)

Não notou que a expressão da minha boca se alterou? Algumas pessoas dizem que se tornou mais austera.

ST. ORBYN

Deixe-me ver. Não. Eu nunca sonharia chamar-lhe austera. Uma sombra maliciosa, talvez... (*Olha para a boca em silêncio*)

VENDRAMINI (*petulantemente*)

Oh, Albert você é demasiado... (*Atravessa a sala e encontra JULIET que entrou com um telegrama na mão que está a ler com evidente preocupação. Ela cumprimenta a Princesa mecanicamente. ST. ORBYN avança*)

JULIET (*dirigindo-se à PRINCESA*)

Como está, Princesa? Lady Beauvedere sabe que está aqui? (*Dirigindo-se a ST. ORBYN*) Deve ser Lord ST. ORBYN. Eu sou Juliet Gainsborough. Posso oferecer-lhe um pouco de chá?

ST. ORBYN (*muito impressionado*)

Obrigada. Eu já tomei o meu chá.

JULIET (*olhando para o telegrama*)

Isto é do Gastão. (*Dirigindo-se para a mesa*) Ele teve a licença dele mais cedo do que era esperado. Está agora a caminho de Berlim para Paris. (*Parece petrificada de espanto.*)

VENDRAMINI (*à parte para ST. ORBYN*)

Que pensa dela? (*Ele está muito absorvido para responder*)

JULIET

Julgo que o Gastão não receberá uma carta que foi posta no Correio ontem?

VENDRAMINI

Claro que não. Mas quando ele a vir, não vai querer cartas.

JULIET

Mas a carta será remetida?

VENDRAMINI

Claro.

JULIET (repetindo)

Oh, sim... (*Senta-se*) Será remetida. Desculpar-me-ão por um instante? Eu preciso de chamar a minha irmã. (*Escreve*)

ST. ORBYN

Então esta é Juliet.

VENDRAMINI

Sim... Está desapontado?

ST. ORBYN (*firme, mas muito calmamente*)

Princesa....

VENDRAMINI

Bem...

ST. ORBYN (*com forçada calma*)

Se eu alguma vez lhe disser alguma coisa... Se eu alguma vez a levar a supor que ela é mais para mim do que qualquer outra mulher... (*com uma pausa*) digo... se...

VENDRAMINI

Sim?... Sim?

ST. ORBYN (*com determinação*)

Se eu o dissesse – lembre-se disto: seria a sério. Isso seria para mim – *mais* que tudo no mundo (*rapidamente*) Eu digo... (*depois de uma pausa*) se...

JULIET (*para ela própria*)

Claro que seria remetida...

VENDRAMINI (*para ST. ORBYN*)

Que se passa? É este o seu primeiro amor?

ST. ORBYN (*olhando-a fixamente*)

Não – o meu último!

Fim do Primeiro Acto

O Segundo Acto

CENA: *A estufa em casa de LADY BEAUVEDERE. Luzes ténues. Uma fonte a deitar água (com peixes dourados), ao centro. Vários pares na estufa. Ao subir do pano, ouve-se música de valsa. Alguns dos pares voltam para o salão de baile. Vê-se ao longe o salão de baile. Um pequeno grupo de damas de companhia está perto da frente do palco. LADY BEAUVEDERE, maravilhosamente vestida, muito elegante, adornada com poucas pérolas, etc. está de pé junto da fonte. A DUQUESA DE HAMPSHIRE de brocado cor-de-malva, lapelas de renda, diamantes, etc. LADY BASLER, LADY ULLWEATHER, MRS DASNEY com uma enorme tiara, muito deslumbrante, estão sentadas num canapé de vime e em assentos espalhados.*

LADY BEAUVEDERE

(Avistada no C. E; depois atravessando em frente da fonte)

Eu creio que talvez devêssemos voltar para os nossos postos. *(Olha à sua volta ansiosamente)*

LADY ULLWEATHER

(Uma pessoa lânguida, magra, com um xaile.)

Nunca te pouparás nem a ti, nem aos outros, Geraldine.

LADY BEAUVEDERE *(vagamente)*

Sabes... tenho medo... Eu realmente tenho de... se não se importam. *(Sai em direcção ao salão de baile, olhando em redor como que à procura de alguém)*

LADY BASLER (*para LADY ULLWEATHER*)

Bem, que pensas da noiva-eleita?

LADY ULLWEATHER

Eu realmente esqueço-me. Hoje em dia conhecem-se tantas mulheres.

DUQUESA (*sentada numa poltrona*)

Oh, como isso é verdade! S'elas são monótonas, visito-as na Quaresma, se são bonitas, reservo-as p'rás minhas festas no *fim* de época; se são ricas, sou cortês com elas durante todo o ano; e se são espertas, fujo delas como da praga!

LADY BASLER

Que bem que a Gwen Marleaze está a suportar o desapontamento! Eu admiro-a *tanto*.

LADY ULLWEATHER

Também eu. (*Sonolentemente*) Com aqueles longos, longos braços – algumas pessoas *admiram* um braço como um tubo de cachimbo – a sua assombrosa tez de cadáver e a sua grande boca misteriosa, acho-a bastante fascinante!

LADY BASLER

Oh, sua malvada criatura!

LADY ULLWEATHER

Malvada? Asseguro-lhe que a admiro excessivamente. É tão difícil descrever uma mulher com justiça. As palavras são tão *áridas*. A propósito Edith, não te vi no casamento do Barão.

LADY BASLER

Nunca vou onde não sou convidada, mas, claro, eu sou peculiar.

DUQUESA (*muito carinhosamente*)

Não quando a gente te conhece, querida.

LADY BASLER (*depois de uma pausa*)

Não consigo perceber porque é que o St. Orbyn não assenta e não casa com a pobre velha Rosamund Vendramini. A afeição dela é tão verdadeira.

LADY VANRINGHAM

E se eles se *amam* um ao outro, a quem é que isso importa?

DUQUESA (*para LADY BASLER*)

Querida Edith, homens com o modo de pensar de St. Orbyn não querem afeição, eles querem divertimento.

LADY BASLER

Então porque diabo não casa ele com *Geraldine*?

MRS DASNEY

Valha-nos Deus! Rosamund não poderia aguentar isso! Ela antes o mandaria atrás de Juliet Gainsborough. (*A DUQUESA olha para ela – todas olham arregaladamente para ela por falar daquele modo – mas ela continua destemidamente*) Quem me dera que ele *desejasse* uma das minhas pobres irmãs, mas ele não deseja (*suspira*) – é demasiado poético.

LADY BASLER (*dirigindo-se à DUQUESA e ignorando MRS DASNEY*)

Mas ele não é um poeta no sentido vulgar, querida Duquesa. Quero dizer, não seria chamado *poético* quanto aos seus *gostos*. Uma vez passei um dia no campo com três poetas... verdadeiros poetas... profissionais... sabe a espécie de coisa? Eu simplesmente esqueci-me do que eles disseram, mas sei que tivemos nacos inteiros de carne e pavorosos *pickles* à ceia!

DUQUESA

Que pernicioso! (*Para Mrs Dasney que se levantou.*) Que se passa? Vai-se embora?

MRS DASNEY (*atravessando a sala*)

Estou bastante cansada. Está a ver, eu jantei aqui!

[Sai]

DUQUESA

(A música pára. Olha para LADY BASLER, suspira, depois levanta-se como se muito cansada.)

Suponho que temos de ir.

(A DUQUESA vai para a D. da fonte com LADY VANRINGHAM, LADY ULLWEATHER e LADY BASLER vão até à E. da fonte. Depois todas se encaminham solenemente para saída lado a lado. Entram ST. ORBYN e JULIET.)

ST. ORBYN

Fique mais um bocadinho. Se esta é a dança do Gastão, deixe que ele a encontre.

JULIET

Sim. Eu imagino... (pausa)... não acha que as cartas que foram enviadas para Berlim no Sábado e que não o encontraram já deviam estar aqui agora?

ST. ORBYN

Eu julgo que sim. Porquê? *(Ciumentamente)* Ainda está preocupada com a carta?

JULIET *(embaraçada)*

Oh não, mas – Quem me dera que ele a tivesse.

ST. ORBYN

Não vamos pensar no Gastão e nas suas cartas agora. Esta é a *minha* hora.

JULIET *(enquanto eles se passeiam até à fonte)*

Está certamente muito agradável aqui e fresco...

ST. ORBYN *(olhando para ela)*

Como uma rosa não colhida!

JULIET

Tenho estado a ler os seus poemas São muito bonitos, mas cada um dos seus duzentos e cinquenta sonetos é dedicado a uma mulher diferente.

ST. ORBYN

De forma alguma. É a mesma mulher, mas ela tem duzentas e cinquenta diferentes disposições.

JULIET

Ela era bonita – e você amava-a muito?

ST. ORBYN

Indizivelmente!

JULIET

Que desventura!

ST. ORBYN

Porquê?

JULIET

Porque, nesse caso, ela nunca pôde saber...

ST. ORBYN

Ah, ela sabe – ela tem de saber – ela não pode duvidar.

JULIET

Que ousadia a dela.

ST. ORBYN

Porquê ousadia?

JULIET

Penso que as raparigas acham tão difícil, em regra, acreditar que são realmente amadas... pelo homem que elas... podem (*encontra o olhar dele*)... respeitar.

ST. ORBYN

Adivinha então que ela é uma *rapariga*?

JULIET

Oh, não; eu estava meramente a falar – *como* uma rapariga – acerca de raparigas – da forma mais vaga possível (*tirando as luvas*).

ST. ORBYN

Gosta de peixes doirados?

JULIET

Sim, mas muitas vezes me pergunto para que foram feitos!

ST. ORBYN

Ora, para parecerem bonitos – e escorregarem entre os nossos dedos – como as mulheres fazem.

JULIET

Temo que tenha uma dura opinião acerca das mulheres.

ST. ORBYN (*depois de uma pausa*)

Ontem quando regressava da minha cavalgada no *Bois*, olhei para cima e disse – isto ou é a face dela ou um lírio à janela!

JULIET

Eu só estava ali de pé a espalhar bolo para os pássaros.

ST. ORBYN

Felizes os pássaros que têm o infeliz bolo atirado por essas lindas mãos!

JULIET

Talvez fosse um lírio à janela!

ST. ORBYN

E esse mesmo lírio, juro, é a única coisa na terra que eu sempre amei, ou poderia amar – em que sempre cri ou poderia crer.

JULIET

Tanto sentimento... só por uma flor.

ST. ORBYN

Como posso elogiar mais francamente o que amo tão profundamente – tão desesperadamente – tão erradamente – e tão acertadamente.

JULIET

Erradamente?

ST. ORBYN

Sim... por... por ter encontrado esta estrela das estrelas. Mas porque havia a estrela de se preocupar com uma traça?

JULIET

Ela é uma estrela agora?

ST. ORBYN

Sim... ela é tudo! Assim, tendo-a encontrado, proponho-me mantê-la contra todos os vindouros – todos os pretensos proprietários – contra todo o mundo!

JULIET

Eu não creio que... a flor... quero dizer, a estrela... quero dizer, a rapariga... se importasse... (*Muda-se para E., depois volta-se para ST. ORBYN*)

ST. ORBYN (*seguindo-a*)

Ah, Juliet, eu tenho de a amar em qualquer caso... mas posso? (*Ela volta-se em direcção à cadeira*) Eu desejo... Eu não ousou dizer tudo o que desejo... no entanto, você adivinhará. Este noivado com o Gastão é um engano... um erro... um crime! Você não... Você não pode amá-lo... (*Observa a face dela*)

JULIET (*agitada*)

Eu penso... Eu não desejo amar ninguém... O amor mete-me medo. Oh, eu era mais feliz antes!

ST. ORBYN

Antes de quê?

JULIET

Antes... Quando estava só a imaginar o que é que significava.

ST. ORBYN

E *agora*, sabe?

JULIET (*falando mais para si própria do que para St. Orbyn*)

Eu... adivinho... e eu digo – não, não! Deixem-me ser como eu era. Deixem-me sonhar – os sonhos eram melhores.

ST. ORBYN

Toda a minha vida, tenho estado à espera de a encontrar... em busca de si, esperando, desesperando e esperando de novo. Finalmente, você veio e não demasiado tarde. Você nunca pertencerá a mais ninguém! (*Agarrando-lhe na mão*) Juliet, importar-se-ia se não pertencesse?

JULIET

O seu amor é uma das coisas que eu mais desejaria... mas estas coisas nunca acontecem. (*Levanta-se*)

ST. ORBYN (*seguindo-a*)

Aconteceu... Eu amo-a. Só a conheço há cinco dias; no entanto, o meu destino está nestas mãozinhas. (*Beija-as*)

JULIET

Só cinco dias!

ST. ORBYN

E o mundo todo foi feito em seis! Eu reconhecia-a à primeira vista... Esta, eu disse, é a única... (*Agarrando em ambas as mãos dela*)... Esta é a minha futura esposa.

JULIET (*retirando ambas as mãos*)

Oh, espere – espere – está a falar a sério?

ST. ORBYN (*apaixonadamente*)

Não vê que eu sinto verdadeiramente todas as palavras?

JULIET

Pode senti-las – neste minuto – mas eu tenho de lembrar-me delas – para sempre! Vê, há uma diferença!

ST. ORBYN

Meu queridíssimo Coração! Eu juro que toda a minha vida depende agora da sua resposta!

JULIET (*agarrando e premindo a mão dele na face dela*)

Oh que feliz eu poderia ser, se eu *pudesse* ser. (*Segura a mão dele*) Pensarei em si muitas vezes – e isto quer dizer – sempre.

ST. ORBYN

Que é isto?... Lágrimas, não?... Porquê lágrimas?

JULIET

Você não deve pensar em *mim*. Eu sou pobre e sem importância. Não tenho parentes ilustres. O mundo chamaria a isto um casamento desnaturado. O mundo rir-se-ia de si e atacar-me-ia. Oh, eu conheci o mundo tantas vezes durante estas duas últimas semanas.

ST. ORBYN

Não o mundo – apenas os seus espantalhos!

JULIET

Oh, eu seria o seu empecilho!

ST. ORBYN

O meu empecilho! Quer dizer a minha coroa – o prémio da vida. Essas outras noções são fantasias.

JULIET

Não são fantasias. O que é que as pessoas pensaram do meu noivado com D. Gastão? E o que diriam de si – St. Orbyn casou finalmente – uma coisita sem um vintém. Ela é nova e tola. É uma desgraça na carreira dele!

ST. ORBYN

Que importa! Queridíssima, qualquer homem – mesmo o mais cínico – tem um entusiasmo – ele é sério numa qualquer única coisa; o totalmente frívolo não existe. Se há um esqueleto – também há um *ídolo* no armário! Esse ídolo pode ser ambição, amor, vingança, as corridas, a mesa – mas está lá – Agora estou a ser irreverente.

JULIET

É?

ST. ORBYN

Às vezes. Mas, palavra de honra, estou disposto a ser queimado, censurado e ostracizado por amor da mulher que amei (*Levanta-se*) Quanto ao mundo – quanto menos um homem o considera, melhor ele o tratará. Isto é a minha experiência. Agradar-lhe-ei se possível, mas ao meu próprio coração a qualquer preço!

JULIET

Oh, você fala como os meus sonhos!
(*Entra D.GASTÃO. Ele é pomposo, bem educado, obviamente de bom coração e enfatulado*)

D. GASTÃO

OH, eis-vos! (*Ele não demonstra qualquer espécie de suspeita. Para JULIET*)
Penso que esta deve ser a nossa dança. Peço desculpa por estar tão atrasado. Mas de um anfitrião, nestas ocasiões, espera-se que esteja aqui, ali e em todo o lado. Sei que me perdoarás.

JULIET

Oh, claro. Eu... Eu... realmente não te esperava, mas... Oh, vê (*segurando a faixa dela*) quando estava a brincar com os peixes dourados salpiquei um pouco a minha faixa.

D. GASTÃO

Que descuido!

JULIET (*atravessa a sala*)

Temo que tenha de mudá-la antes de voltar para o salão de baile. Eu não demoro. Importas-te? (*St. Orbyn estende-lhe as luvas dela*)

D. GASTÃO (*limpando a sua frente*)

Não há pressa... Eu fico satisfeito por ter dois dedos de conversa com St. Orbyn. (*Juliet sai*) Ainda não tive um minuto contigo desde que cheguei. Eu digo sempre, se queres ver os teus amigos, encontra-te com eles em casa de qualquer outra pessoa – não na tua.
(*Muda-se para o sofá*) Entre nós. Estou muito preocupado.

ST. ORBYN

Porquê?

D. GASTÃO (*sentando-se*) Estou numa maldita posição difícil.

ST. ORBYN

Qu' engraçado!

D. GASTÃO

Oh não; não é nada engraçado o que possa levar a histerias e desmaios! Tu não sabes o que é ter duas ou três mulheres a brigarem por nossa causa.

ST. ORBYN

Não! Talvez não!

D. GASTÃO

A mamã está a tomar quinino às carradas e Gwendolene está a fuzilar-me com o olhar em todas as ocasiões. Que se há-de fazer?

ST. ORBYN

Iss' é sem dúvida exactamente aquilo que toda a gente se pergunta.

D. GASTÃO

Sou dedicado à Mamã, como sabes. Ela sacrificou a sua vida inteira ao Vivian – e a mim próprio. Ela ficou viúva aos dezanove anos.

ST. ORBYN

E que linda criatura ela era, também!

D. GASTÃO

Ela podia ter casado outra vez (*com um longo olhar para St. Orbyn*)... mas ela não o fez. Bem, por um lado, vejo esse nobre auto-sacrifício, por outro, sou levado a perguntar-me se esta afeição por Juliet é uma fantasia passageira e violenta. Tens de concordar que a Juliet tem encanto...

ST. ORBYN

Sim... grande encanto!

D. GASTÃO

Mas as mulheres – as amigas da minha madrasta – mulheres de alta linhagem e cultura e experiência – parecem detectar em Juliet uma certa nota de sátira – como se ela troçasse de mim – o que, dizem, não augura nada de bom para a felicidade de um casamento. Ora eu não posso mascarar-me a mim mesmo...

ST. ORBYN

Não, não mascares nada!

D. GASTÃO

Juliet tem ideias. Ela diz que morreria por elas.

ST. ORBYN

Porque não? *Morrer* por grandes ideias é glorioso – e fácil. O horror é resistir-lhes. Essa é a nossa pior aptidão.

D. GASTÃO (*aborrecido com a interrupção*)

Ora, pergunto-te, como homem mundano, acreditas na vulgar *viabilidade* do amor à primeira vista?

ST. ORBYN

Tenho visto exemplos disso... entre os meus próprios conhecimentos mais íntimos, de facto! Não se pode tomar como um dogma. Às vezes, resulta – e às vezes, não.

D. GASTÃO

Eu suponho que é exactamente uma daquelas coisas que por acaso acontecem.

ST. ORBYN

Se resulta mal, ninguém fala de outra coisa.

D. GASTÃO

E se resulta bem...

ST. ORBYN

Não terão o mais pequeno interesse no assunto. Aqueles que fizeram casamentos infelizes caminham em andas, enquanto os felizes estão ao mesmo nível que a multidão. Ninguém os vê!

D. GASTÃO

Eu não consigo pensar que a ansiedade destas últimas poucas semanas aponte para uma questão pacífica. Também tenho um peso zito na minha consciência!

ST. ORBYN

A tua consciência! Isso quer dizer, claro, que alguém algures está a chorar!

D. GASTÃO

Como adivinhaste?

ST. ORBYN

Eu associo sempre a consciência de um homem a lágrimas de uma mulher. São inseparáveis.

D. GASTÃO

Começo a perguntar-me se eu agi bem em relação a Gwendolene.

ST. ORBYN

Vocês certamente cresceram ambos com a noção de agradarem aos vossos pais casando um com o outro.

D. GASTÃO

Ela tem-se comportado da maneira mais comovente – nenhuma censura – mas pequenas coisas denunciam-na. Ela já não usa um pequeno presente que lhe dei – uma insignificância – um alfinete de opalina com uma lua engastada.

ST. ORBYN

Ah!

D. GASTÃO

Todas as vezes que a vejo agora, sinto a falta dele e é como se uma certa luz se tivesse apagado na minha vida.

ST. ORBYN

Eu, tal como tu, dou *imensa* importância ao episódio do alfinete!

D. GASTÃO

Estou satisfeito por concordares comigo. Esse simples acto não premeditado afianço-te, feriu-me o coração mais profundamente que qualquer cena, qualquer súplica poderia ter feito. É por estes meios – tão naturais e tão infinitamente patéticos que as mulheres nos conquistam.

ST. ORBYN

Verdade. Oh, como é verdade!

D. GASTÃO

Analisa cuidadosamente na tua mente a minha dificuldade. Vê – de um lado, o amor inabalável de Gwendolene.

ST. ORBYN (*empenhando-se na sua simpatia*)

A amizade da vossa infância, a afeição dos vossos anos mais maduros.

D. GASTÃO

Ela não é bonita... não é prendada...

ST. ORBYN

Mas é boa. Tem olhos bonitos, e depois – gosta de ti!

D. GASTÃO

Muito.

ST. ORBYN

Do outro lado...?

D. GASTÃO

Há uma afeição, talvez um enamoramento puramente físico. Eu digo talvez...

ST. ORBYN

Nada mais provável. Aceita isso mesmo como uma verdade.

D. GASTÃO (*suspirando*)

Quanto à própria Juliet é, devo dizê-lo, extremamente fria, com todo aqueles seus ares cheios de vida.

ST. ORBYN

Eu, pessoalmente, não hesitaria nem um instante. (*Levanta-se*)

D. GASTÃO (*Levantando-se*)

Então o que farias?

ST. ORBYN

Fazer! Eu escolheria a mulher que eu queria, claro!

“Colhe a rosa do amor enquanto é tempo
Enquanto amando tu podes ser amado...”,
etc.

D. GASTÃO (*suspirando*)

No entanto... Ela é tão deliciosa!

ST. ORBYN

Qual delas?

D. GASTÃO

Ora, a Juliet, claro!

ST. ORBYN (*notando a hesitação dele*)

Ah, mas pensa naquela outra pobre rapariga! Pensa em Gwendolene – nas suas noites de insónias – vendo o sol nascer e a lua a desaparecer...

D. GASTÃO

Terrível!

ST. ORBYN

Pensa nas suas lágrimas silenciosas! Como ela participou em pensamento e esperança em todos os passos da tua carreira. Ah, nunca brinques com os corações! E depois pensa nos olhos dela – aqueles olhos lúgubres cheios dum grande amor, sem queixa e sempre dedicado. Palavra de honra, um amor assim converteria um Dom Juan à fidelidade!

D. GASTÃO

Bem, eu espero não ser um Dom Juan! Mas eu respeito os sentimentos da Gwendolene. E afinal de contas, Juliet disse-me desde o início que não me amava.

ST. ORBYN (*aliviado*)

Ah, ela disse-te isso?

D. GASTÃO (*dando o braço a St. Orbyn e passeando com ele*)

Sim, com a mais espantosa sinceridade. Confesso que fiquei ressentido – Diabos me levem, mesmo muito ressentido. Na altura entendi isso como coqueteria, mas desde a minha chegada aqui ela tem estado mais distante do que nunca. Nós mal trocámos uma palavra.

ST. ORBYN (*com velado sarcasmo*)

Mas também a tua madrasta te tem certamente monopolizado para exclusão dos outros.

D. GASTÃO

É verdade. Quando vejo a minha madrasta – eu não esperava uma tal mudança – senti que tinha obrigação, era meu dever desistir.

ST. ORBYN

Meu querido Gastão, tu tens razão. Um noivado desmanchado é uma pena, mas um casamento desgraçado é uma anedota – uma odiosa, diabólica anedota. Não submetas a acção mais séria da tua vida ao julgamento

de um bando de mulheres velhas que só pensam nos presentes que mandaram gravar com o monograma da tua mulher!

D. GASTÃO

Isso é tudo muito bonito, mas elas mandam no jogo, como sabes. Se por acaso elas não gostam de uma mulher, podem fazer a vida muito desagradável a um tipo.

ST. ORBYN

Suponho que podem – dado o tipo!

D. GASTÃO

Seja como for, o teu conselho é excelente! *(Ambos vão para a frente do palco)*
Sou inteiramente da tua opinião, mas – como no mundo...

ST. ORBYN

Ah, princesa!

[Entram a PRINCESA VENDRAMINI e o Lord LAVENSTHORPE.]

D. GASTÃO

Vou deixar-vos.

[Sai com Lord LAVENSTHORPE]

VENDRAMINI *(para ST. ORBYN)*

Então, tem estado feliz esta tarde?

ST. ORBYN

A sua presença lança um feitiço na minha memória. Agora, finalmente, sinto-me supremamente feliz, esqueci tudo aquilo que aconteceu, ou tem acontecido.

VENDRAMINI *(sentando-se)*

Os seus elogios são uma espada de dois gumes, magoam-nos a ambos.

ST. ORBYN

Eu mereço as minhas feridas. E você Rosamund?

VENDRAMINI

Eu admito que não estou isenta de culpas.

ST. ORBYN

É tão difícil saber quando está a brincar, ou quando está a falar a sério.

VENDRAMINI (*rindo amargamente*)

Acha que qualquer mulher seja honesta quando fala dos seus defeitos? Mas falando de defeitos, o que pensa agora da pequena Gainsborough?

ST. ORBYN

Os olhos dela são como os bosques de Outono e a voz como o vento do Oriente entre as rosas!

VENDRAMINI

Espevitadinha!! Porque é que não confia em mim e fala com franqueza? A Madame de Savigny e a Princesa Zoubaroff ambas dizem...

ST. ORBYN (*sentando-se à D dela*)

Nada de nomes! Não diga nomes. Eu suplico-lhe! O único tema seguro nos círculos diplomáticos é a História Antiga. Fale de César, Jorge IV ou Henrique VIII ou a rainha Ana e queira dizer... a quem lhe apetecer. Mas não fale dos seus amigos – amigos com quem nós jantamos, jantámos, esperamos voltar a jantar.

VENDRAMINI

Creio que aquela pouca coisa o enfeitiçou! Gwen Marleaze disse-me isso agora mesmo.

ST. ORBYN

Pobre Gwen! Ela é novata, bonitota.....

VENDRAMINI (*mexeriqueira*)

E pateta!

ST. ORBYN (*pensativamente*)

É uma enorme vergonha, mas parece não haver uma maneira *viva* de descrever as virtudes!

VENDRAMINI (*impertinentemente*)

As virtudes não são de forma alguma mulheres.

ST. ORBYN

O que é que elas são?

VENDRAMINI

Alegorias.

ST. ORBYN

O vosso sexo, portanto, consiste em Graças, Musas e Desmazeladas!

VENDRAMINI

Não pode mudar de assunto! Eu chamo à Gwen Marleaze uma gata. Palavra de honra, afinal, antes queria que o Gastão casasse com a Juliet.

ST. ORBYN

Aí não posso concordar consigo. Quanto mais vejo Miss Gainsborough, mais fico convencido que D. Gastão não é o homem para a fazer feliz!

VENDRAMINI

Absurdo!

ST. ORBYN

Mas ele nunca a poderia apreciar: aquele humor tímido, delicado... aquela malandrice inocente... aquela carne de *tom* de pérola à volta do queixo!

VENDRAMINI

Mon Dieu! A chama desta vez foi extinta pela mariposa. Ela venceu-o! Quem acreditaria em tal coisa! Ela enganou-o!

ST. ORBYN

De forma alguma. Você não vai negar que ela só tem dezanove anos. Você sabe porque creio que ela me disse que você esteve presente no batizado dela.

VENDRAMINI (*caindo na ratoeira*)

Dezanove! Ela não tem dezanove. Ela tem quando muito dezassete... se isso...

ST. ORBYN

Encantado por ouvir isso. Mais uma vez, você admite que ela é amorosa de se ver!

VENDRAMINI

Admito que ela tem certas atracções de uma espécie superficial.

ST. ORBYN

Exactamente. Uma linda tez, um cabelo lindo e lindas feições estão inquestionavelmente à superfície. Agradeço às minhas estrelas que assim estejam. Não seria avisado tomá-las por certas, como a alma! (*Levanta-se e muda-se C.*) Mas vamos lá, consegue resistir a esta música?

VENDRAMINI

Eu consigo resistir à música... Mas você, *Alas!* (*Suspira*)

ST. ORBYN

Vamos?

(*Ela aceita o braço dele e voltam para o salão de baile ao mesmo tempo que D.GASTÃO e JULIET entram pelo arco à D; JULIET traz algumas cartas*)

JULIET (*para D. Gastão*)

Quando passei pela entrada, encontrei estas cartas. Elas são de Berlim. Pensei que fossem importantes. Há uma que te enviei no Sábado que não te encontrou. Gostaria que a lesse.

D. GASTÃO

Para quê lê-las quando estás aqui tu própria? Posso ler isso em qualquer altura – quando estiver sozinho.

JULIET (*em voz baixa*)

Preferia que a lesse agora porque é realmente bastante importante.

D. GASTÃO (*impertinentemente*)

Digo-te que não estou com disposição. Estou muito preocupado com a mamã e uma ou duas outras coisas. Não estou em mim... Eu...

[*Entra VIVIAN apressadamente, pálido e muito agitado*]

VIVIAN (*para D. GASTÃO*)

Gastão, preciso de falar contigo imediatamente. É uma questão de vida ou de morte. Por favor, Juliet, deixa-nos sós.

D. GASTÃO (*pomposamente*)

Isto é absurdo. O que é que se passa? Eu não posso ocupar-me de um qualquer assunto agora. Não posso conceber nada mais inoportuno.

JULIET

Fala com ele, Gastão. Eu posso esperar aqui. Apetece-me descansar. (*Pondo a mão dela no braço dele*) Sê simpático com ele, sim? (*Ela afasta-se deslizando e senta-se à E*)

D. GASTÃO (*para Vivian*)

Bem, o que é? (*Atravessa e senta-se no sofá*)

VIVIAN (*permanecendo em pé em frente a D. GASTÃO*)

Estou no mais terrível embaraço. Conheces o Hugo Lascelles?

D. GASTÃO

Já ouvi falar dessa pessoa.

VIVIAN

Ele tem sido muito decente comigo... Tem-me deixado jogar às cartas com ele...

D. GASTÃO

Na verdade!

VIVIAN

Logo de início eu ganhei bastante.

D. GASTÃO

Sim?

VIVIAN

Depois comecei a perder... bastante mais do que tinha ganho.

D. GASTÃO

Claro! E então...?

VIVIAN

Como sabes a mamã tem estado muito doente para ler as cartas dela ultimamente. No outro dia chegou um cheque de Dicomb de 500 libras. Por acaso eu pu-lo no bolso de dentro do casaco.

D. GASTÃO

Sim...

VIVIAN

Ontem à noite perdi 500 libras com Lascelles.

D. GASTÃO

Perdeste 500 libras?... CO'OS DIABOS!... CO'OS DIABOS! (*Põe-se de pé*)... CO'OS DIABOS!

VIVIAN

Para que serve andar por aí a dizer CO'OS DIABOS? Eu pensei que os ia recuperar num ápice... por isso voltei a jogar hoje à tarde. Perdi mais...

D. GASTÃO

Sim?

VIVIAN

Estavam vários tipos lá... Eu prometi a Lascelles o dinheiro... Assim... Sem querer... pensei no cheque.

D. GASTÃO

Continua!

VIVIAN

Bem, eu endossei-o no nome da mamã.... e dei-lho.

D. GASTÃO

Queres dizer que falsificaste o nome da mamã?

VIVIAN

Digo-te que foi sem querer. Foi um daqueles impulsos. Veio-me de repente à cabeça... Digo-te, pareceu-me a única saída para sair da embrulhada. Pensei que tu não te importasses de pagares na conta da mamã de forma que ela não desse por isso. Eu informei o Didcomb sobre o cheque. Ele é um sujeito correcto. Posso arranjar os pormenores depois.

D. GASTÃO

Esperavas que participasse neste abominável logro... *Eu! (Anda à volta da sala)*

VIVIAN (*seguindo-o*)

Eu pago-te tudo outra vez – palavra de honra – quando eu chegar à maturidade. Oh, o que são umas danadas 500 libras para ti? Aliás, eu não o peço por mim, mas por ela – para a salvar – quando ela está tão doente e preocupada contigo. Tu podias estar pronto a poupar-lhe este desapontamento sobre mim. Ela não se importaria com o dinheiro. É a maneira como eu o arranjei. Ela disse-me para romper com Lascelles... mas disse-te para romperes com a *Juliet*...

D. GASTÃO (*levantando-se de rompante indignadamente*)

Nem mais uma palavra!

VIVIAN

Digo-te não é tão fácil como parece deixar de o fazer. Podias ser decente *por esta vez* e pagares o dinheiro – e resmungares, se te apetecer, depois.

D. GASTÃO (*depois de uma hesitação*)

Não. Por princípio. Não.

VIVIAN

Não, tu não queres dizer isso. Tu és na verdade um tipo tremendamente generoso.

D. GASTÃO

Essa lisonja é nauseante. A mamã satisfaz-te todas as vontades até ao grau mais absurdo. Vamos deixá-la ver o efeito desastroso de uma educação mimada.

VIVIAN (*quase em lágrimas*)

Qual é a vantagem de continuar assim? Lascelles tem o cheque, digo-te ele pagar-se-á amanhã de manhã.

D. GASTÃO

Não me digas mais nada sobre isso. Por princípio, lavo daí as minhas mãos.

VIVIAN

Então eu darei um tiro nos meus miolos. É tudo.

D. GASTÃO

Essa ameaças ordinárias, meu caro Vivian, são inúteis.

VIVIAN

Mas eu digo-te...

D. GASTÃO

Silêncio. Eis a tua desventurada mãe.

[*Entra LADY BEAUVEDERE*]

LADY BEAUVEDERE

Gastão, Vivian, de certeza vocês têm pares. Vocês não podem deixar o salão de baile. Vários dos melhores dançarinos já se foram embora. Creio que aquele temível Major Lascelles dá ele próprio uma festa esta noite meramente para me vexar e atrair os meus homens daqui para fora.

D. GASTÃO

Acho difícil acreditar que qualquer dos seus amigos prefira a companhia de Lascelles à nossa. Mas (*com o olhar virado para Vivian*) não se pode ter a certeza de nada. (*Para LADY BEAUVEDERE*) Vou consigo.

LADY BEAUVEDERE (*dando o braço a D. GASTÃO*)

Vem querido Vivinho.

VIVIAN

Vou já... dentro de um minuto.

(*LADY BEAUVEDERE e D. GASTÃO voltam para a sala de baile. VIVIAN fica a olhar fixamente para eles*)

VIVIAN

Está certo... Eu digo, está certo. (*Tira uma pequena pistola de algibeira*) Não sou tão parvo quanto pareço. Eu sei a saída mais rápida de todas as trapalhadas. (*Empunha a pistola*)

JULIET (*correndo do seu lugar de semi-esconderijo*)

Vivian! Que estás a fazer?

VIVIAN

Eu estava... Só a pensar, é tudo.

JULIET (*atrapalhada*)

Vivinho, eu não pude deixar de ouvir algumas das coisas. O Gastão fala bastante alto e eu estava com tanto medo não fosse alguém ouvir que estive quase a interrompê-lo.

VIVIAN (*bruscamente*)

Não tenhas pena. Todos os cães têm o seu dia. Eu tive os meus... já tive muito bons tempos, vendo tudo em conjunto... Não me posso queixar.

JULIET (*mudando-se para mais perto dele*)

Quem me dera poder ajudar-te. Eu própria não tenho um tostão, mas o major Lascelles vai ser bondoso, eu sei, se tu lhe pedires.

VIVIAN

Ah, não conheces Lascelles.

JULIET

Oh, sim conheço!

VIVIAN

Conheces!

JULIET

Conheço de toda a minha vida de que me posso lembrar.

VIVIAN (*aparentemente tendo tido uma ideia subitamente*)

Ele gosta de ti?

JULIET (*simplesmente*)

Penso que sim.

VIVIAN

Tens estômago para... não, tu não farias...

JULIET (*avidamente*)

Sim, faria... mas para quê?

VIVIAN

Ele não fará nada por homens. Ele é tão duro como o diabo com os homens, mas diz-se que ele fará qualquer coisa fatal por uma mulher bonita.

JULIET

Tu queres que eu lhe peça para ele não apresentar aquele cheque?

VIVIAN

Aí está. Que rapariga inteligente que tu és, afinal de contas.

JULIET

Escrevo-lhe uma nota amanhã de manhã.

VIVIAN

Uma nota... isso não serve... tu tens que o ir ver.

JULIET

Está bem, então eu vou amanhã visitá-lo.

VIVIAN

Mas amanhã será demasiado tarde... tens de ir esta noite.

JULIET

Esta noite? Mas já são quase três horas...

VIVIAN

Ah, eu sabia que não tinhas estômago! Mas pensa como será fácil. Ele dá uma festa hoje à noite.

JULIET

Sim.

VIVIAN

Por isso... eu sei que o encontrarás em casa.

JULIET

Sim.

VIVIAN

Podes sair pelo portão. (*Aponta para a porta de estufa*)

JULIET

Sim.

VIVIAN

Corre pelo jardim até casa dele.

JULIET

Estou a ver.

VIVIAN

Manda-lhe um cartão com o teu nome.

JULIET

Sim.

VIVIAN

Pede para o veres... e diz ao porteiro que tens um encontro marcado.

JULIET

Bem... que mais?

VIVIAN

Ele receber-te-á, podes ter a certeza absoluta. Faz com que ele te devolva o cheque para as tuas próprias mãos. Não te venhas embora sem ele.

JULIET

Fá-lo-ei.

VIVIAN

Tens de o fazer!

JULIET

Fá-lo-ei... Não por ti – mas pela tua mãe.

VIVIAN

Ah tu não gostarias de a ver com o coração partido, pois não?

JULIET

Eu digo-te que o farei por causa dela. Tens a chave do portão do jardim?

VIVIAN (*tirando-a da algibeira*)

Sim, eu uso-a... com muita frequência.

JULIET

Oh Vivinho!

VIVIAN

Minha querida amiga, um homem não pode anda por aí de mão dada com a sua mãe todo o dia. (*Dá-lhe a chave*)

JULIET

Depressa! Depressa! *(Ele dirige-se para a porta e abre-a)* Tu vais esperar-me aqui para me deixares entrar quando eu voltar? Oh, Vivinho, é muito perigoso... se alguém me visse, como é que eu poderia explicar? *(Segue-o até à porta)*

VIVIAN

Eles não te vão ver. Até agora nunca ninguém me apanhou. Vai depressa.

JULIET

Estou a ver o caminho agora... a direito através do jardim, pelo portão *(Põe o xaile à volta da cabeça)* Oh, Vivinho, porque é que o fizeste? A tua pobre mãe! *(Sai como uma flecha e ele fecha a porta. Nesse momento, a música cessa. Os pares precipitam-se a entrar. Entre eles está Gwendolene, parecendo muito pálida, pelo braço de D.GASTÃO, seguidos de LADY BEAUVEDERE)*

GWENDOLENE

Sinto-me um pouco a desmaiar. Podes levar me até à porta? O ar...

D. GASTÃO *(abrindo a porta)*

Pronto... Está melhor, minha querida Gwendolene?

LADY BEAUVEDERE

Vai buscar-lhe os meus sais – depressa.

[Sai D. GASTÃO]

GWENDOLENE

Obrigada... muito melhor... *(Levanta a cabeça, olha para fora para o jardim, de repente parece admirada, esfrega os olhos, agarra o braço de LADY BEAUVEDERE)* Lady Beauvedere vê aquela figura branca? Correndo... é... veja depressa...

LADY BEAUVEDERE *(Espreitando)*

Onde, Gwen?... É...!

GWENDOLENE

Poderá ser a... Juliet? Onde é que ela vai?

LADY BEAUVEDERE

Onde é que ela *vai*?

GWENDOLENE

Há luzes nas janelas do Major Lascelles.

LADY BEAUVEDERE

O que tem *ela* a ver com o Major Lascelles?

GWENDOLENE

Ela encontrou-se com ele esta manhã... eu apanhei-a a acenar-lhe da janela da sala de estar.

LADY BEAUVEDERE (*rapidamente*)

Nem uma palavra disto ao Gastão. Deixa tudo comigo... Nem uma palavra... (*Sai para o jardim. D. GASTÃO regressa com o frasco dos saís. GWENDOLENE fecha a porta apressadamente*)

D. GASTÃO (*ansiosamente para GWENDOLENE*)

Estás melhor?

GWENDOLENE (*sorrindo*)

Muito melhor.

Fim do Segundo Acto

O Terceiro Acto

CENA: *Na residência do MAJOR LASCELLES nos Campos Elísios.*

TEMPO: *Cerca das 3 horas da madrugada. A sala está mobilada no estilo Renascença. O tecto pesadamente doirado; cadeiras de madeira escura; tons dominantes, ouro, azul e vermelho. Enquanto o pano sobe, grande barulho de risos e de tagarelice. Vê-se a mesa da ceia com os restos de uma refeição muito esmerada, Cerca de seis convidados além do próprio LASCELLES. Quatro são mulheres. À subida do pano MISS KATIE e MISS YOLANDA TAYLORSON, duas jovens raparigas, com os cabelos caídos pelas costas, fantásticamente vestidas com vestidos de bebé plissados estão de pé em frente à mesa da ceia extasiadas com uma canção que está a ser cantada por Toro, um rapaz jovem, acompanhado por MISS MAMIE TAYLORSON, a filha mais velha de MRS TAYLORSON. MRS TAYLORSON, uma senhora de idade muito cansada, de vestido preto de seda da maior respeitabilidade, observa as suas filhas com orgulho. Este grupo para transmitir uma impressão de honesta grosseria por oposição ao vício ou meramente à grosseria em voga. No fim da canção todos batem palmas.*

LORD REGGIE (*sentado à D. da mesa*)

E agora, Miss Katie, não vai dançar?

MRS TAYLORSON

Ora pois, Katie, podes fazer aquela dançazinha da saia para Lord Reggie.

KATIE

Pois sim – se tu (*para MAMIE*) quiseres tocar (*fala para Lord Reggie*)

(MAMIE começa a tocar os compassos de abertura da Sonata Patética)

KATIE

Oh, Mamie, essa não! Isso é a melodia com que a vaca morreu de velha.

MAMIE (com indignação)

Esperavas que eu tocasse qualquer coisa diferente? O meu estilo é o Clássico.

KATIE

Oh, bem, eu sei isso, mas tenta como eu quero, eu não sei dançar que valha um cêntimo com música verdadeiramente boa. Por favor toca qualquer coisa vulgar só por esta vez!

MAMIE (com um profundo suspiro)

Bem, eu toco. (Toca)

[KATIE dança com muito decoro; enquanto ela está a dançar, entra ST. ORBYN]

LASCELLES

Oh le bienvenu! Como escapastes tão cedo? (Inclinando-se nas costas do piano) O baile da viúva era uma maçada?

ST. ORBYN (YOLANDE vai ter com ele)

Eu não podia amar “ma belle cousine” tão amada. Eu não enfado mais! (aperta a mão a YOLANDE)

YOLANDE

Ora, esta! Mamã, Lord St. Orbyn chama-me sempre prima.

MRS TAYLORSON

Ora, isso é muito simpático!

KATIE

Mamã deixe-me apresentar-lhe Lord St. Orbyn (*MRS TAYLORSON levanta-se*) Lord St. Orbyn esta é a minha mãe, Mrs Whitcomb J. Taylorson (*atravessa e fala para YOLANDE*)

MRS TAYLORSON

Prazer em conhecê-lo, Lord St. Orbyn.

LORD ST. ORBYN (*para MRS TAYLORSON*)

Encantado por conhecer a encantadora mãe das Musas.

(*YOLANDE senta-se na mesa da ceia*)

MRS TAYLORSON (*muito praticamente*)

Oh, agora, Lord St. Orbyn! Conhece Mamie? (*LORD ST. ORBYN inclina-se com uma vénia para Mamie*) Se o Senhor desse só uma palavrinha (*confidencialmente*) pela *Yolande* e *Katie* na Grand Opera House, eu ficaria-lhe-ia realmente grata. Sabe, elas estão a exercitar as vozes aqui para o palco. A Mamie, claro, está no Conservatório a estudar piano.

MAMIE

Para os Concertos Lamoureux... nada menos!

MRS TAYLORSON

Yolande tem tido ofertas elegantes, mas ela não quer casar. Ela é uma artista por temperamento. A Arte para ela é tudo por tudo.

YOLANDE (*com a boca cheia. Ainda sentada em cima da mesa e agarrando num prato de bolos*)

Eu vivo para a Arte. O casamento é como um bom empadão estragado na cozedura. Tudo é admirável excepto o resultado! É muito pesado... muito, muito pesado! (*Desata a rir e atira o prato ao chão*)

KATIE

Ora, Yolande, como tu te comportas! Penso que deverias ter vergonha!

YOLANDE

Vai passear! Ele não é o único homem no mundo, há mais peixes no mar!

ST. ORBYN (*indo para Lascelles junto ao piano*)

Vê-te livre deles só por um instante. Manda-os para a sala de bilhar. Eu quero alguns minutos contigo. Quero estar sossegado. (*Atravessa para o canto à E*)

LASCELLES

Olha, Reggie vai lá para a sala de bilhar só por uns momentos.

[*Saem REGGIE, YOLANDE e KATIE*]

LASCELLES

Olha, Toto vai com as outras crianças para a sala ao lado.

TOTO (*à cabeceira da mesa, a comer vorazmente*)

Oh não; ainda estou com muita fome!

LASCELLES

Eu pensei nisso. Há outra ceia lá. (*Dá o braço a MRS TAYLORSON*)

MRS TAYLORSON

Ora, que esbanjador!

[*Saem MRS TAYLORSON, TOTO e MAMIE*]

LASCELLES

Yolande é uma grande querida! Uma companheira terrivelmente às direitas! Não é divertida?

ST. ORBYN (*vindo para baixo para a D com um suspiro de alívio e sentando-se numa cadeira*)

Oh. Acho que sim, quando se está para aí voltado.

LASCELLES

Ora, que se passa?

ST. ORBYN

Trata-se de um homem sensato a reconhecer a sua própria imbecilidade!

LASCELLES

Mas isto é grave. Quando a Yolande começa a maçar um homem, eu sei o que esperar.

ST. ORBYN (*irritadamente*)

Sem dúvida. Se há coisa na terra que empurre alguém para o casamento será a Yolande! Mas eu não estou a pensar nela de maneira alguma.

LASCELLES

Claro que não. (*Agarra numa cadeira da mesa e senta-se*) Ela tem olhos azuis, desta vez, ou castanhos? Tem um pai cruel ou um marido bruto? É terna ou é orgulhosa?

ST. ORBYN

Isto é uma experiência totalmente nova! *Isto... Isto... é a coisa verdadeira!* Eu fui muitas vezes apanhado, muitas vezes me apaixonei, se quiseres, por toda a casta de razões; mas *desta vez* eu não estou consciente de uma razão especial de uma maneira ou de outra. É o destino... o destino!

LASCELLES

Se tu por uma vez começas a falar em destino, sabes...

ST. ORBYN

Não sou um rapaz romântico com a cabeça cheia de rimas e um fígado cheio de ilusões...

LASCELLES

Eu antes queria ser governado por um fígado do que pelo amor!

ST. ORBYN

Um fígado dura mais tempo! Oh, eu conheço o meu mundo – eu conheço as mulheres. Eu conheço as suas falhas. Eu também conheço as suas coisas boas. As mulheres podem ser oceanos inteiros mais profundos do que nós somos, mas também são um inteiro paraíso melhores! Ela pode ter-nos

posto fora do Éden, mas em compensação ela torna a terra muito aprazível! Se não me casei, é porque eu não acreditava nas mulheres.

LASCELLES

Ora, então!

ST. ORBYN

Porque eu não acreditava em *mim próprio!*

LASCELLES

E agora?

ST. ORBYN

Oh, agora começo a compreender a minha própria poesia! Isso é *qualquer coisa*, tu sabes – diabos levem tudo isto, *isto* é uma grande coisa, *ist'* é metade da batalha!

LASCELLES

Tu escreveste, de facto, muita poesia sobre o amor!

ST. ORBYN

Bem, era tudo imaginação. Não era fruto da minha própria experiência.

LASCELLES

Dizem que o rouxinol canta divinamente durante a sua corte, mas uma vez acasalado, só sabe coaxar.

ST. ORBYN

Pode ser o meu caso. De qualquer forma, eu encontrei finalmente a mulher que posso adorar... estás a ouvir – *adorar?*... (*Levanta-se*) Que sabes tu de adoração?... Nada!

LASCELLES

Estou a ter uma lição sobre a matéria agora. (*Voltando a cadeira na direcção de St. Orbyn*)

ST. ORBYN

Adivinha quem é?

LASCELLES

Eu tenho de recusar essa indiscrição.

ST. ORBYN (*sentando-se na mesa da ceia e mudando as coisas de lugar nervosamente*)

Pensa no burro com quem ela está comprometida. Pensa no portentoso maçador com o cérebro de... de... uma lagosta e o coração de... de uma... cebola primaveril. (*Agarra num pedaço de lagosta e numa cebolinha tirados da taça da salada*) Pensa nele.

LASCELLES

Caramba! Tu não queres dizer...

ST. ORBYN

Sim, quero. Só há uma.

LASCELLES

Santo Deus! O que é que vai acontecer?

ST. ORBYN (*sentando-se à D da mesa*)

Uma briga, claro!

LASCELLES

Mas seriamente... Tu queres dizer Gastão Beauvedere?

ST. ORBYN

Não seriamente – excessivamente! É tudo – excessivamente. Ele tem de ser afastado. Ele não pode ser permitido: ele é uma pessoa desnecessária.

LASCELLES

Isso está tudo muito certo, mas vai ser embaraçoso.

ST. ORBYN

De forma alguma. Uma pequena intriga amigável; só isso! Eu conheço a mãe, eu conheço a rapariga – uma rapariga tão gentil, boa, feia – com quem ele deve casar. É exactamente um simples caso de *a mais b mais x menos x* – uma mera questão de subtracção. Estes problemas não são nada para mim.

LASCELLES

Eu tenho toda a confiança na tua perícia. Mas estas coisas resolvem-se melhor no papel do que se resolvem em carne e osso.

ST. ORBYN

Ridículo! Carne! Quem se importa com a carne? A minha madrinha renunciou a tudo isso por mim no meu baptismo!

LASCELLES

Ah! Aí está onde vocês diplomatas se arrependem. Vocês estão sempre a apoiar o diabo contra o mundo... e o resto dele.

ST. ORBYN

O diabo é uma muito pobre criatura. Não tenho opinião sobre ele... Não apostaria um tostão nele; um reles marginal de décima categoria! Fausto chamou o inferno inteiro a fim de arruinar uma simples rapariga e ela com as suas orações ao Céu salvou-lhe a alma! Não, o amor vencerá sempre o diabo; o amor é o poder supremo; o amor, meu caro amigo é... simplesmente tremendo; o amor é a única coisa que vence sempre e tem de vencer; o amor tem asas, estás a ouvir?... Asas!

LASCELLES

Sim... para voar para longe!

ST. ORBYN

Não, não; isso é tão vulgar; toda a gente que apoiou um amor errado o diz! Não, o amor tem asas para elevar cada um acima de todos os problemas, todas as catástrofes; o amor...

LASCELLES

Se essa fantasia chega a uma crise, eu suponho que tu sabes o que irá acontecer?

ST. ORBYN

Não.

LASCELLES

Miss Gainsborough é uma rapariga encantadora e bonita – mas ela não é um partido. Ela é tudo aquilo que uma mulher deve ser – magnânima, virtuosa, requintada, mas – ela não é um partido!

ST. ORBYN (*levantando-se*)

Não é um partido!

LASCELLES

Ela tem talvez cinco mil libras, tudo contado. O Duque de Drumdrossett, o avô dela, é um ermita; pouca gente ouviu sequer falar nele – de qualquer forma ele não é nenhuma pêra doce! Seria um casamento louco. Seria de facto. Nenhum verdadeiro amigo teu poderia dizer outra coisa.

ST. ORBYN (*satiricamente, indo para junto da lareira*)

E no entanto – ela é tudo o que uma mulher deve ser, encantadora, bonita, generosa, virtuosa, requintada!

LASCELLES

Bem, não há por aí outras mulheres igualmente deliciosas, mas que têm dinheiro ainda por cima e que tem influência nos quadrantes certos? O que eu pergunto é isto – a tua fortuna privada, absolutamente à parte do teu salário, permite-te representares o Príncipe Encantado para a Cinderela?

ST. ORBYN (*para ele próprio*)

Não é um partido! Santo Deus! Não é um partido! (*Ri-se*)

LASCELLES

Eu conheço o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Eles tirar-te-ão de Roma. Tu nunca obterás Paris ou S. Petersburgo – nunca! Mas dar-te-ão alguma coisa suja e febril, Deus sabe lá onde!

ST. ORBYN (*sentando-se*)

Deixa-os! Boas nomeações são raras, mas uma boa mulher é mais rara. O Ministério dos Negócios Estrangeiros, meu caro amigo, não é, nem nunca foi o dono do meu destino. Eu faço o meu trabalho honestamente

e se eles conseguirem encontrar um tipo melhor para os assuntos *deles*, deixa-os chamá-lo por favor. Mas o meu casamento é o assunto *meu*. Miss Gainsborough é uma Senhora que, se ela consentir em juntar a vida dela à minha, me dará a maior honra que a existência pode dar. Percebes-me agora?

LASCELLES

Percebo! (*Levantando-se; apanha a cigarreira da mesa*)

ST. ORBYN

Ainda para mais digamos que os meus meios privados *são* pequenos, bem, quando me reformar, posso viver como as pessoas chamam de uma forma simples. Eu posso arranjar-me admiravelmente com 2000 libras por ano – e contas de letras de câmbio!

LASCELLES

Contas! É nisso que estou a pensar. Com os teus gostos, os teus hábitos (*dando-lhe um cigarro da caixa em cima da mesa*), os teus amigos! Isto está tudo muito bem e bonito, mas na tua idade e com a tua experiência...

ST. ORBYN

Não me importo. É precisamente porque eu *tenho* a minha idade e *tive* a minha experiência que estou decidido a seguir o meu próprio caminho, à minha maneira. Com 2000 libras por ano pode-se alugar um lugarzinho no campo e com os nossos livros, com o nosso próprio jardim... e um amigo ou dois para ficar connosco de quando em quando, uma vez por outra...

LASCELLES

Oh, encantador – por pouco tempo. Mas é muito difícil viver com 2000 libras por ano durante todo o ano! E depois a tua ambição?

ST. ORBYN

Ambição de quê? No tempo da cavalaria a devoção de cada um por uma namorada era tão necessária como a própria glória na luta. Um homem não era um homem a não ser que ele pudesse estar determinado no amor. Bem é o mesmo hoje em dia. Um homem é ainda um homem. E tu vês

um tipo realmente tornar-se notável, realmente temido pelos seus inimigos e amado pelos seus amigos, tu encontrarás...

LASCELLES

O quê?

ST. ORBYN

Tu descobrirás que ele teve, entre outras coisas, o bom senso de casar por amor.

LASCELLES

Mas casamentos por amor nem sempre trazem a felicidade!

ST. ORBYN

Não importa isso. A grande coisa é amar – não ser feliz. O amor é para ambos os mundos. A felicidade perfeita é só para o outro.

LASCELLES

Bem diga-se que tu gostas mesmo muito da Miss Gainsborough...

ST. ORBYN

Eu *não* sou “muito amigo” dela... Eu *amo-a!* A minha parte está segura de qualquer maneira. O resto é com a Providência ou com o Destino.

LASCELLES

Meu Deus!

ST. ORBYN

Eu aceito-a para o bem e para o mal, para a riqueza ou para a pobreza. (*Ingenualmente*) Não há nada quanto à felicidade ou ao Ministério dos Estrangeiros nos votos de casamento. E sobretudo, (*apercebendo-se que DUVAl entra à D, muda completamente o tom*)... Sim, como tu estavas dizendo é claro como a luz do dia que o Governo deseja ver a questão toda resolvida. (*Atravessa a sala*)
(*DUVAL entrega uma carta a LASCELLES*)

LASCELLES (*sem ler a carta; sorrindo abertamente*)

Oh, isto é a Tina – querida Tinazinha! Ela é de morrer a rir. Mas imagina o cachorrinho mandar um cartão. (*Para DUVAL*) Manda-a subir. (*Sai DUVAL. LASCELLES leva o cartão para a luz, lendo-o para ele próprio*)
Santo Deus!

ST. ORBYN

Que se passa?

LASCELLES

Não é a Tina, afinal de contas. É uma outra... é outra... pessoa.

ST. ORBYN (*languidamente*)

Não a podes encafuar na sala de bilhar com os outros?

LASCELLES

Bem eu não preciso de a receber aqui. Eu digo-te o que vou fazer – Eu... (*vai para porta D, ao mesmo tempo que vai para a porta, DUVAL introduz na sala JULIET que tem na cabeça um lenço de renda. Ao mesmo tempo que entra, deita para trás o lenço. ST. ORBYN salta de súbito ao reconhecê-la. Ambos fazem uma grande vénia – então ST. ORBYN vai para dentro da sala de bilhar, deixando LASCELLES e JULIET juntos*)

JUILET

Major Lascelles estará grandemente surpreendido...

LASCELLES

Não, não. Faça o favor de se sentar. Só tenho pena que...
(*Altos estrondos de risos vindos da sala de bilhar*)

JULIET (*começando e falando avidamente*)

Venho para lhe pedi um favor... é algo que eu não posso escrever, porque não há um momento a perder – nem um instante.

LASCELLES

Só tem que o pedir.

JULIET

É acerca do Vivian. Ele esteve aqui esta tarde, *não esteve?* E o senhor muito amavelmente permitiu-lhe juntar... juntar-se a um dos seus jogos de divertimento, *não o permitiu?* E com a excitação... ele... *inadvertidamente* deu-lhe uma coisa por engano... *não deu?*

LASCELLES (*muito calmamente*)

Eu sabia... na ocasião, que isso era, como você diz, um engano, não há razão para qualquer ansiedade. (*Vai para a escrivaninha para cima, usa a chave e tira para fora um envelope*) Esse erro... está aqui dentro.

JULIET

Mas a dívida?

LASCELLES

A dívida? Isso é a lição de Vivian. Sabe, há um tempo para se ser jovem, há um tempo para se ser louco.

JULIET

Oh, como é que eu lhe posso agradecer! Eu estava tão ansiosa, porque a mãe dele não compreende... jogos e coisas, como o senhor faz.

LASCELLES

Ela nunca saberá.

JULIET

Foi um engano, afinal de contas, que qualquer um poderia fazer, *não foi?*

LASCELLES

Oh, sim, absolutamente uma vulgar ocorrência. Nunca mais voltei a pensar nisso.

JULIET

Como o senhor é bom! E... agora tenho de lhe pedir outra coisa. (*Com muita dificuldade*) Não explique a razão da minha vinda aqui a Lord St. Orbyn.

LASCELLES (*pegando-lhe na mão*)

É esse o seu desejo, porque... ele poderá pensar...

JULIET

É o meu desejo. Não lhe explique por razão alguma.

LASCELLES

Prometo-lho.

JULIET

Muito obrigada (*aperta-lhe a mão. Ouvem-se risos da sala de bilhar*) Posso ir-me embora agora?(*Vai para a porta abaixo do sofá. LADY BEAUVEDERE bate à porta*)

LASCELLES

Quem é?

LADY BEAUVEDERE (*entrando e vindo para baixo para CD*)

Posso entrar?

JULIET (*com um grito de terror*)

Ah!... Lady Beauvedere!

LADY BEAUVEDERE (*avançando*)

Major Lascelles tenho de lhe pedir desculpas por esta intromissão. É feita, como deve acreditar, contra a minha vontade; mas eu pensei que a Juliet não devia estar aqui sozinha.... (*Ela pára*)

LASCELLES

Espero que não pense...

LADY BEAUVEDERE

Se me pergunta o que eu *penso*, só posso dizer que eu não sei *nada*, que não percebo nada e, por outro lado, que eu não posso conceber nada que possa explicar isto.

JULIET (*para Lascelles, vendo que ele está quase a falar*)

Por favor... Por favor... Deixe-me ficar *com* Lady Beauvedere sozinha por uns minutos.

LASCELLES

Mas Lady Beauvedere pode não ter consciência de que o seu pai é um dos meus mais velhos amigos.

(*A porta da sala de bilhar abre-se de repente e YOLANDE corre para dentro, vê as visitas*)

YOLANDE

Caramba! (*Bate com a porta e sai, com risadinhas muito alto*)

LADY BEAUVEDERE (*controlando a sua indignação*)

Sem dúvida Miss Gainsborough acha uma festa de velhos amigos mais divertida do que uma entre novos conhecimentos!

JULIET (*para LASCELLES*)

Por favor, deixe-nos.

LADY BEAUVEDERE

Sou incapaz de continuar aqui Major Lascelles. Eu furtei-me, como se diz, da minha própria casa, dos meus próprios convidados a fim de salvar esta irreflectida rapariga das piores consequências desta conduta. Eu culpo-o a si mais (*para LASCELLES*), mas culpo-a a ela suficientemente.

(*cantoria da sala de bilhar; LASCELLES vai para a porta para os sossegar e fica no fundo do palco, junto à secretária*)

JULIET (*para LADY BEAUVEDERE*)

(*Esta cena a ser conduzida com grande rapidez. As palavras têm de ser ditas como se fossem pedras de granizo*)

Espere. Espere! Eu sei que devo parecer louca e... tudo o mais. Eu sei isso e que nunca posso explicar, nunca. Mas não precisa de estar tão pesarosa porque eu já não sou noiva do Gastão.

LADY BEAUVEDERE (*admirada*)

Já não é noiva do Gastão! Ele desmanchou o noivado?

JULIET (*sorrindo tristemente*)

Não, eu escrevi-lhe antes de ele regressar de Berlim. Há cinco dias. A carta não o encontrou, infelizmente, mas ele recebeu a carta esta tarde. Eu sei que ele recebeu a carta porque fui eu própria que lha entreguei.

LADY BEAUVEDERE

Mas o que é que ele disse? Meu pobre rapaz, como é que ele aguentou isso?

JULIET (*firmemente*)

Nada do que ele *pudesse* dizer, me alteraria. E tenho a certeza que ele aguentará isto da maneira que a Senhora mais desejaria!

LADY BEAUVEDERE

Mas – porque fez isto... porquê?

JULIET (*com determinação*)

Porque eu via que estava infeliz, porque eu percebi... de repente que não o amava o suficientemente bem, porque eu senti de repente, que nós não poderíamos *nunca* fazer-nos felizes um ao outro – o que era muito injusto para ele, para si, para todos nós, desde o princípio ao fim – esta é a razão porquê!

LADY BEAUVEDERE

Encontrou outra pessoa?

JULIET

Não, não encontrei mais ninguém, *então*, excepto a minha irmã.

LADY BEAUVEDERE

Minha pobre filha! (*Depois de uma luta consigo mesma*) Mesmo assim isto é loucura. O que pensarão as pessoas? Acreditarão que você o desmanchou? Tão bons prospectos! É mais do que justo avisá-la. É jovem e romântica. Não tem mãe para a aconselhar. (*Firmemente*) Não é senão justo que a avise.

JULIET

Oh, eu sei que D. Gastão é rico. Eu sei que ele me poderia dar tudo o que o *dinheiro* pode comprar. Mas eu estou a pensar nas coisas que o dinheiro *não pode* comprar – os meus ideais, os meus sonhos.

LADY BEAUVEDERE

Ideais! Sonhos! Deus do Céu! (*Em tom de troça*)

JULIET

Sim, os ideais e os sonhos pelos quais mulheres e homens morreram. Pelos quais foram queimados – torturados – martirizados. Eles não são nada no mundo? Devo desistir destes tesouros?

LADY BEAUVEDERE

Oh quando se é jovem, está-se cheio desses entusiasmos.

JULIET

A Senhora mesma não tem nenhuns? Nunca sente que falta qualquer coisa nessas grandes festas? Nunca se sente cansada desses amigos elegantes? Amigos que rasgariam a sua alma em tiras se isso tornasse um almoço mais animado. Gosta sempre dessas anedotas brutais, essas odiosas lutas atabalhoadas para se ser a melhor e estar divertida a qualquer custo? É horrível, é desprezível.

LADY BEAUVEDERE

Minha querida filha acha-*me* desprezível?

JULIET

Não; infeliz!

LADY BEAUVEDERE (*rindo, com pouco à vontade*)

Eu, infeliz! Que ideia!

JULIET

É. Tem de ser. (*Tocando-lhe no braço*) A Senhora é demasiado boa, demasiado gentil *para estar* contente com uma vida tão sufocante. Tem de ansiar

por ar livre, fresco, por olhar o céu, por ouvir um pouco da música das florestas e dos campos...

LADY BEAUVEDERE

Florestas e campos... (*olha sem expressão para o espaço*)

JULIET

Não quer um coração humano pelo menos, do qual possa sempre depender?

LADY BEAUVEDERE

Eu tenho o meu rapaz. Não peço mais. Tenho o Vivian. Ele é o meu mais que tudo!

JULIET (*tristemente*)

Eu sei quão afeiçoadamente o ama.

LADY BEAUVEDERE

Afeiçoadamente não é a palavra. É idolatria. Algumas vezes temo que seja errado, mas ele é meu, e quando todas as máximas mundanas são ditas, quando tudo está feito, o amor entre mãe e filho é verdadeiro, os filhos não se preocupam se se é o melhor ou o pior; se se é jovem, velho, bonito ou feio. Vivian é tudo quanto eu tenho – tudo!

JULIET

Eu sei... eu sei...

LADY BEAUVEDERE (*com sentimento*)

E tudo o que eu *desejo*.

JULIET (*um pouco surpreendida*)

Sim...

LADY BEAUVEDERE (*olhando para ela*)

Oh, Juliet, que enigma! Que contradição! (*Agarra na mão dela entre as dela*)
Eu estava a começar a preocupar-me consigo, a começar a compreendê-la, não tinha filha alguma minha... Oh Juliet, que enigma!

JULIET (*levantando-se*)

Oh não, é tudo suficientemente simples *se* isto pudesse ser tudo contado, mas isto não pode ser contado. Pode-se parar de congeminar acerca disto e, se possível, esquecê-lo...

LADY BEAUVEDERE (*de pé*)

Juliet, eu não vou congeminar acerca de si. Eu não vou perguntar-lhe quaisquer questões. (*Agarra-lhe ambas as mãos*) Mas quer regressar comigo?

JULIET

Oh porque é que as pessoas são sempre simpáticas umas com as outras – demasiado tarde?

LADY BEAUVEDERE

Não diga isso, querida Juliet. Ninguém, nem mesmo o Gastão, ouvirá alguma vez acerca desta... escapada; mas, regresse de novo comigo. Amanhã podemos separar-nos talvez para não nos voltarmos a encontrar, mas vamos separar-nos amigas. Quer vir? (*Vira-se um pouco na direcção dela*)

JULIET (*olhando para ela*)

A Senhora é muito boa.

LADY BEAUVEDERE

Não hesite, minha querida filha, venha. (*Sobe para ela e agarra-lhe a mão*) Eu sinto, que eu sei... alguma coisa... Diga-me que... (*beija-a*)... que nós talvez nunca gostemos uma da outra verdadeiramente: somos tão diferentes. Mas eu confio em si, eu confio mesmo em si. Eu não sei porquê, mas eu confio. (*Põe o braço à volta dela*)

JULIET (*depois de um momento de silêncio*)

Sim, eu irei... até amanhã.

[Saem em silêncio, cada uma imaginando acerca da outra sem prestar atenção a LASCELLES]

LASCELLES (*seguindo-as*)

Eu nunca compreenderei, *nunca*, boas mulheres. Eu suponho que elas voltarão para o baile e sorrirão uma para a outra como anjos da luz até – se separarem para sempre no primeiro comboio possível no dia seguinte.
(*Sobe para a porta E., abre-a e chama por ST. ORBYN que entra bastante sério, mas por outro lado inescrutável, não diz nada, mas apanha o jornal e senta-se com ele*)

LASCELLES

Aqui está um lindo escândalo e o pior dele é – eu espero que tu não te importes – mas Miss Gainsborough fez-me prometer não te dar a mais pequena explicação sobre a sua visita aqui.

ST. ORBYN (*pulando, radiante*)

Ah, eu sabia! Querida, inocente criaturazinha. Eu sabia, eu sabia durante todo o tempo.

LASCELLES (*admirado*)

Sabias o quê?

ST. ORBYN

Meu querido amigo, se ela não fosse inocente ela não teria deixado de insistir em explicações para o resto da vida dela e da minha!... Boa noite.
(*Avança para a porta*)

LASCELLES

O quê! Vais indo?

ST. ORBYN

Indo! Creio que sim! Vou indo atrás dela! (*Vai para a porta, mas volta outra vez para trás*) As luzes ainda estão acesas daquele lado?

LASCELLES (*indo para janela e abrindo-a*)

Sim. O baile está no auge. Consegues ouvir “*The jewel of Asia?*”

ST. ORBYN

Graças a Deus! (*Sai e volta atrás*) Lascelles!

LASCELLES

Que é?

ST. ORBYN

Ela não é um sonho? (*Desaparece*)

LASCELLES

Que está a acontecer no mundo! Pensar-se-ia que eras um rapaz saído da escola.

ST. ORBYN (*Voltando atrás*)

Eu conto-te tudo sobre isto amanhã. (*Indo*)

LASCELLES

Chegarás tarde se não te apressas.

ST. ORBYN (*aparecendo à porta*)

Eu não! (*Regressa*) Céus! Não admira que eu não pudesse atravessar a soleira da entrada! (*Pára e apanha alguma coisa*)

LASCELLES

Que se passa?

ST. ORBYN

Uma roseta dos sapatos dela. A querida roseta dos preciosos sapatos dela (*Beija-a e depois para Lascelles*) Tu cão maçador, varredor de lixo, ciumento...

[*Altos risos da sala de bilhar e todos os convidados correm para dentro seguidos de MRS TAYLORSON*]

YOLANDE

Vossa Excelência não deve deixar-nos!

ST. ORBYN (*lançando a mão ao peito com a roseta e fazendo uma vénia*)

Eu vou, querida Senhora, porque não ousou ficar!

YOLANDE

Mas o divertimento... o divertimento está precisamente a começar!

ST. ORBYN

Querida Senhora, sem dúvida. Mas eu procuro o rouxinol e não a cotovia!

(*Beija-lhe a mão e sai, deixando os convidados a dançar*)

Fim do Terceiro Acto

O Quarto Acto

CENA: o jardim fora da sala de estar em casa de Lady Beauvedere. Está plantado ao estilo italiano com canteiros, caminhos de gravilha, estatuária, e algumas acácias. A alvorada está a acabar de aparecer naquele momento no céu. E muitas estrelas ainda se podem ver no céu. Há luzes dentro de casa e o jardim está moderadamente iluminado. São quatro horas da madrugada. Ao subir do pano, Vivian está a olhar para o portão do jardim com grande ansiedade. Ele olha para o relógio.

VIVIAN

Ela nunca mais virá? Que aconteceu? Que tarde que é! Darão pela falta dela com certeza absoluta... Sentirão a falta dela.

(Nesse momento, GWENDOLENE e D. GASTÃO aparecem no degrau mais largo da varanda com grade o qual conduz da estufa ao jardim. VIVIAN retira-se para dentro de casa sem ser visto)

GWENDOLENE

Que encantador está aqui fora!

D. GASTÃO

Sim e espero que não esteja húmido.

GWENDOLENE

Espero, como dizes, que não seja húmido.

D. GASTÃO

Gwen, porque é que tu já não usas o alfinete que eu te dei?

GWENDOLENE (*baixando a cabeça*)

Eu pensei que não precisava... de mais nenhuma recordação... da nossa... da nossa amizade.

D. GASTÃO

Não digas isso! Nós temos de ser sempre amigos, Gwen.

GWENDOLENE

Com o tempo poderemos ser, mas exactamente agora... é duro demais.

D. GASTÃO

Tu gostas terrivelmente de mim, não gostas, Gwen?

GWENDOLENE

Isso é justo, Gastão – é bondoso?

D. GASTÃO

Perguntar-te-ia eu se considerasse haver a mais pequena dúvida da sua conveniência?

GWENDOLENE

Eu... eu suponho que não.

(D. GASTÃO *leva GWENDOLENE para uma cadeira e então fica de pé ao lado dela*)

D. GASTÃO

Gwen, a Juliet voltou a dar-me a minha liberdade. Eu tenho estado livre sem o saber há já aproximadamente cinco dias. Eu não podia nas circunstâncias pedir-lhe para reconsiderar o assunto. Ela nunca me amou... pelo menos como tu amas.

GWENDOLENE

Oh, Gastão!

D. GASTÃO (*sentando-se ao lado dela*)

Gwen, talvez dentro de dois... ou três... possivelmente *quatro* anos nós possamos casar, tu e eu, e juntar um círculo da gente mais fina à nossa volta e exercer a melhor influência na Sociedade.

GWENDOLENE

Que felicidade, queridíssimo Gastão!

D. GASTÃO

Tem de ser... penso que será.

GWENDOLENE

E iremos a Itália na nossa lua-de-mel?

D. GASTÃO

O mais provavelmente. Uma pessoa depressa fica cansada de um lugar que é *meramente* clima! Quer-se alguma coisa para se ver, para se manter interessado e isso tudo... (*tocando no braço da cadeira*) O orvalho está a cair? (*Levanta-se*)

GWENDOLENE (*levanta-se*)

Não me vais beijar, Gastão?

D. GASTÃO (*aproximando-se dela*)

Eu pensei que o tinha feito. (*Beija-lhe a face e sobe para C., deixando-a*)

GWENDOLENE (*depois de uma pausa*)

Sim, parece bastante frio. Vamos para dentro?

D. GASTÃO

Tu sabes que nós somos tão amigos, querida Gwen, que tu não estarias à espera de *arrebatamentos*, não é?

GWENDOLENE

Não... não... não exactamente arrebatamentos!

D. GASTÃO

É muito mais sensato, na verdade, não querer que tu apanhes frio.

GWENDOLENE (*sobe para ao pé dele e olha-o no rosto*)

Deve ter sido numa noite exactamente como esta que Romeu trepou o muro para o jardim de Julieta. Oh Gastão, tu gostas um pouco de mim, não gostas? As pessoas pensam que nós somos uns *tais icebergs!*

D. GASTÃO

Isso é porque as pessoas são tontas (*com repentino e genuíno sentimento, abraçando-a*). Eu simplesmente gosto terrivelmente de ti. (*Beija-a*) Aqui está, isto satisfaz-te?

GWENDOLENE

Oh bastante!

D. GASTÃO

Vamos para dentro?

[*Eles entram. VIVIAN sai outra vez da sombra*]

VIVIAN

Ela nunca mais virá? Eu espero que não tenha havido nenhum erro. Lascelles acaba de abrir a janela dele... Creio que ele está lá. Que raio aconteceu?... (*Ouve-se o chocalhar de chaves na porta*) Finalmente! (*Corre para a frente quando a porta se abre e Lady Beauvedere entra seguida de Juliet. Vivian retira-se para trás com admiração. Para LADY BEAUVEDERE*) A Senhora!

LADY BEAUVEDERE (*sorrindo com um grande esforço*)

Assustei-te meu querido? A Juliet e eu acabamos de estar um pouco lá fora para tomar ar. Parece tão cerrada esta noite. Decerto não nos demorámos muito?

VIVIAN (*gaguejando*)

Eu... eu... não sei... eu diria... que não. Porquê?

LADY BEAUVEDERE (*entregando-lhe o lenço de pescoço*)

Põe ali o meu lenço. Eu não preciso dele. (*Ele agarra no lenço e põe-no numa cadeira. E enquanto ele atravessa o palco, LADY BEAUVEDERE dirige-se a JULIET*) Para o seu próprio bem, não diga nada. Eu não a atraíçoarei. Pode confiar em mim. Eu dei-lhe a minha palavra. (*JULIET meramente inclina a cabeça dela. Entra Sir CHARLES DE LORMES, vindo de casa*)

SIR CHARLES

Ah, Lady Beauvedere tenho andado à sua procura...

LADY BEAUVEDERE

Que indelicadeza a minha! Eu escapei-me para o jardim. Estas noites de Abril são tão deliciosas!

SIR CHARLES

Infelizmente eu não tenho peito para Abril. Não posso ter esses gozos. Mas eles estão a formar um *cottillon*. Eu creio que estão à nossa espera.

LADY BEAUVEDERE

Então vamos imediatamente.

[*Eles entram para dentro de casa*]

VIVIAN

(*Dirige-se a JULIET depois da mãe dele ter saído. JULIET está de pé sem se mexer a olhar para o chão*) Está tudo bem?

JULIET (*C. D. sentando-se, mecanicamente*)

Sim... tudo bem. Ele deu-mo.

VIVIAN

O quê, o cheque? (*JULIET apenas inclina a cabeça dela*) Graças a Deus! Oh Juliet eu tenho estado louco. Eu tenho estado meio morto de ansiedade. Porque é que *demoraste* tanto?

JULIET

Sim... deve ter parecido... um bom bocado...

VIVIAN

Ele foi desagradável?

JULIET

Oh não, ele foi muito amável.

VIVIAN

Como é que encontraste a minha mãe? Que escapadela!

JULIET

Eu não escapei.

VIVIAN

Que queres dizer?

JULIET

Eu não escapei, Vivian. Ela deve ter-me visto ir, ou alguém lhe contou. Ela seguiu-me.

VIVIAN

Onde?

JULIET

Dentro da casa... Mesmo dentro da sala.

VIVIAN (*horrorizado*)

Mesmo dentro da sala... então..., ela sabe...

JULIET

Não sabe nada.

VIVIAN

Mas que desculpa deste tu?

JULIET

Nenhuma.

VIVIAN

Isso deve ter sido um embaraço dos diabos!

JULIET

Sim foi... embaraçoso.

VIVIAN

Que é que ela pensa?

JULIET (*em lágrimas*)

Não me pergunte a mim. Eu fiz tudo o que era possível por vocês ambos. Contenta-te.

VIVIAN

A mamã não se dá por satisfeita facilmente. Tu sabes, ela iria pensar toda a espécie de coisas.

JULIET

Oh, deixa-me... deixa-me em paz! Não te posso contar mais nada. Eu tentei amar um inimigo... agora deixa-me pagar o preço, sem qualquer remorso, compreendes, sem um único remorso. Eu quero sentir que eu devia voltar a fazer tudo outra vez, de boa vontade, e não é fácil. Não me pergunte mais nada.

[*Entra LORD LAVENSTHORPE, um jovem, pálido e insípido, com um sorriso parvo*]

LORD LAVENSTHORPE

Realmente Miss Gainsborough eu tenho andado à sua procura por todo o lado. Prometeu-me ir para a ceia comigo. Esqueceu-se?

JULIET (*levantando-se*)

Oh não. Eu estava apenas à espera que se tivesse esquecido. (*Apercebendo-se do seu erro*). Quero dizer...

LORD LAVENSTHORPE

Sim, que quer mesmo dizer?

JULIET

Eu estava com medo que você ficasse com tanta fome... É só.

[*Sai de braço dado com LORD LAVENSTHORPE*]

VIVIAN (*apertando as mãos*)

Oh, eu não posso deixar isto assim. É demasiado covarde. Eu mais depressa faria uma confissão de todo o caso. Eu não posso deixar uma rapariga sofrer tudo isto só porque eu fui tão louco. (*Abre-se a porta do jardim*) Quem é? (*Ele retira-se E*)

(*Entra ST. ORBYN, com passo apressado, sussurrando uma ária cheia de vivacidade*)

ST. ORBYN

Olá, é o Vivian?

VIVIAN (*vindo para a frente*)

Sim, eu... eu... Oh. Lord St. Orbyn, eu estou tão bestialmente infeliz.

ST. ORBYN

Porquê? O que é que se passa? Vem para a luz. (*Estuda a face dele*) Assim não. Estás apaixonado? Estás com ciúmes? Ou, o que é uma coisa mais séria, *ela* está com ciúmes?

VIVIAN

Oh, não é nada agradável como isso. Eu meti a Juliet numa terrível alhada.

ST. ORBYN

A Juliet! Como é que isso pode ser?

VIVIAN

Ela é a rapariga mais esplêndida e generosa que alguma vez conheci.

ST. ORBYN

O que é que ela fez?

VIVIAN

Ela foi a casa do Lascelles para me tirar... de um diabo de um buraco. E a mamã seguiu-a até lá e a Juliet nunca se explicou!

ST. ORBYN

Sim, sim, mas tu podes explicar! O que é? Depressa. Não tentes falar bem – desembucha só isso tudo de qualquer maneira. Quando um homem tem factos, não precisa de ser esperto.

VIVIAN

A mamã, como sabe, odeia o Lascelles e eu tenho jogado às cartas com ele... e...

ST. ORBYN (*suavemente*)

Primeiro, ganhaste... e depois perdeste, e então não pudeste pagar as tuas perdas com a perfeita conveniência naquele preciso momento. Isso é suficientemente simples. (*Põe o chapéu dele numa cadeira*) E então?

VIVIAN

Eu fiquei ultra-excitado.

ST. ORBYN

A coisa mais natural do mundo!

VIVIAN

Sim, sabe como é. Eu sempre ouvi dizer que temível desgraça é não pagar as dívidas de honra e assim...

ST. ORBYN

Tu adoptaste certas medidas...

VIVIAN

Sim... mas...

ST. ORBYN (*bondosamente*)

De certa maneira sentes que nunca mais poderás voltar a ser tão feliz como eras antes.

VIVIAN (*quase em lágrimas*)

Foi tudo aquele maldito cheque.

ST. ORBYN

Cheque pertencendo à família, suponho?

VIVIAN

Sim... com a intenção de ser um cheque da família.

ST. ORBYN

E puseste... uma espécie de nome de família atrás?

VIVIAN

Sim, mas eu sabia que não era a espécie de coisa que um tipo faz... em regra.

ST. ORBYN

Não em regra! Mas está feito. Ele pode ser antes notado e fora das normas. Não se deve fazer isso outra vez. Mas e o resto?

VIVIAN

A Juliet recuperou-o para mim... o cheque, quero dizer, Lascelles deu-lho. Terrivelmente decente da parte do Lascelles.

ST. ORBYN

Onde está ele agora?

VIVIAN

Aqui está a besta da coisa.

ST. ORBYN

Dá-mo. (*VIVIAN faz isso. St. ORBYN olha para ele, rasga a metade endossada e queima-a com um fósforo, sentando-se numa cadeira*) Bem, continua. Que aconteceu mais?

VIVIAN

Bem, claro, quando a mamã veio e entrou de rompante, a Juliet não pôde explicar *por que* estava em casa do Lascelles porque ela não me queria denunciar. E assim... e assim a pobre Juliet foi mal compreendida. A mamã é toda pela etiqueta e pelas damas de companhia e todas essas malditas coisas!

ST. ORBYN

O que é que tu propões fazer?

VIVIAN

Oh eu tenho de encontrar a mamã e pôr tudo a limpo. Eu não posso deixar uma rapariga sofrer por minha causa. Isso seria fazer jogo muito baixo.

ST. ORBYN (*levantando-se e mudando-se para ao pé de VIVIAN*)

Meu rapaz, deixa isso tudo comigo. Não digas nada e eu prometo que nada de mal acontecerá a ninguém. Deixa-me encontrar a tua mãe e eu farei a coisa parecer tão bem... como tal coisa pode parecer.

VIVIAN

Oh, você é tão bom.

ST. ORBYN

Só uma palavra. Lembra-te das palavras do poeta: “Oh Nemesis, deixa-me nunca cobiçar qualquer coisa tão ferozmente que a desejasse tirar ao seu legítimo proprietário”. Recorda-te sempre disto e então acharás a existência muito mais aprazível.

Sempre que nos encontrarmos vamo-nos lembrar um ao outro disto. Volta para a tua dança... e não fiques mais infeliz. Toda a gente esquece sempre... tudo. Eu próprio o faço usualmente. De facto, é uma das minhas regras. A única que mantenho sempre.

Volta para a tua dança.

(*Atravessa o jardim*)

VIVIAN

Sabe, o senhor é a pessoa mais terrivelmente compreensiva que eu alguma vez encontrei.

ST. ORBYN

Chega... Está tudo bem.

VIVIAN

Sabe, eu sei o que pensa de mim.

ST. ORBYN

Eu nunca penso nada acerca de ninguém. Eu meramente olho para elas e tiro as minhas conclusões e formo as minhas ideias.

VIVIAN

Bem, não tire as suas conclusões acerca de mim justamente agora.

ST. ORBYN

Bem, vamos pôr isto desta maneira – eu não *mudei* a minha ideia sobre ti.

VIVIAN

Obrigado. (*Aperta-lhe a mão*) Eu encontrarei a Juliet e contar-lhe-ei que você sabe tudo – que você é simplesmente o mais esplêndido dos amigos. (*Sai com um suave soluço e assoa o nariz com violência*)

ST. ORBYN (*agarrando na roseta e beijando-a*)

A mais b mais x. Menos x. Que se há-de fazer com este odioso menos x?

[*LADY BEAUVEDERE aparece nos degraus e, movendo-se para E, chama*]

LADY BEAUVEDERE

Está aí a Juliet? Saiu? Está aí o Gastão?

ST. ORBYN

Ah, querida Geraldina, vem cá para fora. Isto está encantador. Byron estava completamente errado quando disse que a alvorada não ficava bem às mulheres. Nunca te vi pareceres melhor.

LADY BEAUVEDERE

Não estou bem. (*Ela desce os degraus*) Estou tremendamente cansada.

ST. ORBYN

Vamos, põe isto à tua volta (*agarra no lenço de pescoço que o Vivian deixara na cadeira*) e senta-te aqui ao pé de mim. (*Ela senta-se*) Mas antes de começarmos a conversar agradavelmente e antes que o esqueça estás a ver isto? (*Exibe a metade do cheque*)

LADY BEAUVEDERE

Santo Deus! (*agarrando no cheque*) Onde é que encontraste isto?

ST. ORBYN

Da forma mais estranha. Lembras-te do dia em que eu escrevi contra a minha vontade na tua secretária?

LADY BEAUVEDERE

Perfeitamente.

ST. ORBYN

Bem entre outras estranhas possibilidades isto *pode* ter sido apanhado entre os meus papéis! Em qualquer caso, ele aí está e eu não tenho a mais pequena dúvida de que destruí a outra metade!

LADY BEAUVEDERE

Que divertido! Eu dei por falta dele, de facto, e estava um pouco ansiosa... Que coisa tão embaraçosa para se falar!

ST. ORBYN

E agora, que encantador baile que este tem sido!

LADY BEAUVEDERE

Fico contente que penses assim.

ST. ORBYN

Eu nunca me diverti tanto antes. Mas, espera, eu sabia que havia alguma coisa mais. (*Anda para D do assento*) Eu tenho uma pequena mensagem do Vivian para ti.

LADY BEAUVEDERE (*assustada*)

Vivian! O que pode ser?

ST. ORBYN

Minha querida Geraldina, uma ninharia para nós, mas para estas crianças um caso importante.

LADY BEAUVEDERE

Oh, Bertie, ele não está a querer *casar* com alguém, pois não?

ST. ORBYN

Devagar, devagar! Ainda és uma jovem no que toca às tuas emoções. Estás sempre numa agitação nervosa sobre se alguém vai casar ou não.

LADY BEAUVEDERE

Mas têm acontecido tantas coisas desesperantes esta noite que eu estou bastante enervada.

ST. ORBYN

Bem ouvi-me que eu posso esclarecer alguns desses mistérios. Parece que houve um pequeno mal-entendido entre Vivian e Lascelles. Sabes a espécie de arrebatado, absurdo...

LADY BEAUVEDERE

Sim, sim, o querido Vivian é tão impulsivo.

ST. ORBYN

Precisamente. Ele é demasiado impulsivo. Sem entrar nos méritos do caso... (*Olhando para ela fixamente*) isso podia ter levado a arranjar um duelo!

LADY BEAUVEDERE

Oh, Céus!

ST. ORBYN

O assunto chegou aos ouvidos de Miss Gainsborough. O seu primeiro pensamento foi, naturalmente, para ti: ela ofereceu-se para interceder, para fazer pazes.

LADY BEAUVEDERE

Que nobreza de coração de rapariga!

ST. ORBYN

Ela foi a casa do Lascelles. Ela defendeu a sua causa, conseguiu uma reconciliação, estava quase a voltar com as suas boas notícias para o Vivian, quando... talvez já saibas o resto...

LADY BEAUVEDERE

Oh, como eu estava enganada, que injusta! (*Levanta-se*) Mas eu confiei nela, eu disse-lhe isso, eu fi-lo na verdade. E ela fez tudo para me salvar. Oh, Bertie onde é que ela está? Deixa-me agradecer-lhe de joelhos! (*Olhando vagamente à volta*)

ST. ORBYN

Sim, ela merece isso.

LADY BEAUVEDERE

E agora que eu estava a começar a apreciá-la e a compreendê-la e amá-la é tudo demasiado tarde... demasiado tarde. Que mundo este! Eu estou tão zangada, tão tremendamente zangada.

ST. ORBYN

Zangada? Porquê?

LADY BEAUVEDERE

Ela rompeu o noivado com o Gastão.

ST. ORBYN

(*Controlando o seu espanto, levanta-se, anda um pouco para E, então fala*)
Mas sabes eu já esperava isso.

LADY BEAUVEDERE

Ela escreveu-lhe, parece, no mesmo dia em que estávamos todos a dizer coisas horríveis sobre ela. (*Levanta-se e dirige-se para ele*) Querido Bertie, és tão inteligente. Vamos fazer o nosso máximo para juntar estes dois de novo.

ST. ORBYN

Juntá-los de novo!

LADY BEAUVEDERE

Sim, pode ser um mero arrufo de amor. Fazer as pazes entre eles. Tu consegues estas coisas tão maravilhosamente.

ST. ORBYN

Geraldine, eu vou ser franco contigo. Eu não sei fingir, como sabes.

LADY BEAUVEDERE

Eu sei na verdade. Eu sinto sempre que posso ler-te como um livro!

ST. ORBYN (*com um pouco de pena dela*)

S-Sim, claro! Mas para ser honesto eu faria qualquer coisa para aumentar a tua felicidade, contudo, nestas circunstâncias eu tenho de pensar na minha própria. (*LADY BEAUVEDERE volta a sentar-se*) O facto é que há um obstáculo – um obstáculo insuperável.

LADY BEAUVEDERE

Qual é, por favor?

ST. ORBYN,

Há um outro homem. (*Senta-se ao lado dela*)

LADY BEAUVEDERE

(*Como se lhe ocorresse uma súbita suspeita*) Oh seguramente que não.

ST. ORBYN

Há. Eu posso tratar com qualquer outro tipo, mas com este em particular é a praga da minha vida. Os problemas que ele me tem dado de tempos a tempos, é inacreditável. (*Senta-se do lado D dela*) Contudo, eu, de certa forma, também gosto dele. *Eu* sinto-me obrigado a dizer que ele daria o melhor dos maridos para a Juliet.

LADY BEAUVEDERE (*ainda lutando com a suspeita*)

Quem é a pessoa? Eu não o conheço.

ST. ORBYN

Sim, conheces, Geraldine. Eu posso conhecê-lo melhor, talvez, mas tu conhece-lo suficientemente bem.

LADY BEAUVEDERE

Dizes que ele está apaixonado pela Juliet?

ST. ORBYN

Ele está doido por ela, absolutamente louco. E o homem que pensa numa mulher, tu sabes, é um observador muito rigoroso.

LADY BEAUVEDERE

Tu não podes querer dizer... *(os pássaros começam a chilrear)*

ST. ORBYN

Sim, quero, Geraldine. *(Levanta-se)* *Eu não durmo, eu não como, eu não consigo pensar, os meus ouvidos tocam, o meu coração dança. Eu nunca estive tão doente, tão ridículo, ou tão absolutamente feliz em toda a minha vida. Quando eu a conheci...*

LADY BEAUVEDERE

Queres dizer a Juliet?

ST. ORBYN

Sim, quando eu a encontrei pela primeira vez aqui, há dez dias atrás, eu estava exactamente à beira dessa disposição em que a vida parece ter-nos mostrado todos os seus prémios – e nenhum deles parece ter valido a pena. Conheces este estado de espírito?

LADY BEAUVEDERE *(suspirando)*

Oh sim!

ST. ORBYN

O amor é a única coisa. Geraldine. Quando eu digo amor não quero dizer toda esse absurdo de suspirar e estar a morrer, beijos ferozes, soluços e palpitações! Eu quero dizer afecto, devoção e uma profunda e inabalável confiança, quero dizer...

LADY BEAUVEDERE (*levantando-se atravessando para ele*)

Tu queres dizer de facto aquilo que todo o solteiro quer dizer quando fica cansado de namoriscar e quer casar com uma mulher jovem e bonita que não sabe nada sobre ele. Os homens, creio, para serem verdadeiramente felizes, têm de ter, pelo menos, um coração simples a que se possam sempre impor. A este processo eles chamam confiança e simpatia! Senhor, vocês nasceram todos uns impostores!

ST. ORBYN

É porque vocês têm essas opiniões sobre nós que nunca tive o mais pequeno desejo de vos enganar.

LADY BEAUVEDERE

Pensar que tu amas a Juliet... Oh, como é que estas coisas acontecem?

ST. ORBYN

Bem, digamos que está um lindo dia na primavera. Sugeres um passeio...

LADY BEAUVEDERE

Sozinha?

ST. ORBYN

Claro que não... Digamos que ela é bonita – digamos que estás contigo a desejar que ela te olhe directamente nos olhos outra vez...

LADY BEAUVEDERE (*em voz baixa*)

Digamos que o faz...

ST. ORBYN

Então achar-te-ás a desejar que ela o não tivesse feito?

LADY BEAUVEDERE

Mas porquê?

ST. ORBYN

Porque é perigoso.

LADY BEAUVEDERE

Não percebo.

ST. ORBYN

Não sei explicar.

LADY BEAUVEDERE

Foi assim que tu começaste a amar a Juliet?

ST. ORBYN

Não... isso foi como eu cheguei a amar muitas outras no passado.

LADY BEAUVEDERE

Então onde queres chegar?

ST. ORBYN

A questão é – agora que eu encontrei a Juliet – isso nunca voltará a acontecer outra vez... no futuro.

LADY BEAUVEDERE

Ouve os pássaros... Que felizes eles devem ser! Criaturas aladas – mais perto do céu do que nós estamos. (*Suspiros*)

ST. ORBYN

Tu não és feliz, Geraldine?

LADY BEAUVEDERE

Não especialmente.

ST. ORBYN

Contudo, tu és jovem, prendada, linda.

LADY BEAUVEDERE

Bah! Eu antes queria parecer velha e feia com qualquer objectivo – do que ser como sou – em vão!

ST. ORBYN

Em vão!

LADY BEAUVEDERE

Sim! Em vão! A beleza em certos casos é uma humilhação – nada mais.

ST. ORBYN

Isto de uma mulher com o mundo aos seus pés!

LADY BEAUVEDERE

Eu prefiro um amigo para o meu coração. (*Dá-lhe a mão dela*)

ST. ORBYN

Mas tu tens amigos. Eu sou um deles!

LADY BEAUVEDERE

Tu! O que significa para ti se eu sou amorosa ou odiosa?

ST. ORBYN

Nada! Eu penso só na tua alma!

LADY BEAUVEDERE (*libertando a sua mão e olhando-o indignadamente*)

Aí está! Eu sabia-o. (*Muda o seu tom para riso*) Que engraçado!

ST. ORBYN

Às vezes penso que desejarias não teres uma alma!

LADY BEAUVEDERE

Oh, eu gosto da minha alma mais do que o suficiente – mas ela nunca parece pertencer-me – ser *eu... eu própria*. Agora o meu rosto é *eu... percebes?* (*PRINCESA VENDRAMINI aparece no degrau acima deles*)

PRINCESA VENDRAMINI

Adeus querida Lady Beauvedere. Tenho que ir andando.

LADY BEAUVEDERE (*confundida*)

O quê? Tão cedo?

VENDRAMINI

São quatro em ponto agora e dentro de algumas horas eu deixo Paris para Constantinopla. (*Para St. Orbyn*) Dizemos Au revoir?

ST. ORBYN (*beijando-lhe a mão*)

Oh Princesa, nós encontramos-nos sempre demasiado tarde e separamo-nos demasiado cedo.

VENDRAMINI (*em voz baixa inaudível por LADY BEAUVEDERE*)

Oh Albert, pensar que preferiu aquela rapariguinha a mim... a mim! Nós dois juntos poderíamos ter governado os destinos da Europa!

ST. ORBYN (*beijando-lhe a mão outra vez*)

Só que nós não quisemos governá-los, pois não? A Europa está a tornar-se uma tal maçada!

(A PRINCESA VENDRAMINI atravessa para LADY BEAUVEDERE. Ouve-se dentro o riso de JULIET. Ela aparece com LORD LAVENTHORPE. Eles ficam de pé a admirar o nascer do Sol. Outros pares também saem e espalham-se atrás dos vários arbustos)

JULIET (*para LORD LAVENTHORPE*)

Não é bonito onde a luz bate nas árvores? Já só resta uma única estrela, está a ver?

LORD LAVENSTHORPE

Não.

JULIET

Então venha por aqui

(Ela desce e atravessa o palco com LORD LAVENSTHORPE. ST. ORBYN olha-a como se fascinado e está prestes a segui-la)

LADY BEAUVEDERE (*chamando*)

Bertie!

ST. ORBYN

Chamaste?

LADY BEAUVEDERE

Importas-te de levar Rosamund à carruagem?

(ST. ORBYN *esconde o seu desgosto, oferece o braço à PRINCESA e saem.*
LADY BEAUVEDERE *observa-os até eles estarem fora de vista, então ela senta-se e descansa o rosto na mão, parecendo perdida nos seus pensamentos*)

JULIET

Deixe-me aqui com Lady Beauvedere. Temo que ela esteja muito cansada.
(LORD LAVENSTHORPE *inclina-se com uma vénia e deixa-a*)

JULIET (*descendo timidamente*)

Está cansada? (*ajoelha-se aos seus pés*)

LADY BEAUVEDERE (*levantando-se*)

É você Juliet? Eu não posso dizer muito... Lord St. Orbyn contou-me tudo acerca do Vivian... e... você comportou-se muito nobremente. Eu quero que você... me perdoe. (*morde o lábio*)

JULIET

Oh, por favor, não pense mais nisso!

LADY BEAUVEDERE (*agarra-lhe as mãos, e olha para o rosto dela*)

Rapariga *sortuda!*

JULIET (*admirada*)

Porquê?

LADY BEAUVEDERE

Mas – ele é muito inconstante. Tenho de lhe dizer isto – muito inconstante.

JULIET (*inocentemente*)

Quer dizer o Gastão?

[ST. ORBYN *entra*]

LADY BEAUVEDERE (*apercebendo-se dele*)

Bertie (*atravessa para ele*) estava exactamente a preveni-la que um homem que todos nós conhecemos é inconstante e ela pergunta se eu quero dizer

o Gastão? *(Ela junta-lhes as mãos)* Explicas-lhe quem eu quero dizer? *(Ela ri-se e sobe os degraus para dentro de casa. Quando ela está fora da observação deles, o rosto dela altera-se. Ela está a sofrer.)*

(ST. ORBYN e JULIET estão de pé de mãos dadas olhando embaraçadamente um para o outro. O Sol torna-se mais brilhante ao mesmo tempo que o diálogo se processa, os pássaros cantam suavemente)

JULIET *(depois de uma pausa)*

Mas... não se devia estar a dançar?

ST. ORBYN

Ainda não... Oh, Juliet.

JULIET

Sim.

ST. ORBYN

Eu quero dizer-te quanto – mas se eu pudesse dizer quanto seria pouco – eu te amo!

JULIET

Porquê?

ST. ORBYN

Porque és bonita... e contudo não é essa a razão.

JULIET

O quê então?

ST. ORBYN

Porque és honesta... e também não é esta a razão.

JULIET

Bem, tente outra vez.

ST. ORBYN

Porque... oh, Juliet é porque me fazes esquecer todas as razões porquê.

JULIET

Então lembre-se das razões porque não. Eu sou pobre...

ST. ORBYN

Também os anjos o são.

JULIET

E depois...

ST. ORBYN

Bem queridíssima...

JULIET

... Faz-me esquecer as razões porque não.

ST. ORBYN

Juliet! *(Ele avança para a beijar)*

(Nesse momento, ouve-se música lá dentro: começa a última valsa. Os pares emergem de trás dos arbustos e de todos os cantos)

ST. ORBYN

Não 'stamos sós? *(Olhando à volta)*

JULIET *(nervosamente)*

Não se devia estar a dançar?

Fim da Peça de Teatro

Esta edição de
O Embaixador, uma Comédia em Quatro Actos
de John Oliver Hobbes (Pearl Richards Craigie)
foi impressa na Sersilito
sobre papel Munken Print White de 90 gramas no miolo
e Rives Tradition branco de 250 gramas na capa
com uma tiragem de 150 exemplares.
Acabou de imprimir-se em Agosto de 2021

